

**APRENDIZAGENS
DISTÓPICAS
APLICADAS À
PSICOLOGIA
DA EDUCAÇÃO**

APRENDIZAGENS DISTÓPICAS
aplicadas à psicologia da educação

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas
TOMO VIII

Luciano Bedin da Costa
Diego Souza Marques

Porto Alegre
2018

ÍNDICE

PARTE I - BASTIDORES

Apresentação / pág. 9

de Luciano Bedin da Costa e Diego Souza Marques

Por que ler a literatura fantástica? / pág. 11

de Demétrio Alves Paz

Ficção-científica / pág. 21

de Alexandre Sobral Loureiro Amorim

Escrita Criativa / pág. 24

de &. Migracielo

PARTE II - CONTOS PRODUZIDOS EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II

Toca estridente o sinal, de Caroline Modena de Medeiros / pág. 29

Bang!, de Artur Chagas Troian / pág. 32

Memento mori, de George Carlos Felten / pág. 35

A hora Dele, de Kaluti Rossi de Martini Moraes / pág. 38

A luta de matemática, de Luiza Ribeiro Dias / pág. 41

Excreção da hegemonia, de Ivana Amorim da Silva / pág. 44

Motricidade grossa, de Guilherme Leitão Duarte / pág. 47

O trabalho em grupo, de Ricardo Zorawski / pág. 50

Escafandro rotineiro, de Igor Lorenzatto Volkmer / pág. 53

A palavra com H, de Luiza Garibaldi / pág. 56

Pressão, de Larissa Deves / pág. 59

A fagulha em um mar de repressão, de Danilo A. Tiziani / pág. 63

Slides, de Caroline Aguirre Christovam / pág. 67

Sistemática Vegetal III, de Aline Goulart Rodrigues / pág. 69

1ª edição. Porto Alegre, 2018.

Projeto gráfico Kalany Ballardín da Rosa

Jaqueta Néelson Schenatto dos Anjos

ISBN 978-85-9489-104-4

Substância cinzenta, de Áurea Júlia Braga Rodrigues / pág. 72

Juliana, André Thomassim Medeiros / pág. 76

Tereza, de Letícia de Oliveira Braga / pág. 80

Sibilo, de Caique Martins Pena / pág. 81

Ano letivo, de Aline Jantsch / pág. 84

Um dia de aula, de Victor das Neves dos Santos / pág.87

A aula de matemática, de Jepherson Santos da Silva / pág. 88

Branca de Neve, de Clara Mossry Sperb / pág. 91

A Festa de Debutantes, de Verônica Medeiros Horn / pág. 95

PARTE III - CONTOS PRODUZIDOS POR LICENCIANDOS E

EX-LICENCIANDOS CONVIDADOS

81, de Natália Nodari / pág. 105

A decádent docência, de Daniel Leal Racheli da Silveira / pág. 108

Paz, de Luisa Nicoleite da Silva / pág. 113

Monstro-vianda, de Eduarda Ritzel / pág. 114

Aquários, de Victória Muccillo / pág. 116

Educação & Política, de Vinícius Ribeiro Correa / pág. 119

_POSFÁCIO

Sodoma e Gomorra: a educação entre berros apáticos e silêncios estridentes, de André Guerra / pág. 125

PARTE I

BASTIDORES

Apresentação

Luciano Bedin da Costa e Diego Souza Marques

— *Só mais uma pergunta, Sr. Mac. Donald. O que era aquele tiro e as terríveis cenas atrás das cortinas?*

— *Tiro? Sua imaginação é fantástica, oh meu menino.*

Mystery on Elm Street

Este livro é resultado da pesquisa **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com financiamento do CNPq e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS. *Aprendizagens distópicas aplicadas à psicologia da educação* é o tomo 8 de um dicionário que estamos publicando desde 2013, procurando provocar lugares, discursos e palavras no campo da educação e das licenciaturas. Este livro em questão é fruto de experimentações literárias oriundas de uma disciplina de Psicologia da Educação II, ministrada na Faculdade de Educação da UFRGS e destinada a estudantes dos mais diferentes cursos. Ao longo do primeiro semestre de 2017, os alunos matriculados nesta disciplina foram instigados a produzir pequenos contos a partir do que chamamos de “situações incômodo”, de memórias inconvenientes ligadas aos processos de escolarização de cada um dos participantes. É claro que o tratamento literário destas lembranças não se deu de modo automático. Para que cada autor (a) pudesse levar adiante seu pequeno punhado de memória, e para que as narrativas não caíssem no torno maciço da culpa, confissão, reparo ou redenção, foi necessário desenvolver um certo atletismo de desapego. Ao invés do mero acerto de contas com o passado [ideia que nos soava um tanto moral e utópica], buscamos junto aos participantes a operação de seu oposto. Chegamos então aos contos de terror, à literatura fantástica e a narrativas distópicas como estratégias de traição da literalidade da situação incômodo, compartilhando com os escritores uma série livros e autores que nos pareciam parceiros de um projeto como este. A passagem do literal ao literário se deu a partir da fabulação de outros itinerários ao suposto vivido e a sustentação de futuros distópicos improváveis.

Em termos formais este livro está dividido em três momentos. A seção I, intitulada *Bastidores*, traz algumas discussões teóricas acerca da literatura fantástica, da ficção científica e da escrita criativa, temáticas que nos parecem cruciais para que o leitor possa desfrutar de modo mais denso e reflexivo os contos literários que fazem parte da seção II. Agradecemos imensamente as contribuições de Demétrio Alves Paz, Alexandre Sobral Loureiro Amorim e de &. Migraciolo, pesquisadores da nossa mais nobre admiração e que se dispuseram a contribuir com três competentes textos, ajudando-nos na constituição de um interessante corpo conceitual problemático capaz de acolher as experimentações literárias dos estudantes. No que diz respeito aos contos da seção II, enquanto ministrantes das oficinas na disciplina de Psicologia da Educação II estamos muito felizes com o resultado alcançado e com a possibilidade de transformarmos todo este material em um livro. Embora os autores e autoras venham de tempos e lugares diferentes - alguns mais familiarizados com a escrita, outros nem tanto -, o que se lê no conjunto destas páginas é um potente exercício de experimentação, de estudantes que se dispuseram ao arriscado jogo da escritura, trazendo ao leitor uma constelação de eventos educacionais pouco convencionais e um tanto amargos aos paladares mais adocicados. A seção III conta com contos literários produzidos por estudantes e ex-estudantes de licenciatura, e que foram gentilmente produzidos a partir de uma provocação nossa. O leitor logo perceberá que há uma afinidade muito grande com o material produzido na seção anterior, não importando se determinado autor ou autor está ou não já graduado.

Na carona dos contos apresentamos ao final o contundente posfácio de André Guerra intitulado *Sodoma e Gomorra: a educação entre berros apáticos e silêncios estridentes*, onde somente o título já um convite à leitura. O fato de pensarmos em uma “aprendizagem distópica” não diz respeito à busca ingênua e romântica pelo caos, mas a aceitação [trágica] de que, junto à boa vontade, bom-mocismo e boas intenções, também somos inexoravelmente abraçados pela assimetria do informe, pela desmesura da memória e pela irresponsabilidade de nossas nobres e rasteiras paixões.

Estas são questões que a nosso ver pipocam nas narrativas do livro, ficando o desejo para que sejam agora apreciadas nas páginas que se seguem.

Por que ler a literatura fantástica?

Demétrio Alves Paz¹

Por que ler? Italo Calvino, ao referir-se à leitura dos clássicos, disse que os ler é melhor do que não os ler! Estamos diante de uma grande verdade. Afinal, a leitura de ficção nos propicia um conhecimento de mundo que, de outras formas, seria quase impossível de se obter. Por meio dela entramos em contato com diferentes culturas, pessoas, ideias e épocas. O escritor, a partir do momento que cria sua obra, constrói um novo mundo, povoado por personagens fictícios (imaginados), mas que nos ajudam a compreender a nós mesmos, conhecer novas pessoas, novas culturas, novas ideias, passamos por todo o tipo de situações que, provavelmente, não experimentaríamos de outro modo.

Ao lermos uma obra literária sentimo-nos mais próximos a outras pessoas. Gostamos de dividir experiências de leitura, comentar obras, personagens, autores, recomendar títulos e isso nos tira um pouco da rotina e nos faz pensar de forma independente. Um, dentre os vários benefícios reais da leitura, é ajudar a ampliar a nossa visão de mundo, assim como apresentar-nos novos universos. A leitura pode mudar tanto a nossa vida quanto a nossa concepção de cosmos. Ao transformarmos a leitura em um hábito e vê-la como um direito,

¹Pós-Doutor em Letras (UFRGS), Doutor em Letras (PUCRS), Mestre em Letras (UFRGS), Graduado em Letras (UFRGS). Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na UFFS/Campus Cerro Largo. Coordenador de área do subprojeto PIBID/Letras (CAPES).
E-mail: demetrio.paz@uffs.edu.br

muito mais do que um lazer, entramos em mundo novos, repletos de vários outros mundos, que se abrem ao infinito em cada nova leitura e descoberta nossa.

Nancy Huston (2010) concebe o ser humano como a espécie fabuladora, pois somos compostos por ficções. Para a escritora canadense, somos concebidos por meio de narrativas: nosso nome, nossa família, nosso país, nossa língua, nossa cultura, nossa crença, tudo foi criado por histórias. O que nos diferencia dos outros animais não é só a nossa capacidade de pensar e lembrar, mas também a de criar fábulas para tentar compreender o que significa, de fato, ser humano. Esse é um dos privilégios da literatura: ajudar a criar um mundo paralelo (muitas vezes semelhante) ao nosso e tão interessante e significativo quanto o que chamamos de real.

Necessitamos dar mais valor (e quem sabe mais tempo) à leitura, pois é por meio dela que aprendemos mais sobre nós e o mundo circundante. Ela ajuda-nos a suportar a dor, a melhorar o nosso universo interior, a curar nossas feridas internas, a esperarmos por um tempo melhor, a compartilharmos experiências e a vivermos melhor. Os textos literários apresentam uma riqueza ímpar em sua grandeza de nos mostrar o que sonhamos, o que não sonhamos e o que nem sabíamos que poderia ser sonhado. Eles podem nos apresentar a realidade que queremos ver, a que não queremos e a que nem sabíamos que existia. A riqueza dos textos reside em sua enorme capacidade de nos encantar por meio da linguagem, seja ela elaborada formalmente, informalmente, mas sempre criativamente. A habilidade de nos transmitir conhecimento, de nos contar algo, de nos fazer esquecer um pouco do mundo que nos cerca e de entrarmos em um universo novo, desconhecido, porém significativo. Nisso reside o caráter da leitura literária: transformação.

Por que ler o fantástico? O fantástico, o medo, o terror/horror e o sobrenatural sempre fizeram parte da literatura ou são algo novo? Para Lovecraft (1987, p. 1), “a emoção mais forte e antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”. Vejamos se o escritor norte-americano tem razão: Em *Gilgamesh*, uma das epopeias mais antigas que temos disponível, é o medo da morte que move o personagem à busca pela imortalidade. No final, ele compreende que a vida não está ligada somente ao corpo, mas também às obras realizadas. Se não fosse o medo do

fracasso, Agamenon teria ido sozinho lutar contra os troianos. Não precisaria da ajuda de outros guerreiros, nem usaria subterfúgios para isso na *Iliada*? O mesmo ocorre com Odisseu (Ulisses): perder a esposa (Penélope), o filho (Telêmaco) e o reino (Ítaca) fê-lo perseverar em sua volta para casa na *Odisseia*.

Alguns dirão que estamos exagerando, pois veem algo diferente nessas histórias. E isso é bom? Sim, muito. Afinal, a literatura é plurissignificativa. O medo, a coragem, a determinação, a loucura, a paixão, todos os sentimentos humanos estão ligados e são facilmente encontrados nas grandes obras. O Exagero de Heródoto (o pai da História. Logo, da “verdade”) no episódio de Esparta ilustra muito bem isso: 300 guerreiros espartanos contra um milhão de persas. Se essa não é uma das grandes hipérboles, não compreendemos mais nada.

As antigas religiões/crenças europeias e o cristianismo são fontes inesgotáveis do fantástico: lutas de anjos contra demônios, deuses X deuses, além da dualidade bem X mal foram um receptáculo para leitores e escritores desde sempre. A Antiguidade greco-romana, ou melhor, parte da produção que chegou até nós, influenciou toda a cultura ocidental. Da Grécia, um time formado por: Homero, Hesíodo, Esopo, Sófocles, Eurípides, Ésquilo. De Roma, Plauto e Terêncio, Virgílio, Ovídio, Petronius, Sêneca, Apuleio, Horácio. A matriz de histórias cujos temas foram tirados deles é quase infinita e incalculável. Deuses que se misturam com mortais, que tomam parte em guerras, que têm filhos com eles, que punem, que recompensam. A mitologia nórdica nos fornece um panteão de deuses muito significativo e presente ainda hoje. Devemos o universo das lendas arturianas, elfos, fadas e outros seres fantásticos aos celtas. Assim, temos heróis que servem de modelo e cujos nomes são usados ainda hoje. Façanhas que são adaptadas por cada geração de uma forma diferente: de pinturas ao videogame.

A Idade Média com a bruxaria (o que seria do imaginário cristão europeu sem as bruxas e os demônios?), as lendas do Rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, as vidas de santos, o teatro alegórico, os épicos nacionais: *El Cid*, *A canção dos Nibelungos*, *Beowulf*, *A Canção de Rolando*, *Príncipe Igor*, todos impregnados do fantástico.

O Renascimento com os homens em busca de um conhecimento infinito, que culminaria no surgimento de Fausto. Tanto as epopeias renascentistas: *Orlando Enamorado*, *Orlando Furioso* e *Os Lusíadas*

quanto as obras dos fundadores das modernas literaturas: Dante, Boccaccio, Chaucer, Rabelais e Camões estão repletas de fantástico. Da mesma forma, um mundo muito mais amplo foi revelado pelas aventuras marítimas e a primeira volta ao mundo: América, África, Ásia. E um novo imaginário de seres, povos, deuses e demônios revelado ao Ocidente.

O Barroco e o Maneirismo com seus santos e santas sendo tentados e tendo suas visões. O Iluminismo e sua crença na razão para explicar tudo (até o inexplicável), o (re)surgimento da democracia, a tentativa de compilar e divulgar todo o conhecimento. O Romantismo e sua sede pelo macabro, pelo grotesco e pelo sublime, o sonho de um mundo justo, livre e com mais amor. O Realismo e sua sede por retratar uma sociedade doente com o intuito de melhorá-la. O Simbolismo e sua recuperação dos estados oníricos. A literatura ocidental enriqueceu-se muito com esse manancial. E o legado disso é inegável.

O fantástico é estudado na academia? Sim! O marco nos estudos do gênero é a obra *Introdução à literatura fantástica* (1999), de Tzvetan Todorov. Contudo, como Jorge Luís Borges já salientou há bastante tempo: sempre há os precursores. Vamos a eles! Remo Ceserani (2006) aponta cinco estudiosos que, de alguma forma, influenciaram a conceituação do teórico eslavo. Para o filósofo e místico russo, Vladimir Sergeevic Solov'ëv, o fantástico não deve se apresentar como tal, mas de maneira discreta, remetendo ao fenômeno. O escritor Montague Rhode James manifesta ideia semelhante ao aconselhar a naturalidade dos eventos. Igualmente ele recomenda evitar a explicação natural.

Na França, três nomes destacam-se. Pierre-Georges Castex ressalta o papel que o cotidiano tem no efeito do fantástico, pois a realidade é invadida por ele, modificando-a. Para Roger Caillois a ruptura e a aparição são os dois elementos que balançam as bases da realidade quando aparecem nas histórias. Louis Vax, que estudou também o Surrealismo, acredita que o inexplicável produz a sensação do fantástico.

Partido de seus antecessores, Todorov expõe o fantástico de duas formas. Na primeira:

[...] Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, nem sílfides, nem vampiros,

produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós.

(1999, p. 30)

E o teórico assim finaliza:

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher um ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

(1999, p. 31)

Na segunda definição, mais precisa e completa, diz ele:

[...] Este exige que três condições sejam preenchidas. Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem. Desta forma, o papel do leitor é por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”.

(1999, p. 38-39)

Como se pode ver nas duas definições de Todorov, ocorre a retomada de vários elementos apontados pelos antecessores dele. Além das duas conceituações, ele apresenta as seguintes subdivisões:

Fantástico-estranho – “acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma explicação racional” (1999, p.51)

Estranho-puro – “nas obras que pertencem a este gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar” (1999, p.53)

Fantástico-maravilhoso – “na classe das narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam por uma aceitação do sobrenatural” (1999, p.58)

Maravilhoso-puro – “Os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos”. (1999, p.59-60)

Maravilhoso-hiperbólico – “Os fenômenos não são aqui sobrenaturais a não ser por suas dimensões, superiores às que nos são familiares”. (1999, p.60)

Maravilhoso-exótico – “narram-se aqui acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-los como tais; supõe-se que o receptor implícito desses contos não conheça as regiões onde se desenrolam os acontecimentos; por conseguinte, não tem motivos para colocá-los em dúvida. (...) pela mistura dos elementos naturais e sobrenaturais, o caráter particular do maravilhoso exótico”. (1999, p.61-62)

Maravilhoso-instrumental – “aparecem aqui pequenos gadgets (aparelhos), aperfeiçoamentos técnicos, irrealizáveis na época descrita, mas no final das contas perfeitamente possíveis”. (1999, p.62)

Maravilhoso-científico – chama-se hoje *science-fiction* (ficção-científica) - “o sobrenatural é explicado de uma maneira racional mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece”. (1999, p.63)

Se considerarmos a definição de fantástico de Todorov e todas as suas divisões, temos boa parte da produção ficcional ocidental. Ainda que o modo fantástico tenha um nascimento no final do século XVIII e início do XIX, ele sempre esteve presente em narrativas.

Um dado muito interessante é que vários escritores fizeram prefácios, textos explicativos, elucidativos sobre o gênero que escrevem ou inserem a discussão na própria narrativa. Remo Ceserani (2006, p. 144) declara que o fantástico “é um dos mais altamente autoconscientes” gêneros. Dentre os escritores que se ocuparam disso estão: E.T.A Hoffmann, Charles Nodier, Guy de Maupassant, Henry James, Edgar Allan Poe.

A reviravolta que a obra de Todorov causou é imensa. Ele fez com que muitos teóricos se voltassem para a sua obra e buscassem novas definições, complementar o que ele havia iniciado, responder a questões que havia deixado aberto, esclarecer pontos duvidosos ou pouco explorados por ele.

O fantástico é um ramo menor da Literatura? Não, não é! Vejamos: ele está presente em obras incontestáveis da cultura ocidental. O que seria de *Macbeth* sem as bruxas? E de *Hamlet* sem o espectro do pai dele? E a loucura (ou seria a lucidez?) de *Dom Quixote*? E os diversos *Faustos* (Marlowe, Goethe, Thomas Mann)? Riobaldo fez ou não o pacto?

O fantástico está só no sobrenatural? Que tal viver nos mundos de *1984*, *Fahrenheit 451* ou *Admirável mundo novo*? O horror que experimentamos lendo essas obras é maior (ou tão grande) quanto o que experimentamos lendo Poe, Lovecraft, Stephen King ou Clive Baker, por exemplo. O fantástico possui muitas formas, basta pensar nos mundos criados por, dentre outros, J.R.R. Tolkien, Terry Pratchett e George R. R. Martin? E os mundos paralelos ao nosso ou que possuem entradas pelo nosso de F.L. Baum, C.S. Lewis, J.K.Rowling e Rick Riordan?

Apesar de todos os exemplos, que demonstram uma tradição de diferentes fontes, a obra considerada a inauguradora do fantástico é *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole. Um dado interessante de ser

ressaltado é que grandes nomes do início do gênero são mulheres: Clara Reeve e Ann Radcliffe. Mathew Gregory Lewis é considerado um dos grandes nomes, pois levou o gênero a outro nível narrativo. Após o gênero cair em clichês e lugares comuns, Charles Robert Maturin dá novo fôlego ao gênero.

Numa esteira um pouco diferente do gótico, temos *Vathek*, de William Beckford. William Godwin, autor de *Caleb Williams*, é não só famoso pela sua obra, mas também por ser pai de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*. William Polidori, Walter Scott, Sheridan Le Fanu, Wilkie Collins, H. Rider Haggard, Conan Doyle, H. G. Wells, Robert Louis Stevenson são outros nomes dos países de língua inglesa na Europa com importantes contribuições ao gênero. Na América do Norte, avultam os nomes de Washington Irving, Nathaniel Hawthorne, Fitz-James O'Brien, Ambrose Bierce, H. P. Lovecraft e Robert E. Howard.

Edgar Allan Poe é um capítulo à parte do gênero e sua influência imensurável, principalmente após a sua descoberta e divulgação na Europa por Baudelaire. O autor de “O corvo” soube como ninguém mostrar as falhas do caráter humano, criando histórias e poemas que nos impressionam ainda hoje, depois de tudo o que veio depois dele. A sua influência no conto é enorme não só como escritor, mas também como crítico. Narrativas como “O gato negro”, “O coração delatador”, “O barril de amontilhado”, “O retrato oval”, “Berenice”, “O poço e o pêndulo”, assim como os poemas “O corvo” e “Annabel Lee” reverberam na mente do leitor por muito tempo. Não é à toa que Lovecraft (1987) dedica-lhe um capítulo em sua obra. O conto, em geral, e o fantástico, em particular, são modificados e levados a um outro nível por Poe.

Na Europa continental, em outras línguas que não o inglês: E. T. A. Hoffmann, Friedrich Heinrich Karl, Wilhelm Meinhold, na Alemanha. Na França, destacam-se os nomes de Victor Hugo, Balzac, Théophile Gautier, J. K. Huysmans, Prosper Mérimée, Guy de Maupassant são os principais representantes do século XIX.

Existe fantástico no Brasil? O início até pode ser indicado pela obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo. Outros românticos que têm ligação com o gênero são: Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo de Guimarães. Mesmo na literatura “realista”, da segunda metade do século XIX, há a presença do fantástico, tal como em alguns contos de Machado de Assis.

Entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século, o interesse pelo regional faz com que o fantástico apareça nas obras de Inglês de Sousa e Simões Lopes Neto, assim como posteriormente nas recolhas de Câmara Cascudo. O modernismo incorpora elementos de diferentes tradições e o fantástico está incluído. Macunaíma, uma das grandes obras do romance modernista, está repleta dele.

Apesar de o maior nome do gênero no país, Murilo Rubião, ter surgido na segunda metade do século XX, vários contemporâneos dele igualmente utilizam-se frequentemente do fantástico: José J. Veiga e Lygia Fagundes Telles. Até na obra de Guimarães Rosa encontram-se contos com a presença do insólito.

Atualmente, temos uma geração de autores dedicados ao gênero: André Vianco, Eduardo Spohr, Eric Novello, Carolina Munhóz, Christopher Katensmidt e Felipe Castilho são alguns nomes bem conhecidos e respeitados no cenário nacional. Além disso, editoras, feiras e eventos ajudaram muito na divulgação e na captação de leitores. Na cena gaúcha há escritores que investem maciçamente no gênero, tais como: Christian David, Enéias Tavares, Nikelen Witer, A.Z. Cordenonsi, Duda Falcão, Cesar Alcázar, Simone Saueressig, Da mesma forma, editoras com grande alcance nacional como Record, Autêntica, Leya, Rocco, por exemplo passaram a investir no gênero. No RS, Besouro Box, Argonautas e Avec são nomes ligadas diretamente ao fantástico.

Uma consideração (não) final

Paciente leitor, obrigado pela persistência de ler as elucubrações que duas décadas dedicadas ao ensino de Literatura nos proporcionaram. A leitura oportunizou-nos conhecer tanto novos povos, culturas, terras e planetas quanto diferentes. Conviver com seres fantásticos (nos dois sentidos da palavra), permitiu-nos sonhar um mundo melhor do que este em que vivemos. A literatura deu-nos uma destreza no trato com a vida e com o mundo circundante que talvez não tivéssemos de outra forma. Então, vamos aproveitar e ler o máximo que pudermos!

Bibliografia:

- LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror e o sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Curitiba: EdUFPR, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Ficção – científica

Alexandre Sobral Loureiro Amorim²

Para pensar movimentos de ensinagem/aprendizagem inseridos num espaço-tempo no qual vivemos *lançados inexoravelmente numa distopia biopolítica em meio a clones, roupas plásticas, megalópoles dotadas de vigilância ininterrupta, cyberspaço, guerras biológicas, robôs e ciborgues* (AMORIM, 2015, p.28) faz-se tarefa urgente um escrever rebelde por entre os meandros de uma metanarrativa tecnopanóptica na educação (e para bem além desta), em intensas tentativas de produção de diferença. Ficcional verbetes para (re) pensar os pesadelos educacionais num movimento delirante de criação de conceitos. Ficção-científica como um acoplamento (im)possível ao pensar a educação; *escrever em tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos(...), ambientes estranhos e imaginativos como um campo de prova para novas idéias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem* (MANN, 2001, p.6).

Não pretendendo entretanto operar (des)classificações literárias na escrita-criação deste verbete e desejando realizar uma (breve) tentativa de ir além das categorizações de base estruturalista na qual a Ficção-científica é apresentada academicamente, (in)tensiona-se trazer à tona outros problemas. Tomando a imaginação como capacidade de atualização, que (re)configura o existente-real, não estando portanto atrelada somente à mera fruição estética, mas como potência de pensamento e criação, pensa-se sobre sua intensa (e peculiar) possibilidade de dilatar o real, mantendo certa consideração por evidências científicas ao mesmo tempo que subverte suas leis.

A Ficção-científica aqui então, vem (re)tratada como ato-verbete - verbete-máquina-de-guerra - que propõe, insolente, um ficcionar da educação que pretende/planeja desterritorializa-la. Para tanto, propõe-se provocações ao pensamento em uma aprendizagem-insólita-em-tríptico, pois ensaiam-se pistas para um triplo-dispositivo conceitual que permite(-se) não apenas abrir e fechar, mas dobrar-se

² Médico, mestre em Saúde Coletiva e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

e redobrar-se sobre e em si mesmo - ao modo-olho de Deleuze sob(re) as mônadas de Leibniz ou tais quais os Bichos de Lygia Clark - numa fugidia intuição de que o escrever em/com/para a educação pode/deve configurar-se em movimentos inusitados, insondáveis, imprevisíveis.

Em um primeiro plano deste tríptico, se apresenta a Ficção-científica como **escrita-minoritária**, pois sendo em si uma literatura menor *não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior (...)*, sendo *modificada por um forte coeficiente de desterritorialização*. Ao trazer propostas de existência presentes-futuras (dever/devir de futurar tempos-mundos-corpos), especula necessariamente sobre novas línguas (mecânicas, telepáticas, alienígenas), novos (des)territórios (po)éticos/políticos para a invenção, onde *seu espaço exige faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política* e a poética de algo/algum que virá e, destarte, *o individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele* (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p.25-26).

Dobrando(-se) mais uma vez, (in)surge outro plano: a Ficção-científica como **narrativa-outridade**, pois ao permitir imaginar/vivenciar a diferença (num devir-outro), projeta o presente no futuro, um lugar/tempo/corpo em outro - um Eu em Outro - compelindo o leitor/espectador em seu encontro à tarefa de problematizar (ater-se a novos problemas, provocar o pensamento), agenciando acoplamentos de teorias (epistemológica, ontológica e existencial) e afecções com as quais, via de regra, não se é confrontado na vida cotidiana, corroendo certezas pré-estabelecidas sobre o existir. Compõe-se, neste movimento de encontro com/no outro, num provocativo corpo misto de *fascinação e angústia devido principalmente ao efeito de estranhamento* frente às textualidades/*possibilidades apresentadas* (AMORIM, 2015, p.26), tal qual no teatro de Brecht quando este nos *solicita que o habitual seja estranhado para que nele não se veja mais uma vez o que estamos acostumados a presenciar e vivenciar em nosso dia-a-dia* (MONTAGNARI, 2010, p.16) e sim aquilo de estranho - potência de estranheza - outridades que pode nos convocar (ou mesmo, em algumas situações, nos deslocar/desterritorializar) para outros territórios existenciais, encerrando esquemas de representação e potencialmente produzindo linhas de fuga.

Num terceiro plano (não necessariamente final, mas aqui criando

um intervalo com este fim) dobra-se a Ficção-científica como **ética-fabulatória**, antropofagizando Deleuze (em sua já antropofágica refeição de Bergson) em seus escritos sobre as artes (principalmente filmicas e literárias). Escrita como experimento, atravessar de acontecimentos que expandem o real apreendido. A fabulação como aquilo que cria e escapa: proposta de uma ética força-de-linha-de-fuga, dobrando mais uma vez a ficção em busca da desterritorialização, sendo esta última inclusive um componente próprio ao fabular (BOGUE, 2010). Desfazimento de certezas representacionais na produção do futurível: ética da criação livre, do fluxo, da possibilidade.

Ficção científica dobrada assim como um verbete, num tríptico insólito: tentativa de desterritorializações (im)possíveis para a educação em meio a distopia. Exercício-experimentação para transitar interzonas (espaços-tempos de acontecimento no “entre”, ocorrência nas entrelinhas), rebeldia educacional/institucional/acadêmica que deseja contaminar, tentativa de favorecer uma escrita composta de invenções estranhas e fabulações que permita(-se) dobrar(-se) conceitualmente como oferta de futuros impensados para ensinantes/aprendentes. Contribuições-pistas no delinear fuga(z) de narrativas-de-si em mundos/corpos-futuros-outros, apreensão do inédito como território prioritário para a ensinagem/aprendizagem: maquinações imprevisas para navegar tormentas e também (ora, porque não?!) pesadelos.

Referências:

- AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. *Corporeidades insurgentes: um ensaio sobre as (im)possibilidades da vida em um tempo de ciborgues*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.
- BOGUE, Ronald. *Deleuzian Fabulation and the Scars on History*. Edinburg: Edinburgh University Press, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- MANN, George. *The mammoth encyclopedia of science fiction*. London: Constable & Robinson Ltd, 2001. p. 1-26
- MONTAGNARI, Eduardo Fernando. Brecht: estranhamento e aprendizagem. In: *Revista JIOP no. 1*, Departamento de Letras Editora. UEM, 2010. p. 9-17.

Escrita criativa

&. Migraciolo³

PRIMEIRA ILUMINAÇÃO: DA IMAGINAÇÃO DO SEMPRE-PERCURSO DOS ACONTECIMENTOS : ÂNGULO DO DESEMBOCO. DO TEMPO

1) Seja de que modo e por que meio um CORPO possa conjugar-se a SONHOS, o modo como ele se conjuga imediatamente aos mesmos e ao qual todo pressentimento como meio tende, é a ESCRITA. Esta, contudo, só ocorre na medida em que o sonho nos é formulado; a nós humanos pelo menos, isto só é por sua vez Possível pelo fato de o sonho habitar a realidade de certa maneira. A disposição (receptividade) para obter produtos mediante o modo como somos refratados por sonhos apresenta-se como CRIATIVIDADE. Portanto, pela criatividade nos são incorporados sonhos e apenas ela nos fornece ESCRITA; pela NOMENCLATURA, ao invés, os sonhos são pressentidos e na escrita se geram SÍMBOLOS. Todo pressentimento, contudo, quer diretamente, quer por rodeios (através de certas LETRAS), finalmente tem de conjugar-se ao escrever, por conseguinte em nós à criatividade, pois de outro modo nenhum sonho pode ser-nos percorrido.

2) O efeito de um sonho sobre nossa disposição para a PRODUÇÃO, na medida em que somos repercutidos pelo mesmo, é CRIAÇÃO. Aquela escrita que se conjuga ao sonho mediante criação apresenta-se como EMANAÇÃO. O sonho indeterminado de uma escrita emanante apresenta-se num ENCONTRO.

3) Aquilo que no encontro alude à criação apresenta-se como sua CHEGADA, aquilo porém que faz que o âmbito do encontro possa ser apresentado em certas interações apresenta-se como a PALAVRA DO

ENCONTRO. Já que aquilo unicamente no qual as emanações podem se apresentar e ser postas em certa palavra não pode, por sua vez, ser emanação, então a chegada de todo encontro nos é dada somente a priori, tendo porém a sua palavra que estar toda à disposição a posteriori na realidade e poder ser por isso considerada conjuntamente com toda criação.

4) Apresenta-se como ÂNGULO DO DESEMBOCO uma clarividência de todos os percursos da criatividade emanante. Há de haver uma tal clarividência que reconheça a primeira emanação da imaginação do sempre-percurso dos acontecimentos, em conjunção com a que contém os percursos do pressentimento, e que se apresenta como o próprio sempre-percurso...

5) No ÂNGULO DO DESEMBOCO, por conseguinte, cantaremos a criatividade agregando a ela tudo o que a nomenclatura presente mediante seus símbolos, a fim de que se apresente a escrita emana-dora. Em segundo lugar, a esta última ainda agregaremos tudo o que pertence à criação, a fim de que se apresente também a escrita flamejante e a total palavra dos encontros, a VIDA PROLIFERANTE que a criatividade nos pode fornecer como em botão. No decurso desta iluminação, ver-se-á que há duas palavras chegantes (EMANAÇÕES?) da escrita criativa, como percursos da revelação em botão, a saber, TEMPO e IMAGEM, com o exame das quais nos ocuparemos agora.

6) Mediante a língua torrencial (uma das disposições de nomenclatura da nossa realidade) produzimo-nos sonhos como TORRENCIALIDADES, todas acontecentes no tempo. A partir destes coágulos de tempo são prismadas ou prismáveis as suas (dos sonhos) imagem, amplidão e ação retumbante. A língua espontânea, por sua vez, mediante a qual a realidade escreve a si mesma ou o seu próprio acontecer/incidir espontâneo, na verdade não proporciona nenhuma escrita da própria existência como sonho; consiste apenas numa palavra formulada por essa língua, com a qual torna-se Possível a escrita do seu devir-ovo espontâneo, de modo a tudo o que se apresenta às formulações espontâneas ser produzido em interações de imagem (IMAGINAÇÕES). A imagem não pode ser escrita torrencialmente, assim como o tempo não pode ser escrito como nossa expressão. O que são, porém, tempo

³ Migraciolo é autor dos livros *Novo Corpo Amoroso* (Outr&m Editorial, 2014), *Sveglia* (7Letras, 2010) e *A extinção da primeira pessoa* (Tambor/Fumproarte-POA, 2007). Blog: migraciolo.blogspot.com
Contato: buscavida@gmail.com

e imagem? São corpos? São apenas formulações ou também interações entre as vidas, tais porém que dissessem respeito à vida em si, mesmo que não fossem escritas? Ou são ações (ou encenações) restritas apenas à palavra da escrita e, por conseguinte, ao traço HUMANO da nossa realidade, sem o qual tais funcionamentos não podem ser atribuídos a vida alguma? Para estarmos suscetíveis ao âmbito dessas perguntas, queremos em primeiro lugar coagular a emanção do tempo. Por COAGULAÇÃO nomeia-se a produção translúcida (ainda que não transparente) daquilo a que um símbolo alude; essa coagulação é, porém, LINGUÍSTICA quando contém aquilo que o símbolo apresenta enquanto formulação imagética

7) O tempo é uma produção mnêmica implícita e latente em todas as escritas torrenciais. Sempre é Possível conceber um produto fora do tempo, embora se possa pressentir que sonho algum se confirme nele. O tempo é, portanto, absorvido da fonte da possibilidade dos encontros, e não uma formulação incorporada a estes; é uma produção da disponibilidade subjetivadora, implicitamente latente nas memórias torrenciais.

8) O tempo é produzido como uma amplidão amalgamante LUMINESCENTE. Ora, é verdade que se precisa pressentir cada emanção como uma produção expandida na inumerável atualidade de produções Possíveis no tempo (em expansão e repercussão a partir de tais produções); mas nenhum símbolo como tal pode ser pressentido como se expandisse EM SI um inumerável de produções. Não obstante, o tempo é pressentido desse modo (pois todas as emanções do tempo são simultâneas ao Amálgama). A produção genética do tempo é, portanto, uma ESCRITA CRIATIVA, e não um EMBLEMA. (Continua...)

PARTE II

CONTOS

PRODUZIDOS

EM PSICOLOGIA

DA EDUCAÇÃO 2

Toca estridente o sinal

Caroline Modena de Medeiros, licencianda em biologia

Subiram as escadas de acácia num som surdo de muitos passos juntos, que se escutava de dentro da sala como quem escuta debaixo d'água, ou melhor, como quem escuta com o ouvido encostado na madeira. Variados gritos camuflados e histórias indistinguíveis umas das outras, certamente sobre um fulano que beijou alguém atrás do armário de cartolinas e alguma outra sobre a bolada que a coitada da Ana levou bem no nariz, o que a fez perder todo o recreio na sala da enfermeira (que era só uma professora velha demais pra dar aula).

A porta da sala abre bruscamente.

Se escuta um risinho, um cochicho e um olhar debochado para o professor parado, firme, alto e robusto como uma figueira no meio da sala. Parecia, como a árvore, estar ali há umas boas décadas também. Lança um olhar julgador e sobe o canto do lábio em desprazer. Acima dele, esse de araucária pintada de verdade, um Jesus Cristo todo descascado olha para todos e toda a sala. Onipresente, Onisciente, Nada-Potente pregado ali em cima. Nem erguer o lábio ele podia, nem resmungar, nem ouvir a história da bolada. Mas observava.

Silêncio total. Uma curta risadinha a mais.

A sala, escura como na madrugada em plena dez da manhã. Exceto pelos fiapos de luz escapando - fresta da porta, persiana, retroprojetor querendo ligar. Agora cheia de a-lunos determinados a curtir o

escuro, desligados do ambiente de cabeça pra baixo, pra cima, pros lados (segurando um riso torto), nenhum para a frente. Um deles tocava um funk do momento em batidas lentas na mesa de MDF, dois trocavam papéis no fundo da sala, três dormiam e quatro – de 36 – escutavam o professor.

Que fala, com a voz rangendo, sobre uma tal de obrigação cristã.

Ninguém escuta, ninguém se interessa, o assunto tangencia a imoralidade enquanto navega aparentemente num tranquilo mar de histórias judaicas sobre a benfeitoria dos povos e a bondade humana...

Omissões.

Visualiza-se, da aula de história, uma biblioteca queimando em Alexandria, uma mesquita queimando na cruzada em Constantinopla, uma cidade toda de ouro queimando no império Asteca, muitas mulheres queimando – em Londres, Paris, Madrid e Salem. Na sala em questão a fumaça provém dos neurônios cansados mesmo.

Alguém boceja no extremo esquerdo da sala.
Segue-se um coro de bocejos.

Dor nas costas, as cadeiras de pinus pouco anatômicas começam a cansar os músculos recém estirados de correr pra cima e pra baixo. Educação física, 09h10min, recreio 10h00min, aula de religião, 10h15min, almoço, 12h05min. Tudo muito bem contado e compactado para fazer caber o espaço de tempo inútil para a maioria dos que estão aqui. Ainda são 10h30min, mostra o relógio no celular “tijolinho” na mesa de um dos meninos que dormem. Não há relógio pendurado ao lado do Deus na parede que, satisfeito, observa que se o tempo não passa para ele, não passa para nenhum de nós.

As quatro paredes brancas não falam nada.

10h32min. O tempo anda aos passos de quem caminha dentro de um lodaçal. Lento. Escorrendo. Infiltrando a sala em uma atmosfera sombria e sonolenta que já começa a gerar certa irritação. O sinal só toca em uma hora e meia mais ou menos... As meninas à direita cochicham entre si o menino que beijou alguém atrás do armário sorri satisfeito alguém morde uma maçã esperando ser silencioso o suficiente para não interromper a aula um desenho incompleto é deixado debaixo da carteira um livro velho é guardado na mochila do menino à direita do que cochicha para trás que

O estouro de um tiro ou rojão ou uma porta
sendo arrancada da soleira.
(11h33min)

– e então abre a porta da sala e inicia a corrida em manada até algo fora do campo de visão do olhar descascado do Senhor de madeira.

Bang!

Artur Chagas Troian, licenciando em matemática

TRIIIM TRIIIM.

Maldito despertador. Essa é a primeira coisa que sempre vem à cabeça quando esta porcaria resolve me acordar às 06:00 da manhã todo santo dia, a segunda coisa também é sempre a mesma: Hoje sim, hoje com certeza vou dormir cedo. Enrolo uns 10 minutos e lá vou eu pro banho para em seguida manter a rotina: café, dar a comida aos cães, escovar os dentes e pôr as irritantes lentes de contato que me ardem os olhos como se estivessem pingando ácido em minhas vistas.

Saio de casa e tudo segue aquele roteiro monótono até chegar na parada do ônibus que está vazia. Isso é bom, pois devo conseguir um assento vago. Cinco, dez, quinze, trinta minutos:

— Cadê a merda do ônibus? Indago, sozinho. Retiro o celular do bolso para acompanhar os minutos que vão passando lentamente.

Desisto da ideia de ficar observando o celular e resolvo aguardar o ônibus: sou uma pessoa paciente, penso. Sozinho naquela parada como se estivesse flutuando pelo espaço fora de órbita, passo a reparar na paisagem a minha volta: nunca fora tão interessante observar aquele gato preto sarnento revirando o lixo do restaurante aqui da frente... eis que surge um cachorro latindo e correndo em direção ao bichano: é agora que acontecerá a luta do século valendo aquele saco de lixo, pensei. Mas não, meus caros amigos, o gato preto olhou pro pobre cusco, se ouriçou todo e deu um miado com aqueles olhos vermelhos arregalados, o cão deu meia volta e fugiu em disparada. Eu ri e retomei a observar mais à minha volta.

Neste momento começo a suspeitar que algo não está no padrão

de sempre, observei que nenhum carro passara até agora, conseguia ouvir o som do vento e sentir a sua brisa neste dia cinza. Além disso, chove e para, chove e para, chove e para... O cheiro de chuva no asfalto surge sobre o ar e começo a sentir certa sensação de estranhamento, também me dera: dia nublado, gato sarnento e rua deserta, algo está errado!

O tempo passa, simplesmente o tédio me consome, sinto-me asfixiado como se mãos invisíveis agarrassem meu pescoço, tudo está preto, branco e sem graça, abro a mochila, pego o calibre 38 dentro, encosto a boca dele acima da minha orelha e disparo sem pestanejar.

BAAANG!

Tudo escuro, meu corpo é apenas uma sombra, as árvores todas negras, o céu cinza e tudo o que vejo são figuras sombrias de diversos formatos, meus olhos são luzes, brilham como se fossem lanternas.

— Acho que morri, queridos leitores.

O lugar em que estou é deveras sufocante, uma agonia toma conta de mim e saio correndo, a chuva começa a cair: sim, posso sentir que isso é chuva. Corro ainda mais depressa sem rumo, pulo entre uma pedra e outra que separa um abismo, escalo uma árvore para alcançar o cume de um morro, corro, corro e corro até chegar, finalmente, numa porta. Uma porta qualquer, mas vai me tirar dessa escuridão, pensei.

Invado a porta e lá está aquela sombra gorda falando sobre a II guerra mundial, na plateia mais sombras ouvindo com luzes tristes no lugar dos olhos, todos em silêncio, torturando-se para se manterem quietos, sem mexer um músculo, controlando até a respiração, fico alguns minutos, não aguento e saio correndo pela outra entrada.

— Caso eu volte para o mundo que eu estava acostumado, vou contar tudo isso para a minha tia crente, tenho certeza que ela virá cheia de teorias, mas isso está uma loucura e com certeza quero saber o que ela pensa a respeito.

Me deparo com uma figura corcunda falando sobre os átomos, nêutrons e um monte besteira, a plateia dessa vez está com um brilho de aspecto desesperador, o cheiro está insuportável, o chão é feito de dejetos, os espectadores não saem do lugar nem para suas próprias necessidades, saio correndo.

O quadro agora está frontal a uma imagem gigantesca, falando sobre calcular áreas, volumes e diversas inutilidades, ele mostra tam-

bém como diversos vetores se comportam em um espaço que só esse maldito gigante é capaz de enxergar, eu e as demais sombras com lanternas nos olhos estamos ali, sentados, entediados e sem entender porra nenhuma.

— O tédio me invade por inteiro. Aposto que vocês sabem do que falo!?

Saio de uma porta e entro em outra, as situações vão se repetindo, mudam apenas os assuntos, e eu não quero estar aqui. Estou prestes a gritar, procuro meu oitão na mochila, não acho, reviro tudo, estou surtando, simplesmente não aguento mais

TRIIIM TRIIIM.

Maldito despertador. Essa é a primeira coisa que sempre vem à cabeça quando esta porcaria resolve me acordar às 06:00 da manhã todo santo dia, a segunda coisa também é sempre a mesma: Hoje sim, hoje com certeza vou dormir cedo. Enrolo uns 10 minutos e lá vou eu pro banho para em seguida manter a rotina: café, dar a comida aos cães, escovar os dentes e pôr as irritantes lentes de contato que me ardem os olhos como se estivessem pingando ácido em minhas vistas.

Saio de casa e tudo segue aquele roteiro monótono até chegar na parada do ônibus que está vazia. Isso é bom, pois devo conseguir um assento vago. Cinco, dez, quinze, trinta minutos:

— Cadê a merda do ônibus? Indago, sozinho.

Memento mori

George Carlos Felten, licenciando em letras

O vento que fazia as grandes janelas baterem era muito mais gelado e úmido do que as paredes. Um assovio triplo podia ser ouvido, numa escala de notas contínua e aguda, que subia e descia os tons. Os ouvidos absolutos diziam que aquele som sempre começava com três notas bem específicas: Lá, dó# e ré#. Mas, não passava da ironia do vento batendo nos fios e formando o trítono medieval.

Não era um ambiente acolhedor. Definitivamente não era. Principalmente para uma quinta-feira fria de agosto em Porto Alegre. Corredores longos faziam aquele lugar ser quase um labirinto. Algumas coisas ainda restavam do seu antigo uso: um crucifixo, um pequeno altar vazio que não era mais usado há muito tempo. Tudo parecia ter sido largado às pressas.

Havia ali dentro qualquer coisa como um ar de hospital abandonado. Era um hospital abandonado. A última luz do corredor, mais ao fundo, não funcionava. Segundo sua vontade, porém, começava a piscar e abruptamente parava. Aquela era a lâmpada na frente do quarto mais temido do hospital. Ali, dizem os antigos, anos atrás, havia sido realizada uma seção de exorcismo que terminou em morte. Os mais supersticiosos diziam ainda ouvir os sussurros em latim... *crux sacra sit mihi lux, ... vade retro satana... ipse venena bibas...*

— Ei, senhor. Pela sua idade, o senhor estava na cidade quando tudo aconteceu, não estava? Poderia nos contar como foi?

— Meu filho, eu não estava só na cidade, eu era o enfermeiro responsável por esta ala naquele momento que terminou em... bem, você sabe, em morte. Mas já faz tanto tempo, que não vale à pena fal...

— Por favor, senhor. Precisamos contar esta história.

A história dava calafrios.

— Naquele dia, o cordial bom dia com os colegas da troca de turno foi algo diferente. Ao invés dos sorrisos, olhos vidrados. “O que está acontecendo?” “É Letícia, do quarto 106. Tivemos que amarrá-la. Não para de sussurrar coisas estranhas, palavras que ninguém entende... só vendo”. Tive que ver o que estava acontecendo.

— E você teve coragem?

— Hã... o medo, algumas vezes, nos impulsiona mais do que qualquer catapulta. Aproximei-me e Letícia estava falando palavras repetidamente. *Bellicosus eruditio est. Bellicosus eruditio est. Bellicosus eruditio est.*

— Desculpe minha ignorância, senhor...?

— César.

— Desculpe minha ignorância, senhor César. Mas o senhor sabe o que significa isso?

— Vocês não estudam mais latim na escola, né? Bom, no meu tempo estudávamos. Enfim, isto significa “belicoso” é erudição”.

— Eu não entendo...

— Nem eu. Até hoje não entendi direito o que significa “belicoso”. Mas, deixe-me continuar a história. Eu perguntei: “Letícia, o que está acontecendo?”, “*Bellicosus eruditio est.*”, “Letícia, por que você diz estas palavras?”, “*Bellicosus eruditio est.*”, “Letícia, por que você se preocupa tanto com esta ‘erudição’?”. Com essas palavras, ela estacou, me olhou de baixo para cima e proferiu com uma voz totalmente desfigurada: “TU ERUDITUS NON ES!” e soltou um grito gutural, mais grave do que qualquer baixo que eu já tenha ouvido em coral algum.

— Nossa, que horror.

— O pior era olhar em volta e notar que as outras enfermeiras estavam com tanto medo que mal podiam reagir àquilo. De qualquer forma, ela estava amarrada, ainda que a cama pulasse em um ritmo compassado.

[*Crux sa-cra sit mi-hi lux; non Dra-co sit mi-hi dux;*]

— Um frio arrepiante tomava o ambiente e subia pela espinha de quem observava a cena.

[*Va-de re-tro sa-ta-na; nun-quam suad mi-hi va-na;*]

— Ninguém conseguia medicá-la e a cama já quase não aguenta-

va. O chão era marcado pelas batidas que continuavam.

[*Sunt ma-la quae li-bas; ip-se ve-ne-na bi-bas;*]

— E então parava. Quarenta e duas batidas por vez. Nos intervalos, ela repetia suas velhas palavras, *Bellicosus eruditio est. Bellicosus eruditio est. Bellicosus eruditio est.*

— E era o tempo todo isso?

— Três dias por semana, todas as semanas. Eram ataques que duravam cerca de 1 hora e meia. Mas o desespero na equipe foi tanto, que o médico, veja só, mandou chamar o ministro religioso. Eu nunca tinha visto isso acontecer. Mas já havia bastante tempo que aquilo acontecia. Os enfermeiros e enfermeiras já não sabiam o que fazer. A medicina não trazia mais respostas. Todos estavam apáticos.

— E aí?

— Aí, eu não sei mais o que aconteceu. Sucumbi e pedi demissão. Mas eu posso te contar o que ouvi falar.

— Tenha a bondade.

— Bom, parece que quando o ministro chegou, a coisa ficou pior. As palavras de seu latim... *non draco sit mihi lux... nunquam suad mihi vana... sunt mala quae libas...* possuíram Letícia de tal forma que ela conseguiu se desvencilhar das ataduras e fugir pela janela.

— Fugir? Mas para onde? O que eles fizeram?

— Não sei, mas dizem que ela ainda aparece naquele quarto, todas as semanas. Para ser sincero, o pior mesmo é que até hoje eu ouço suas palavras, *tu eruditus non est.* Principalmente de noite, sozinho em minha cama, *tu eruditus non est.* Nunca mais fui o mesmo depois daquela sentença. *Tu eruditus non est.*

— Por isso o hospital ficou abandonado...

— Ninguém mais consegue ficar naquele quarto por muito tempo. Ou o paciente troca de quarto ou...

— Ou o quê?

— Eu já falei demais. Desculpe-me, eu tenho que ir.

— Mas, espere aí, seu Cesar. O senhor tinha dito que o exorcismo tinha terminado em morte. Afinal, quem morreu?

— Você conhece alguém que fale latim hoje em dia?

A hora dele

Kaluti Rossi de Martini Moraes, licenciando em matemática

A palestra segue sem tomar conhecimento da minha inquietude. Me remexo na cadeira e começo a suar frio. Fico indiferente ao barulho do ventilador que prossegue quase como um agouro. Me deparo com uma obra de arte abstrata feita por algum pupilo da tarde. Por algum motivo ela parece mais monstruosa do que deveria. Seria aquela criança estranhamente perturbada? O quadro branco se estende de ponta a ponta da sala, se sustenta, imponente. Tento me concentrar nele, mas a parte branca me atrai mais do que aquilo que está escrito. Uma oportunidade para esvaziar os pensamentos. Um convite quase reconfortante para deixar a mente livre. A manhã se desenrola no seu curso natural, mas algo me incomoda. Ainda não me dou conta. Não consigo me perder em meus pensamentos. Um pequeno movimento vai tomando forma com as pessoas. Começa inocente, a princípio, mas vai ganhando força à medida que o tempo passa. Sigo sem entender porque me sinto desconfortável, até ouvir um comentário trocado com grande animação. Percebo o que se passa imediatamente. O desconforto toma nova proporção. Sinto medo. Os outros regozizam o avizinhar daquele momento. Será que vai acontecer novamente? O próprio orador já desistiu do seu intento de manter a atenção das pessoas. A hora se aproxima. O apressado ritmo do relógio anuncia o inevitável. Todos à minha volta exaltados, acelerados, ansiosos por aquele sublime barulho. Malditos sejam com seus anseios torpes! Inconscientes da minha agonia, mas como poderiam?! Talvez seja um fardo que cabe a mim apenas, talvez alguém possa entender, se é que

haja alguma explicação. Eu já posso senti-lo arranhando o fundo da minha mente. Ele sentiu meu anseio por respostas? Será que consegue sentir a derradeira proximidade daquela hora infeliz? Aquele velho relógio de parede em cima do quadro, já desgastado pelo tempo, me encara e quase posso vê-lo sorrir da minha sorte. Cada batida do ponteiro me afasta do controle. Faltam segundos, que se estendem para minha agonia silenciosa. Todos à minha volta indiferentes ao meu dilema, devo fingir muito bem ser uma pessoa normal, mas o tempo passa e a hora Dele se aproxima. Assim como todos os dias foram, este será.

Então um barulho estridente soa, trazendo êxtase a todos, mas a mim, apenas o encarceramento. O meu próprio corpo. Uma prisão particular. Ele está no domínio mais uma vez. Consigo até sentir seu júbilo em estar no controle, como se pudesse estirar seus membros através do meu corpo e assim se espreguiçar e levantar para sua rotina. Eu nada sei sobre quem Ele é, sobre suas intenções, sequer sobre o que pensa. Apenas sei que Ele é. Assisto, aprisionado em mim, este estranho descer as escadas com minhas pernas, tocar as paredes com minhas mãos, observar com meus olhos. Durante seu processo ritualístico, ignora as pessoas me convocando. Ele tem a liberdade para fazer o que quiser, enquanto apenas arranho as grades de meu cárcere e agonizo pela falta de qualquer poder sobre minha carne. Ele tem total controle, mas ainda assim apenas se põe a andar. Como que em um ritmo próprio, anda. Como se nada mais no mundo tivesse alguma importância. Como se nada mais tivesse existência nessa realidade. Ele apenas anda. As pessoas conversam descontraidamente. Acompanho movimentos desconexos de alguns em torno de marcações peculiares feitas à giz no chão. Essa estranha sintonia segue enquanto os uniformes vão se encharcando de suor, guardando recordações dos momentos de contato mais íntimo com o pátio. Correm feito maníacos, como fazem barulho! Me sinto cada vez mais distante daquela realidade no abafado da minha cela. Mas não presencio essa cena por muito tempo, Ele continua em seu ritmo próprio, alheio às minhas observações. Não sei qual é seu intento. Seguimos costurando a multidão, esbarrando em um, esquivando de outro. O movimento é incessante, assim como se dá a sequência dos meus pensamentos. Será que observamos as mesmas coisas? Compartilhamos algum interesse? Minhas pernas prosseguem mecani-

camente, meu corpo é meu veículo e minha prisão. Restam apenas meus pensamentos, se é que eles são privados a mim ainda. Percebo que hoje é dia de espetáculo na arena. O som é ensurdecedor, uma mistura de gritos de guerra e comemoração com os resultados de embates físicos estarrecedores. Na arena, vale tudo pela posse daquele pequeno objeto inanimado que rola nas mais diversas direções. Mais uma combinação nada aprazível de suor, sangue e sujeira. Não entendo essa cultura, mas parece que Ele também não se detém por aqui. Não sinto nada de diferente, mas me agrada a ideia de seguir caminhando. Lembro com pesar da sala, seria bom nunca ter saído de lá. Nada sei sobre Ele, apenas que anda. Enquanto andamos, sigo no meu tormento. Vejo algumas pessoas se alimentando, meu estômago se revolta. As pessoas agem como se fosse um dia como qualquer outro, talvez de fato seja. Apenas desejo que o tempo passe logo, mas parece que Ele tem um ritmo próprio. Minhas pernas continuam num trajeto errático, visitando cada canto daquele lugar. Que será que Ele pensa? Sinto cada porção do meu corpo, mas não tenho qualquer domínio sobre o mesmo. É como se tentasse gritar mas não há som algum em resposta. É como se cada tentativa de tomar conta da situação e me livrar do cárcere tornasse mais absoluto o poder Dele. Por que Ele me escolheu afinal de contas? Nada sei sobre seus objetivos, apenas que é.

O sinal toca mais uma vez. Sob gritos de protesto de ritmos ofegantes, sob lamúrias preguiçosas de quem se arrasta para o retorno. O sinal é indiferente à vontade alheia e se faz ouvir muito distante. A tristeza e indignação de muitos é o prelúdio da minha liberdade. É hora de levar meu corpo de volta em segurança. Mais um dia se passou e esse estranho visitante nada fez com meu corpo. Eu ainda nada sei sobre quem Ele é, sobre suas intenções, sequer sobre o que pensa. Mais um dia se passa na sua presença e ainda nada sei sobre Ele. Sei apenas que, assim como o sinal o traz, também o leva.

A luta de matemática

Luiza Ribeiro Dias, licencianda em matemática

Hoje é terça-feira, um dia frio, 7h da manhã, e mesmo sendo o segundo dia útil da semana já estou cansada. Saio de casa quase atrasada (eu disse quase) e terminando de me arrumar. Vou caminhando para pegar o ônibus, mas é preciso atravessar a rua. E os carros não param, o sinal não fica verde para os pedestres e o T10 acabou de parar em uma sinaleira antes de chegar à minha parada, me dando a última chance de não perdê-lo. Mas tudo continua não cooperando e eu sou obrigada a me jogar no meio dos carros e sair correndo. A ideia de perder o ônibus é uma coisa que me motiva a fazer essas loucuras. De duas uma: ou eu sou atropelada e perco o ônibus ou consigo atravessar e não me atraso. Ufa! Segunda opção, consegui pegar! Agora uma hora de viagem, em pé, e se tudo der certo não terão acidentes nem congestionamentos pelo caminho.

Tive sorte! O trânsito estava tranquilo. Agora só esperar todo mundo descer do ônibus, que está sempre lotado. Mas como é o final da linha, sem pressa, estou com tempo. Vou caminhando até minha sala e só é possível escutar passos, o barulho do vento nas árvores, algumas pessoas em silêncio, um pouco sonâmbulas, afinal acordaram bem mais cedo para estarem aqui no Campus agora, e outras conversam baixo, talvez pelo mesmo motivo. Pego atalhos para cortar caminho, pois depois de um semestre já podemos tirar algumas vantagens de quem nunca esteve por esses lugares.

Entro no instituto de matemática e já vem aquele cheiro de hospital, aquela ala da emergência, algo que eu não gosto. Apesar de amar a matemática esse prédio não me remete a coisas boas. As paredes de tijolos laranja me lembram algo antigo, iluminação externa

quase não existe e se você ficar apenas no corredor é capaz de perder a noção e não saber mais se é dia ou noite, como uma máquina do tempo, mas que só vai para o passado.

Os alunos que chegaram antes de mim, alguns estão sentados no chão e outros apoiados nas paredes. É possível distingui-los entre veteranos, aqueles com cara de exaustos, quietos, pois ainda não há forças para se comunicar nesse horário; e os calouros, também chamados carinhosamente de “bixos” (não sei por que, mas enfim), falam até não poder mais, parecem bem dispostos, felizes em estar ali naquele horário, sem problema nenhum, e dispõem de toda energia de início da vida universitária. Por serem tão distintos, como se fossem bandos do mesmo gênero, mas de espécies diferentes, parecem dois grupos inimigos, e eu estou em cima do muro, sou o cruzamento das espécies, faço parte dos híbridos, sou metade veterana e metade caloura. Porém, todos com o mesmo objetivo: entrar naquela sala, sentar em um lugar que dê pra ouvir e enxergar bem e principalmente aprender o conteúdo.

Assim, cada um do seu jeito, todos esperam grudados na porta ansiosos para ela se abrir, o que sinaliza o início da competição interestespecífica. Nessas horas penso seriamente em fazer senhas e distribuir para termos o direito de sentar de acordo com a ordem que chegamos e evitar tudo, mas para isso eu teria que acordar mais cedo que o normal, me arrumar mais rápido e pegar um ônibus antes para tentar ser a número um da fila, arriscando ainda a ter algum colega que chegasse antes. Então, mudo de ideia em segundos e prefiro lutar pelo meu lugar mesmo. Eu posso, eu consigo!

Já se passaram 10 minutos do horário que aula deveria começar, o que é normal, pois a professora nunca chega na hora. Nunca! E isso vira motivo para deixar todos com os nervos mais à flor da pele. Olha, lá vem ela! Nem um “desculpa pelo atraso”, mas tudo bem. Porque mais um pouco a luta ia começar antes mesmo de a porta abrir.

Agora quem não estava perto da porta não a enxerga mais, impossível, têm umas cinquenta pessoas disputando para entrar na luta... Quer dizer, na sala. Mas a professora não acha a chave, é uma confusão. Surgem então várias almas caridosas para ajudar, e entrar primeiro claro, como se ninguém soubesse o que eles pretendem ao auxiliar na abertura da porta.

A PORTA ABRIU!

E QUE OS JOGOS COMECEM!

Agora voltamos no tempo, de uma forma biológica, numa luta por território, não existem mais veteranos nem calouros, somos todos “bixos”... Quer dizer, bichos. Não existem mais colegas, não existem mais espécies, somos todos predadores de uma mesma presa, não existe mais universidade, não existem mais regras de convivência, todos contra todos e um pensamento: “fazer o que for preciso para se apropriar de um lugar que seja o melhor de todos e ter aula”. Virou guerra, um empurra-empurra, uns mais fortes, uns mais jovens, uns mais experientes, uns que nem queriam estar na guerra, uns que só observam tudo, catatônicos, os atrasados e um grito! Um grito? Todos se olharam.

— Terça que vem vai ser a prova! Estudem! — Gritou a professora para obter ordem na sala.

Por um momento parecíamos estar calmos. Todos sentaram, todos conseguiram algum território, mesmo não sendo o escolhido para lutar. E agora? Essa história da prova é verdade? Ou ela só fez isso para nos aquietar? Ela não pode fazer isso? Porque não avisou antes? Só mais uma aula para tirar dúvidas? Agora todos voltados pra professora, enquanto ela escrevia no quadro o que queríamos que fosse mentira. Sim, a prova ia ser na próxima terça-feira. Achou ela que ia acalmar a turma com essa frase? Achou errado.

Agora a luta pelo território, também é uma luta de direitos, contra a prova, agora já não sei mais quem é da mesma espécie ou de espécies diferentes, quem é “bixo”, quem é veterano, quem sou eu. Estou com as mãos tapando os ouvidos, já estou nervosa com essa guerra toda. Estamos na universidade, somos adultos, temos que agir como tal. Não temos saída, ela falou tá falado, estamos encurralados com essa data da prova, vamos ter que aceitar, mas só eu penso isso, ninguém quer me ouvir, estão todos ocupados guerrilhando. Quem irá vencer? E afinal porque estamos lutando agora? E porque lutamos todas as terças? E as quintas?

Olho no relógio 10h10min, a professora ainda não passou a chamada, algo que já me deixa com mais raiva. Mas preciso ir se não vou perder o ônibus e chegar atrasada na próxima aula, no outro Campus, que só de pensar já piora toda a situação. Ela me paga! Não sentei onde eu queria, vai ter prova semana que vem e não assinei a chamada. Quinta-feira a guerra será pior, me aguardem.

Excreção da hegemonia

Ivana Amorim da Silva, licencianda em letras

Fora da zona urbana da cidade; cercado por grades cinzas, grossas e imponentes e por barreiras naturais quase intransponíveis, uma fortaleza se esconde. A floresta sombria que a encapsula desarma a curiosidade de quem enxerga ao longe, fazendo com que só possam adentrá-la aqueles que forem convocados e aceitos pelos poderes que lá dentro residem. Nesse lugar, diferente de seu entorno, chove constantemente, criando uma atmosfera gélida, úmida e verde musgo que adentra pelas janelas dos prédios e que inibe a luz das lâmpadas. Nos corredores de cada torre desse castelo segmentado, ventos uivantes invadem as vidraças quebradas na tentativa de trazer frio aos corpos já finados, defectivos e embalsamados que vagam de sala em sala: são dementadores sem alma, sem sistema orgânico, sem expressão.

Controlados por um reinado autoritário, que se esconde numa torre distante e não visitável, esses semi-vivos tomam corda a partir das ordens dos membros da corte, que conservam e dão continuidade ao feitiço que envolve esse território e aqueles que nele pisam. Dotada de poder, essa casta superior é a parte principal do controle, a peça fundamental do regime. São seus integrantes que giram as manivelas encaixadas nas costas dos corpos sem vida toda vez que lhes encaminham uma tarefa ou lhes chamam pelo nome etiquetado no peito de metal. São eles também que recortam exatamente aquilo que deve ser absorvido por esse público que só ouve, mastiga e engole o que lhe vem; jamais deve interagir, questionar ou duvidar. O direito, portanto, está na mão deles e ao lado deles somente.

Numa manhã, que mais parecia a continuidade de outra noite

qualquer, chovia mais que o normal. Os visitantes usuais, tropeçando com lama nas botas, tiveram dificuldade em escalar a montanha que dava acesso ao forte - pareciam haver mais nuvens pesadas bloqueando a passagem, e a água, que escorria por todos os caminhos, atrapalhava a caminhada desses corpos zumbificados. Parte dessa multidão apodrecida, ainda mais destroçada devido ao árduo caminho, entrou no primeiro prédio, cambaleou as escadas e enfiou-se na quinta porta à esquerda. Tinham recebido uma pista prévia de qual seria a função do dia: novamente absorver um discurso expositivo da corte. A sala tinha a cor que as janelas deixavam ter: um quase completo cinza. Quebradas e todas iguais eram as cadeiras que acomodavam os cadáveres. Logo em frente, distoando delas, estava a grande, maciça e escura mesa, que quebrava a unicidade de pigmentação do espaço: era o trono da grande presença temida, singularmente viva e dotada de linguagem – a inquisidora.

Com vestes roxas e pesadas, óculos na ponta do fino e comprido nariz e sorriso endereçado somente aos mais mortos (seus preferidos), ela entreolhava o barulho da cada queda de corpo em cada pedaço de madeira antiga à medida que o relógio enorme de parede tiquetaqueava. Considerava-se a melhor e, segundo seus superiores na corte, realmente era. Utilizava, potanto, aquela sala e seu púlpito da maneira que tinha vontade. É verdade: ela havia circulado por todas as teses, todas as teorias, todos os textos. Cada pequeno espaço das bibliotecas já recebera seu toque e sua absorção. Porém, nada do que lhe dissessem além de suas leituras e opiniões importava ou poderia ser verdadeiro. Para ela, se não foi dito pelos grandes, não merecia ser dito. E lógico, nenhum daqueles moribundos era um dos grandes aos seus olhos. Quando o relógio tocou, ria consigo da situação funesta do espaço, inflando seu ego e flutuando acima dos demais. Era a hora de afirmar seu lugar de nobre e seu conhecimento absoluto.

Entre suas falas, no ápice de sua habilidade linguística e de seu discurso retórico, dois corpos de manivelas um pouco frouxas cruzaram a barreira do feitiço absolutista daquela mulher e daquela atmosfera, tentando, entre si, travar algumas sílabas além dos balbucios usuais que expressam cansaço e dor entre os seus semelhantes. Era incrível: eles haviam notado semelhança entre essa palestra e uma anterior, mesmo com tão fraca e tão controlada capacidade cognitiva naquele meio. Nessa tentativa, resquícios de sangue circularam em

seus rostos, fazendo-os ir do cinza chumbo a um bege tímido, o que logo atraiu os olhos dela, que verticalmente falava ao centro da sessão. Em poucos instantes, parou o monólogo, girou todo o imenso e assustador pescoço, enfureceu as artérias do rosto até chegar ao tom de vermelho aberto, semicerrou os olhos, arqueou as sobrancelhas e gritou tão estridentemente que todos os cadáveres se moveram por pequenos segundos. Ela não poderia aceitar tamanha audácia, afinal nada era mais importante que suas próprias palavras e impressões. O que o poder, ao qual fazia parte, pensaria disso? E se a vigilância soubesse? Surte em si um desejo mortífero, visível a todos. Um dos falantes enterra-se novamente em si - morto, decapitado, pó. O outro, divergindo as leis, gagueja as palavras escassas que ainda lhe restam no cérebro enferrujado que carrega debaixo da casca - queria justificar, mas não conseguia. Numa raiva ainda maior, a cruel pede para que ele fale mais alto o que disse, no desejo de o julgá-lo por toda e qualquer afirmação que viria a seguir. Ele falha ainda mais, esverdeando com a tontura despertada pela situação. Uma sensação crua lhe invade como adaga ao peito, mas ele não entende o porquê de sentir. Enquanto a inquisidora retorna sua função, ainda tão enfurecida e incrédula do fato, surgem lágrimas no rosto do cadáver. Mesmo despedaçado e seco num terreno não adubado ou fértil, água, que não a da chuva lá fora, molha seus restos apodrecidos. Nenhum presente lhe nota, nem mesmo o corvo pousado a janela. Nota, pois, toda a coloração, toda a floresta circundante, todo seu estado vegetativo. Dedos necrosados que seguram lápis, líquidos estranhos que habitam as entranhas, metal na caixa torácica que prende um pulmão negro e um coração doente, ossos que envolvem o que antes era uma feição comum; porém, olhos que, novamente, choram.

Como? - se pergunta.

Volta a encarar as vidraças quebradas enquanto todos continuam encarando o pedestal e a figura por trás dele. Num instante inusitado, desafiando as leis da feitiçaria, vê cair, no sólo arruinado, uma espécie de fruta de uma árvore seca.

Como? - continua a se perguntar.

Dessa vez o pássaro nota, tanto a queda quanto o rosto a fitá-lo, e foca o olhar no cadáver destoante. Ambos souberam.

Todo e qualquer resquício de humanidade é excretado pelo sistema hegemônico do silêncio, da norma e do poder.

Motricidade grossa

Guilherme Leitão Duarte, licenciando em biologia

As aulas de educação física às vezes parecem um universo à parte do resto do colégio. Tem espaço para todo tipo de aluno. Desde os que são excelentes esportistas, independente do esporte praticado, aos que são extremamente desajeitados. No meio destes existem aqueles que dominam somente uma ou outra modalidade de esporte. E é curioso notar como alunos que são colegas desde a pré-escola se desenvolvem diferente. Independente de como é a formação esportiva de cada criança, ela vai influenciar nas suas habilidades físicas no futuro.

Era o terceiro trimestre do ano, o mais esperado por alguns, pois seria a vez da prática de futebol nas aulas de educação física. Para alguns o melhor esporte do mundo, para Gabriel não fazia diferença. Para ele o futebol não passava de um bando de gente correndo atrás de um pedaço de couro inflado com ar. Não conseguia ver graça naquele circo todo. Mas é fácil de entender isso: ele nunca encostava na bola. E quando encostava não tinha a menor ideia do que fazia.

A essa altura do ano os dias já estavam bonitos, quentes e com sol, convidativo à prática esportiva. Essas condições climáticas permitiam que as aulas fossem ao ar livre, o que já causava mais mal estar em Gabriel. Aulas no pátio, normalmente, tinham maior público. A quadra, com piso de concreto, era boa de jogar. Tinha grande aderência, bem plana, tamanho oficial e as marcações das linhas e goleiras eram razoáveis. Entretanto, o piso parecia uma lixa que, aos poucos, com o sol forte aquecia e se transformava em uma chapa capaz de fritar um bife bem passado.

O professor era um cara bacana, conhecia todos os alunos e

suas limitações. Ele realmente se importava com o que fazia e queria que todos melhorassem seus desempenhos esportivos. Entretanto, algumas pessoas não tinham aptidão para esporte algum. Parecia que nunca tinham exercitado o corpo. Faltava-lhes noção de tempo e espaço, mal sabiam caminhar e desconheciam sua própria força. Gabriel era o típico exemplo disso. Não havia desenvolvido a motricidade grossa na idade adequada. Já havia quebrado alguns ossos do corpo e apresentava aquela cicatriz embaixo do queixo, de quem caiu de papo no chão e precisou de pontos. Por esse motivo sempre tinha um público cativo que reverenciava suas inabilidades. O que era um verdadeiro pavor para ele, era algo extremamente divertido e engraçado para outros. Sua sorte era que não existiam câmeras digitais, tampouco smartphones naquela época.

Durante a aula Gabriel geralmente chamava a atenção com suas jogadas peculiares. Tinha de buscar a bola longe toda vez que a chutava sem direção. Após os exercícios, ao fim da aula, sempre tinha uma partida de futebol. A famosa pelada. Para alguns era considerada como final de copa do mundo. Para outros, um jogo normal. Para Gabriel era algo sem sentido. Se pudesse, não participava. Ou jogava de goleiro. Mas isso ninguém queria, pois seria derrota certa. O melhor era deixá-lo jogando na linha, mesmo que isso significasse ter um jogador a menos em quadra.

Durante a divisão dos times, Gabriel sempre foi o último a ser escolhido. Isso já nem o incomodava mais. Durante os jogos, o público gostava de assistir suas jogadas e se divertia, mas, ao mesmo tempo, o incentivava de maneira sarcástica:

— Deixa de ser fominha...Toca pro Gabe! Toca pro Gabe, pô!

— Vai que é tua Gabrieeeelllll!

E assim por diante. Quanto mais ele se esforçava, mais jogadas bisonhas aconteciam. Era um sistema escancarado de satisfação de prazeres doentios que se retroalimentava à medida que “apoiava” Gabriel.

Nesse dia algo parecia diferente. Gabriel tinha uma disposição que não era comum naquele corpo. A aula na rua, o sol e a quadra pareciam fazer bem para ele que se esforçava como se jogasse um campeonato. Não que estivesse jogando bem. Mas porque tinha vontade de jogar como nunca. A galera da arquibancada sentiu esse momento e estava concentrada acompanhando como seria o desfecho do jogo. Seu desempenho era muito acima do esperado. Parecia que andava trei-

nando por conta. Conseguia correr relativamente bem e acompanhar o time e algumas vezes experimentou um que outro chute na bola.

Depois do primeiro jogo Gabriel foi elogiado pelos companheiros e pelo professor. Não tinha falhado seriamente, nem comprometido o time, e isso era estranho. Mas, quando volta à quadra toda empolgação e estranheza acaba em uma das jogadas típicas de Gabriel. Em um lance rápido ele se esborracha no chão. Ninguém entendeu como aconteceu. Nem o professor, nem mesmo Gabriel. Ele, que mal sabia correr, quem dirá cair. No tombo, raspou joelhos, mãos, cotovelos e queixo na lixa quente que servia de quadra e lá ficou por alguns segundos, até que o calor do piso o obrigou a levantar. Queria continuar jogando, mas não teve jeito. O ar quente e o suor que escorria ensanguentado forçou nosso atleta a se aposentar das quadras. Sua antiga cicatriz no queixo já não existia mais, pois havia passado por uma sessão de um belo *peelling* facial.

Q trabalho em grupo

Ricardo Zorawski, licenciando em letras

Nunca me senti confortável fazendo trabalhos em grupo. Tanto na escola quanto na faculdade. Enquanto a maioria dos alunos comemorava quando a professora pedia para se reunirem em trios ou quartetos, ficava silenciosamente feliz quando descobria que a avaliação seria individual, especialmente durante o ensino fundamental. As paredes baixas e brancas da sala de aula, desbotadas e quase claustrofóbicas, as mesas minúsculas e cadeiras de madeira dispensadas perfeitamente – como em uma espécie de fábrica, onde vários pequenos humanos eram manufaturados – formavam uma imagem intimidante na cabeça de um jovem introvertido.

Os operários industriais entravam em fila e sentavam-se com obediência na classe designada a seus nomes. A supervisora confirmava a presença de todos recitando mecanicamente uma lista de chamada, respondida por cada criança, uma por vez – é claro que, muito antes de qualquer outra coisa, a prioridade máxima é o cálculo do percentual de presença. Depois de tudo pronto, os trabalhadores podiam exercer sua função principal: a de baldes, nos quais frases soltas e verdades absolutas são despejadas até que tudo transborde e não exista mais espaço para mais nada. Finalmente, depois de tudo despejado, a automação e a apatia de todos era lentamente substituída por uma ansiedade pululante: hora de formar equipes.

De qualquer forma, me incomodava profundamente com professores que pareciam ter uma espécie de fetiche com trabalhos em grupo, um atrás do outro, todo dia, em cem por cento das avaliações

– muitas vezes sequer dando uma avaliação individual no ano inteiro. No segundo em que havia menção a uma avaliação em grupo, os murmúrios de aprovação de uma classe inteira enchiam os ouvidos e transmitiam calafrios pela espinha.

As luzes brancas, muito intensas e combinando com a parede, iam perdendo o aspecto industrial na medida que os alunos começavam a demonstrar felicidade e antecipação, se levantando aos poucos de seus assentos. O rigor e a seriedade se esvaíam lentamente, dando lugar a uma felicidade e loucura da qual eu não compartilhava nem compreendia e, tão logo a ordem para a formação de grupos era dada, estava num hospício: todos os pacientes da classe tinham absoluta certeza de que não eram mais humanos, mas sim pequenos pedaços de uma grande ameba, precisando desesperadamente se reunir novamente em uma só massa no núcleo principal. Uns passando por cima de outros, outros brigando vorazmente para se reunir em seu aglomerado celular preferido, alguns perecendo nos cantos por não conseguirem achar pares, se arrastando lentamente até outros restos em notável miséria.

Muitas vezes me distraía ao observar o ambiente deveras bizarro que tomava conta da sala, e isso era o suficiente para que um dos organismos se aproximasse de mim sem ser notado e me absorvesse para dentro de sua insanidade coletiva. A partir daí, já não possuía mais controle de meus próprios membros, pois as várias vozes que falavam ao mesmo tempo dentro da ameba também controlavam seus deformados apêndices. Sempre havia um segmento líder, que cuspiam ordens para todos e delegava as funções a seu bel-prazer, silenciando a oposição. O restante se dividia entre o segmento operário, que logo começava suas funções sem questionar, buscando a maior eficiência possível e pressionando quem não estivesse rendendo tanto quanto eles, e o segmento revoltado, que causava tensões no grupo, sempre insatisfeitos ou com o desempenho de alguém, ou com o líder por acharem injusta a delegação de funções. Por fim, havia eu, que me esforçava para não incomodar ninguém e apenas deixava os processos mentais compartilhados da ameba me guiarem até que o trabalho estivesse pronto.

Tenho certeza que, provavelmente, o cenário não era tão caótico quanto eu o via, mas por anos fui aterrorizado pela incompreensão.

Talvez seja um incômodo estranho para se ter quando se almeja ser um professor, mas fazer o quê – esse tipo de obstáculo eventualmente acaba sendo superado, e com o tempo as intensas luzes brancas dão lugar a uma leve iluminação solar pela janela, a organização industrial das cadeiras se torna uma bagunça feita por pessoas interessadas em estarem ali e as amebas excitadas vão ficando mais dóceis e superam suas necessidades primais.

Escafandro rotineiro

Igor Lorenzatto Volkmer, estudante de fonoaudiologia

O morro vizinho do prédio de Ícaro ainda está escondido por trás da cortina negra da madrugada e da neblina densa que pairava no ar, quando o jovem acorda para mais um dia de sua desmotivante rotina. Mal abre seus olhos e já está pensando no pesadelo que irá viver na escola, mas mesmo assim ergue-se da cama com a dificuldade natural de uma noite mal dormida e vai se aprontar, seguindo a mesma sequência de atos.

Tomando seu café, recorda-se de todas as piadas que já foram feitas sobre ele durante todos os anos de escolarização até ali. Por ser um jovem acima do peso, Ícaro sofria com os apelidos e humilhações pelas quais passava, num lugar que já não lhe era aconchegante. Na sala de aula, via-se cercado por paredes que tinham o tamanho certo para prender-lhe num pesadelo profundo. As mesas, cheias de rabiscos e com seus cantos lascados pelo tempo, eram usadas de forma conjunta em duplas, o drama de sentar-se junto com alguém que zomba de você não ocorria com Ícaro, sentava-se sozinho, visto que nenhum de seus colegas sentaria em seu lado. Quase sem janelas, a sala tornava-se insuportavelmente quente em alguns momentos. O que praticamente obrigava Ícaro a sair caminhando por entre seus colegas, que juntos formavam algo semelhante a um corredor da morte assombrosamente intimidador e que parecia ter quilômetros de extensão até a porta de saída.

Após um de seus piores dias, Ícaro voltou para sua casa decidido de que largaria a escola, não era mais capaz de suportar o terrorismo psicológico que era feito todas as manhãs, precisava tomar alguma

atitude que lhe possibilitasse acordar desse pesadelo eterno. Mais uma manhã começa e, já prevendo seus problemas, Ícaro entra em desespero. Totalmente despretensioso chega em sua sala de aula, que era chamada internamente por ele de “sala de tortura” e vê, sentado sozinho na última classe, um garoto que ainda não conhecia. Sem perder tempo, com a esperança de finalmente conhecer alguém que poderia não fazê-lo se sentir numa vida resumida em humilhação e obscuridade, aproxima-se e dialoga com o novo colega.

Horas se passam desde o início da conversa, mas ninguém entra na sala. Ícaro, já sem entender o que estava havendo, começa a se questionar onde estava. Reparando nos detalhes da sala, via que algo estava diferente. As paredes já não sufocavam-no mais, as mesas já não eram mais rabiscadas ou lascadas e a única pessoa do local estava ao seu lado.

Saindo pela escola, Ícaro notou que não havia ninguém em lugar algum. Assustado, saiu pelas ruas tentando encontrar uma viva alma, mas não há pessoas na rua também. Resolve então, após muita procura, voltar para sua casa. No caminho Ícaro avista alguém ao longe e tenta correr para alcançar, mas, devido ao seu sobrepeso, não passa de dez passos e já está completamente cansado.

Extremamente frustrado, começa a pensar nas diversas piadas que eram proferidas por seus colegas e, por decepção consigo mesmo, começa a concordar com o que lhes diziam. Pouco a pouco Ícaro torna-se seu maior inimigo, praticamente adotando duas personalidades: A primeira, do jovem acima do peso que sofre todos os dias com piadas e psicologicamente terrorizado, que já desistiu de tudo. A segunda, um representante de todas as pessoas que humilharam e tornaram seus dias verdadeiros infernos pessoais. Ao chegar em casa Ícaro sobe para seu quarto e deita em sua cama, cansado e ainda confuso com o que havia passado durante o dia, cai num sono profundo.

Num súbito movimento, Ícaro levanta da cama e desce para a cozinha, quando se depara com sua mãe aos prantos perguntando ao seu pai o motivo daquilo ter acontecido. Querendo entender melhor, se aproxima e pergunta o porquê do choro de seus pais, mas é estranhamente ignorado. Sai pela porta dos fundos, cruzando o pátio pelo caminho mais curto até sua escola. Lá, novamente está sozinho, apenas com o novo colega que estava sentado no mesmo lugar.

Querendo acabar com aquela angústia que lhe era muito mais agonizante do que todas as piadas e agressões, Ícaro pede ajuda ao novo amigo. Sem perder tempo os dois saem em busca de respostas para a situação em que se encontravam. Via-se sozinho, sem conseguir se comunicar com as duas únicas pessoas conhecidas que havia encontrado na rua (seu pai e sua mãe), sem mais medos, sem mais problemas com seu peso e com seus colegas. Começa a desconfiar de uma única coisa. Apenas uma coisa faria com que todos os seus problemas fossem embora, com que aquele sentimento de escuridão interna sumisse de dentro dele. Apenas uma coisa não fazia sentido para que se concretizasse seu pensamento: Quem é esse novo colega e por qual motivo ele apareceu aqui?

Ícaro faz então a única pergunta que lhe restava para entender sua situação:

— Quem é você? O que faz aqui?

— Eu? Você me chamou aqui para acabar com suas angústias, com seus medos e com seus problemas... Sou a sua forma de resolver o sofrimento que passava.

— Mas qual seu nome? Qual o motivo de estar aqui?

— Não tenho nome, é irrelevante me nomear. Estou aqui pois me chamou, já disse. Tente lembrar.

E aos poucos Ícaro lembrou. Ao chegar em casa no pior de seus dias, fez a única coisa que via como solução para seus problemas e, de fato, acabou com tudo. Inclusive com a vida.

A palavra com H

Luiza Garibaldi Rodrigues Costa, licencianda em letras

Era um dia como outro qualquer. Após uma série de devaneios, tomada por um espiral de sensações e lembranças, forcei-me a voltar à realidade. Vi-me em uma sala pouco iluminada – algumas das luzes do teto estavam queimadas e a porta estava fechada, não havia janela na sala, portanto não havia luz natural no ambiente. Eu estava sentada em uma cadeira – dessas que existem ou em um marrom cor de madeira ou verde azuladas, típicas nas escolas do Brasil – posicionada bem no meio da sala. O assento era duro por si só, além do agravante de já ter passado cerca de 1h30 daquele dia sentada em uma cadeira daquelas. Eu estava paralisada. Sentada ereta. Na minha frente havia uma mesa feita de uma madeira muito barata, mal cuidada, carcomida pelos cupins, uma mesa comum com um calendário com a data circulada em vermelho “13/07/2012”. Atrás dela estava sentada a diretora do colégio. Sentada de forma que seu lado direito estava virado para mim, enquanto sua frente apontava para a vice-diretora com quem conversava acerca da minha “situação”. Ela parecia braba, tinha o rosto fechado, feito o céu quando está se armando uma tempestade. Ouvi murmurinhos, cochichos, conversas paralelas, vindas de todos os cantos daquela saleta, umas 4 ou 5 professoras conversavam sobre o mesmo assunto, faziam comparações “ah, a filha da minha vizinha também é assim, eu não tenho problema nenhum com ela, mas se fosse minha filha... a coisa ia ser diferente” “meu melhor amigo também é, ele é um querido... mas como sofrem, né?!”. Por que eu estava ali? Só conseguia pensar em quão boa aluna eu havia sido desde que entrei naquele colégio. Nunca dei problemas aos meus pais, eles nunca foram chamados na escola, tampouco eu havia sido chamada na sala da direção.

Após alguns minutos tentando entender o que estava acontecendo, e não tendo chegado à conclusão alguma, tentei levantar, queria sair daquele lugar que estava me causando desconforto, agonia. Pensei em várias desculpas “vou ao banheiro” “preciso tomar uma água” “tenho que terminar de escrever minha crônica sobre preconceitos – ridículos”, enquanto inutilmente tentava me mover. Meu corpo já não me obedecia, tentei fincar as unhas na parte inferior do assento, mas meus dedos não se mexiam e eu lembrei também que não tinha unhas não roídas. Os comentários das pessoas que se encontravam na saleta continuavam. Eu ia absorvendo tudo e não fazendo nada. Nem a perna mais balançava do nervosismo. Eu estava estática. Eu perdi a noção do tempo, de certa forma parecia que estava ali há dez minutos, mas de repente sentia que estava presa há anos e mais anos. De repente me vi conversando com aquelas pessoas, comentando e concordando “realmente, é feio de se ver, né? Tudo bem se beijarem, mas não precisa ser assim em público... pra todo mundo ver”. Olhei para a cadeira, meu corpo estava lá, imóvel, com os olhos vazios, pareciam dois buracos negros, cheios de nada.

De repente, um estalo, acordei, abri os olhos lentamente e me vi sentada em uma sala pouco iluminada – algumas das luzes do teto estavam queimadas e a porta estava fechada, não havia janela na sala, portanto não havia luz natural no ambiente. Olhei ao meu redor, várias pessoas estavam ali, reconheci algumas: a diretora sentada, a vice-diretora em pé, eu mesma em pé também, a professora que deveria estar dando aquele período na minha turma, a moça do bar, a da merenda, todas conversando. Na minha frente havia uma mesa feita de uma madeira muito barata, mal cuidada, carcomida pelos cupins, uma mesa comum com um calendário com a data circulada em vermelho “13/07/2102”. Eu estava confusa a respeito da minha presença naquela sala, até que a diretora, que estava conversando com a vice-diretora, pegou-a por uma mão, entrelaçando seus dedos aos dela, enquanto a outra mão acariciava a barriga da vice-diretora, virou-se para mim e disse: “Te chamamos aqui, pois percebemos que você é um pouco diferente das outras meninas da escola... anda sempre com muitos meninos, temos medo de que você possa enfrentar muitos preconceitos no futuro... o mundo não é muito simpático com pessoas tradicionais... *hêteros* – ela disse enquanto fingia tossir – hoje em dia”. Em choque comecei a balançar a cabeça em negação,

sem acreditar no que ouvia, levantei da cadeira, irada e gritei “DEUS ME DIBRE SER HÉTERO, SOU BEM SAPATÃO, SIM, SENHORA”. Em um suspiro aliviado a diretora disse “ufa, ainda bem, pensei que teríamos que chamar seus pais para conversar sobre isso, mas já que não foi necessário gostaríamos de saber se você quer comparecer ao chá de fraldas de nosso bebê (enquanto olhava para a vice-diretora), será no sábado à tarde!”. Ainda atônita, respondi “mas vocês não eram héteros?” ao que elas responderam “olha, nada contra héteros... mas longe de nós sermos, temos até amigos e familiares que são, mas preferimos não ter que conviver com isso, não; dessa maneira você até nos ofende... não que sejamos heterofóbicas...”, olhei para elas, bem séria, respirei aliviada e disse “claro que vou! Já sabem o sexo?”, “bom, biologicamente é uma fêmea, o resto é um mistério que só este serzinho poderá nos dizer” disse a vice-diretora enquanto fazia um carinho em sua barriga. Levantei da cadeira com a bunda dolorida, “que estranho, parece que fiquei uns 100 anos sentada aqui... mas foram só uns 10 min.” pensei comigo mesma, logo, dei de ombros e voltei à sala de aula para terminar a minha crônica.

Pressão

Larissa Deves, licencianda em ciências sociais

A escola municipal era recente demais para ser chamada de antiga, mas muito velha para ser chamada de nova; foi construída em partes, de acordo com as verbas, e se estendia através de uma série de corredores delgados e escadas íngremes, cantos e nichos por todos os lados revelando as incongruências no planejamento, um labirinto cretense no interior do Rio Grande do Sul.

Era no terceiro piso, escondido na parte mais afastada do terreno, que se encontravam as salas das turmas iniciais, da primeira à terceira séries. Um corredor longo e escuro, com apenas três banheiros para cerca de noventa alunos por turno, e um deles reservado estritamente às professoras.

O silêncio nunca era uma constante naquele segmento da escola, classes e cadeiras sempre sendo arrastadas, os cães latindo nas casas da vizinhança, as vozes das professoras tentando se sobressair àquelas dos pequenos, sempre fontes intermináveis de energia, vibrando, elásticos super esticados há um milímetro do rompimento.

A primeira série, em particular, com sua tendência aos trabalhos em grupo, era uma eterna cacofonia. As classes, pela primeira vez na vida escolar altas e individuais, ajeitadas em conjuntos de quatro e cinco sem grande simetria; as paredes repletas de desenhos coloridos e cartazes pardos, seus tons amortecidos pela luz branca imperdoavelmente forte.

Um dos cartazes exibia uma lista de regras, óleo nas cada vez mais complexas engrenagens do sistema educacional. Aquelas quatro horas por dia distanciavam-se cada vez mais das outras vinte, passadas no propenso paraíso extramuros.

Cumprimentar a todos: o bom maneirismo se erguia alto, impetuoso e onipresente nos primeiros cinco minutos do período, fingindo-se de ignorante ao seu completo abandono pelo resto do dia.

Usar as palavras mágicas: nem Ali Babá poderia prever o poderio de um *por favor*, ou *obrigada*, e muito menos a frequência com que tais palavras moviam absolutamente nada no paredão entre os pequeninos estudantes e o tesouro de suas correntes necessidades.

Não gritar: e se há palavra mais ignorável do que o não dessa sentença, ela ainda não foi significada; de todos os timbres, carregados de todas as emoções, justificados por todas as formas de poder relativo presentes, as vozes subiam, escalavam, galgavam os limites da audição humana, exigindo, celebrando, repreendendo; de hora em hora clamando por algo que nenhuma entidade jamais pode conceder – o lápis dourado de volta.

Mas de todos os princípios, marcados como que na pedra, sangrando vermelho vivo naquele manifesto terracota, um deles reinava, senhor da dominação corporal, sacerdote da autoridade escolar, guardião sublime dos portões de ferro fundido separando o doce, parnasiano lar da instituição prisional panóptica que era a primeira série.

Proibida a ida ao banheiro sem autorização.

Autorização esta que não era concedida por pelo menos meia hora antes ou após o começa da aula, o intervalo, ou o fim da aula.

A baixa disponibilidade de banheiros, aliada ao fantástico funcionalismo do efeito dominó nas questões latrinalis daquelas pequenas tentativas de Marco Polo, serviam de sustentação primária ao argumento das professoras, sempre eloquentemente rebatido com um

“Mas eu preciso!”

Ao qual, tal como Sócrates uma vez mais descolunando a retórica sofista, retrucavam:

“Deveria ter ido antes, agora espera!”

Eis que, um dia desses, não muito faltando para o elísico intervalo, mas também nem tão pouco assim, ergueu-se uma mão por entre aquela selva burocrática da processual pintura dos desenhos-avaliação da vez – dentro das linhas, como bons funcionários da divisão de letramento da companhia primeira série.

“Professora, posso ir ao banheiro?”

O silêncio permaneceu ausente do espaço, os cochichos continuavam, as risadas insistiam, os lápis – *scratch scratch* – ainda

rabiscavam com muito mais força do que o estritamente necessário sobre o vitimoso papel de officio.

“Agora não. Espera o recreio.”

Nada de novo sob as luzes fluorescentes.

“Mas profe eu preciso muito, por favor!”

Ah! A confiança na palavra mágica, precioso tesouro que habita o coração de todas as professoras de séries iniciais. Seu uso era a chave que abriria a porta da bondade, da compreensão e da compaixão do mundo, certo?

“Não pode, tu sabe que não. Te concentra no teu trabalho.”

Mas a mão, e a voz atada à ela, permaneceram firmes, parafuso desprendido que caiu nas engrenagens e ameaça colocar toda a maquinaria em colapso.

“Profe eu preciso muito, muito mesmo, por favor deixa eu ir profe!”

O desespero podia até ser evidente naquela voz, mas se há algo a se dizer sobre crianças de seis anos, é que todas elas merecem uma medalha olímpica por marejamento de olhos e angustiamanto vocal. A professora era experiente, longos e longos anos lidando com toda a sorte de Nair Bellos e Charles Chaplins. Alguns dizem que a paciência é o espírito da pedagogia. Esses não conhecem o poder da irreduzibilidade.

“Agora chega. Faz o teu trabalho que tu tá atrapalhando os colegas.”

Os mesmos estavam lá, completamente inafetados pelo processo já rotineiro de cabo de guerra, mas o efeito da fala é sempre necessário: o método mais eficaz de controle é projetar a pressão como horizontal.

Porém, para o corpo ligado àquela mão erguida, a única pressão exercendo qualquer forma de controle naquele momento era aquela sobre sua bexiga, apertando horizontalmente, verticalmente, diagonalmente, mais forte, mais forte, comprimindo, prensando, espremendo, estreitando, agravando, mais, e mais, e mais, e mais...

E parou.

O barulho dos lápis foi cessando, levando consigo as conversas e risos. Por alguns segundos, o que se ouvia era apenas o gotejar pesado no chão, abafando as outras salas, os cachorros da vizinhança, a experiência da professora.

Não encobria, no entanto, o soluçar da criança, e passados mais uns momentos, nem a risadas de todas as outras.

Uma troca de roupa, uma visita da tia da faxina, e muitas lágrimas depois, voltaram todos os parafusos para seus devidos buracos, funcionários para suas mesas, atores para seus papéis.

Continuaram os lápis a rabiscar, os cochichos a distrair, os latidos a se ouvir, as classes a se arrastar, o cartaz a reger, a professora a – não – autorizar.

A fagulha em um mar de repressão

Danilo A. Tiziani, licenciando em ciências sociais

Em pleno inverno porto-alegrense, um vento que faz com que os lábios queimem com a sua impiedosa constância e uma umidade do ar que trata todas as coisas como se fossem escorregadores de parque aquático, seguem em marcha cerca de quarenta crianças, pensando melhor, não eram nem doze, mas o sentimento que aquele movimento trazia era de mais de quatrocentas. O ano é 2030, após uma série de crises em relação ao sistema político vigente, esse ano traz consigo uma certa calma e ânimos bem menos efervescentes. Com uma imensa coalizão entre a bancada da bala, evangélica e todas as espécies conservadoras, é marcado o início da era de maior governabilidade de um partido ultraconservador no Brasil. A agenda política desta coalizão fora implantada de cima para baixo, sem nenhum debate e todas as manifestações fortemente reprimidas. A marcha segue em movimento constante por um longo corredor, o chão e as paredes são cinzas, nas paredes há somente algumas frases soltas como: “Neutralidade é liberdade”. O prédio de exatamente seis andares tem formato hexagonal, de forma que os corredores estão de frente para uma torre no meio, entretanto nada se vê dentro da mesma. As sacadas dos corredores conferem um ar de vulnerabilidade de modo que todos os jovens que caminham pelos corredores caminham rapidamente e com a postura ereta. O prédio pode ser bem muito bem descrito por Foucault, embora todos os seus livros tenham sido banidos de sua biblioteca. O prédio apresenta níveis colossais de desigualdade entre seus trabalhadores, embora todos os livros de Karl Marx tenham sido banidos. O prédio apresenta taxas altíssimas de suicídios, contudo todos os livros de Émile Durkheim foram banidos. O prédio apresenta grande diferença na relação de

poderes e graus de capital cultural entre seus transeuntes, todavia todos os livros de Bourdieu tenham sido banidos.

Com o fim das passadas ritmadas dos jovens, mostra-se uma imponente porta de madeira no fim do corredor. A porta dentro do prédio parece mais um portão de castelo do que propriamente uma porta qualquer. A maçaneta é tão alta que os jovens quase não a alcançaram, e a esfera da mesma era tão grande que o jovem resignado que ousou tentar rosqueá-la falhou, pois sua mão não se encaixava. Após inúmeras tentativas um dos jovens obteve sucesso. A porta começou a mover-se lentamente revelando um longo e ecoante rangido. O que tinha atrás da porta os jovens já sabiam e temiam. Era o Departamento de Ideias. Com a porta escancarada, o que se podia ver do recinto era apenas uma espécie de recepção, nela havia uma mulher com um olhar cansado, pele extremamente branca e uniforme exemplarmente vestido sem nenhum amassado. Ela mantinha o corte de cabelo como o estipulado pelo manual de boa conduta dos trabalhadores do estado, o cabelo estava penteado para trás com um coque que o prendia. Muitas normas de conduta foram promulgadas desde a última eleição. A forma que ela se movia para realizar anotações em seu computador parecia anti-natural, pois os clicks do teclado mantinham um ritmo preciso e constante. Essa era a realidade de todas as secretárias do estado. Em seu rosto continha a única combinação de maquiagem permitida, um batom quase imperceptível contornava os seus lábios, a cor era praticamente indefinível, tendo em vista a falta de intensidade. Nas bochechas apenas um pouco de pó que era distribuído pelo estado para tentar disfarçar as expressões de cansaço que eram frutos da exaustiva jornada de trabalho precarizado. Os jovens se olharam como pensassem em qual teria acordado com mais coragem. Eis que o menor dos jovens dá um passo à frente e começa a emitir uma forma de som indecifrável. Era o nervosismo se impondo à frente do discurso do menor rapaz, entretanto com o apoio dos outros jovens que no momento em que o menor começará a titubear trataram de o confortar com olhares que transmitiam calma e valentia. Passado o nervosismo inicial dessa rápida tentativa de comunicação com um membro do Departamento, o menor esclareceu do que se tratava a vinda nada ocasional dos jovens até o departamento. Com uma expressão que não revelava absolutamente nenhuma emoção a

mulher tratou de apertar o botão que se encontrava entre uma pilha de papéis e uma fragmentadora de papéis automática. Uma porta simples à esquerda da recepção se abriu e os jovens lentamente entraram. Com o deslocamento dos jovens para o segundo estágio se acentua o sentimento de não pertencimento do local, era quase como se o local gritasse a plenos pulmões que aquele lugar não os pertencia. Mesmo com todo esse cenário contrário à reivindicação dos jovens eles persistiram. O grupo seguiu até a mesa de um burocrata que fazia sinal a eles para se aproximarem.

O local era absolutamente organizado, pilhas e pilhas de papel simetricamente justapostas, a mesa do burocrata parecia um projeto de engenharia de tão alinhados os objetos em cima. O burocrata tinha um rosto gélido, marcado pelo tempo e uma expressão de solidez intransponível. Vestia um terno que conferia autoridade para o mesmo, e um relógio que destoava totalmente a sua existência da realidade dos jovens e do prédio que estavam. Exercia um medo aterrador, visto que, só a sua mesa batia na altura do pescoço dos jovens, e por baixo da mesa via-se imensas botas que a qualquer momento podiam esmagá-los. Dessa vez não foi o menor jovem que tomou coragem para enfrentá-lo, mas o maior, até porque só ele conseguia ver o enorme homem por inteiro, os outros jovens só viam o queixo do homem que mantinha uma postura arrogante olhando para cima. Então o jovem mais alto diz de forma tímida: “Vosso professor-mor, gostaríamos de sugerir um tema para as próximas aulas”, com uma gota de suor escorrendo lentamente e um olhar que claramente denotava medo e ansiedade ele continua: *“Eu sei que nós não deveríamos sugerir temas para as aulas e que todos os conhecimentos necessários para a nossa vida já nos são passados pelos mestres, mas nós ouvimos um senhor dizer que as instituições escolares não respeitavam mais o direitos humanos... Nós queremos saber o que são os direitos humanos”*. Desconcertado e com um olhar de desprezo, tirando cera do seu ouvido esquerdo com um canivete que parecia ter sido tirado de um filme do Tarantino o líder dos professores responde: *“Como vocês, alunos! Tem a audácia de sugerir a inclusão de um tema no currículo escolar? Vocês não conhecem todo o procedimento científico que é realizado para a escolha dos temas? Existe muito estudo para que todos os temas estudados por vocês não tenham nenhum tipo de doutrinação política*.

Além do mais, eu não posso perder meu tempo com meros receptáculos de informação". Com as veias emergindo sob sua face como se fossem os caminhos da perversão e batidas secas na mesa de madeira o burocrata bradou: "NEUTRALIDADE É LIBERDADE! NEUTRALIDADE É LIBERDADE!".

Os jovens estavam petrificados com o tom autoritário e imponente da fala do burocrata, se sentiam cada vez mais acuados. À medida que essa ideia se envolvia no imaginário coletivo dos jovens, era aparente a redescoberta de suas identidades que por muito tempo foram ocultadas. Essa fagulha de pensamento que floresceu nos jovens foi catártica. Eles passaram a compreender as regras nefastas que controlavam a instituição que frequentavam e regiam a nação, a fagulha fez mais do que abrir seus olhos, ela deu a possibilidade deles vislumbrarem um futuro diferente da sua realidade. Aquele ambiente mesmo se chamando Departamento de Ideias era avesso às ideias. O simples fato de pensar imaginar uma alternativa diferente da realidade posta era um ato revolucionário, era como remover as cordas que sustentam um fantoche.

Era a efervescência coletiva tomando conta do colégio, que estava localizado onde foi a primeira casa de Leonel Brizola na capital. A realidade que se apresentava aos jovens não era nem um pouco favorável a mudança, inclusive os mais otimistas dos jovens encaravam-na com receio, toda a aparelhagem estatal esmagava qualquer sopro de indignação naquela época. Os telejornais eram controlados, a história manipulada e para a imaginação não era dada espaço para florescer. Os jovens sabiam que o presente haviam perdido, o passado levaria muito tempo para ser reescrito e o futuro seria de muita luta.

FIM

Slides

Caroline Aguirre Christovam, estudante de fonoaudiologia

O fato aconteceu hoje à tarde, em uma das salas do 5º andar da faculdade de odontologia, a sala é grande e com janelas tampadas com algum tipo de material preto; ele parece estar colado- o que não permite a entrada do menor débil raio de sol. Há um "palco" pequeno e no canto esquerdo, onde o professor de idade fica sentado, arrogante e bravo. A luminosidade normalmente é bem baixa, a voz dele é monótona e mansa de propósito, o que leva a um estado forte de sonolência- claro que o horário de início da aula ser logo o almoço colabora muito também. As cadeiras são "confortáveis" mediante o possível, e como sempre, há uma luta para achar uma de canhoto. Os cheiros presentes são algo deveras engraçado, principalmente porque não temos permissão de consumir nada durante a aula, mas as vezes, sinto um cheiro de alguma fruta ou sanduiche natural dos colegas ou até mesmo meu, sem falar no cheiro do professor, que é uma junção de sabonete e perfume. Ele chega, em uma motinho azul, pois tem dificuldades de caminhar devido aos seus muitos AVC's e as sequelas por eles deixados. Ele está bem vestido, como de costume. Cabelo curto, unhas cortadas e aquele jeito de "poucos amigos". Muito eu e meus colegas devaneamos sobre ele, eu já afirmei com convicção que ele mora com 2 gatos pretos em um apartamento relativamente grande e deveras arrumado, sendo este bem localizado, porém sem muitos móveis. Já Joana, minha melhor amiga, acha que ele detesta animais, e que até em casa fica sempre de cara amarrada, diz também que ele perdeu a esposa em um acidente de carro e que nunca teve filhos, mas eu acho que ela não sabe é de nada, tanto quanto eu. Porém, em uma coisa concordamos: ele não gosta de dar

aula. Ele é apenas mais um professor, mas nem todos são assim; alguns conseguem tornar minhas aulas realmente inspiradoras, que não é o caso dessa que está sendo ministrada agora pelo professor de idade, a aula é sobre: linguagem e sua produção, porém esse clima da odontologia de dor e dentes arrancados confere automaticamente um clima tenso!

A metodologia de alguns professores me desagrada muito e acaba estragando o conteúdo- que é o caso do meu professor de idade, até porque estudar é e sempre foi meu grande amor. Contudo, esse não é o real problema e sim, quando se faz uma pergunta direcionada ao professor e o mesmo te repele dizendo que aquela pergunta é ridícula, a gente acaba se sentindo meio mal. Porém algumas coisas- em relação a isso- me deixam menos chateada, como pensar que o professor que disse isso já está velho e sofreu com muitas doenças, sei lá, talvez esteja apenas tentando achar desculpas para uma grosseria dentre tantas. No fundo, eu até gosto dele, eu entendo ele...Lá está ele, no palco, dando sua triste e monótona aula, sem ninguém o interromper por medo do constrangimento, mas o engraçado é que ele parece mudar um pouco de fisionomia a cada segundo. “Ele tá ficando tão estranho”, a Joana me disse, na hora eu concordei: “Tu também tá vendo isso?? Achei que estava ficando louca”! Num piscar de olhos aquele professor velho e rabugento começa a perder a pele de um jeito muito nojento e de dentro sai uma criatura medonha, com muitos olhos, bocas e fedorenta demais, eu estou em pânico olhando aquilo e Joana pisca os olhos, boquiaberta e me diz baixinho, sem se acreditar: “é de outro mundo!” Quando desvio o olhar de Joana para aquele ser, ele está me fitando diretamente nos olhos, me arrepio e ouço o grito: ACOORDA MARIA, tu dormiu a aula toda guria!!! NOSSA, UFA! Era só um sonho. Bem que eu disse que aula com slide e luz apagada dava sono....

Sistemática Vegetal III

Aline Goulart Rodrigues, licencianda em biologia

Manhã ensolarada. Corredor com paredes acinzentadas, a primeira porta da direita tem uma folha colada. A porta é azul escuro e na folha de ofício estão escritos nomes e notas. A porta é aberta e mostra o lugar. O ambiente fechado, o clarão vem de luzes artificiais. Há janelas grandes basculantes do lado oposto à porta. As janelas cobertas com cortinas azuis, de um tecido que lembrava o jeans. Paredes brancas e móveis de madeira. Fileira de bancadas com microscópios, sendo que em cada bancada havia cinco deles e bancos redondos reguláveis. Entre um microscópio e outro tem espaço para apoiar material, como lápis e caderno.

Perto da porta tem um armário com portas de vidro e dentro dele há espécimes de plantas em potes também de vidro com fixador. Do lado desse armário tem uma estante de madeira, para deixar mochila e livros. Na frente de todas as bancadas tem uma mesa grande, também de madeira, envernizada e um quadro branco na parede. Na primeira bancada estão os melhores microscópios, os que são mais modernos. Eles têm luz branca e os das outras bancadas têm luz alaranjada e são mais velhos.

O quadro foi demarcado com quadrados para facilitar a escrita. Com o passar dos anos ganhou ranhuras que depositam tinta de caneta, impossíveis de apagar. As bordas são de metal e o apoio do apagador e canetas já está descolado e bambo. Desenhos de morfologia de folhas e estruturas reprodutivas vegetais. Há quatro opções de cores de canetas: verde, vermelho, azul e preto. As canetas pretas são as mais usadas, com tinta fraca e ponta torta.

Na mesa bem perto do quadro, um livro preto está depositado. Livro da década de oitenta, com capa de couro e folhas amareladas. Ao lado dele tem plantas de diferentes formatos, pertencendo ao mesmo grupo taxonômico. Elas foram deixadas em placas de Petri ou folhas de papel absorvente. Os grupos taxonômicos depositados nessa mesa já não estarão em outro período do dia. A cor predominante nesse cenário é o verde em todas as suas nuances e o marrom da terra. Branco e amarelo claro se fazem presentes.

Os únicos sons que se ouvem são cochichos. O ambiente tem cheiro de planta e terra. É frio por conta do ar-condicionado.

Vários seres passam por esse lugar. Iris azuis, castanhas e verdes passam pelas oculares dos microscópios. Os cílios batem no vidro, atrapalhando a visão. Pupilas dilatam ou retraem com a variação de luz. Testas sebosas encostam no equipamento.

Os bancos quando ajustados pelos seres geram ruído metálico. Alguns bancos não mais conseguem se adaptar aos diferentes tamanhos. O assento de alguns desses tem lascas de madeira faltando. A madeira esmaga os glúteos e puxa fio das roupas. Eles sentem que estão sendo observados.

Ao fundo, do lado oposto ao quadro, visualiza-se uma porta e estantes de ferro. As estantes são cinza com furinhos nas laterais. Em cima de cada andar da estante tem diferentes equipamentos e potes de vidro. Potes com plantas ou animais em substância conservante, talvez álcool, talvez formol. Os equipamentos são estereomicroscópios usados para ver estruturas maiores. Os seres, quando precisam destes, os pegam e os levam à bancada para análise das plantas. No lado da estante uma pia de aço, profunda, com torneira, sabão líquido e papel absorvente. Ao final das atividades, ali são lavadas as placas de Petri e lâminas, bem como secadas para usar em outro período do dia ou da semana.

O forro, que há algumas décadas era branco, hoje é mofo. Lâmpadas fluorescentes piscam, a qualquer momento podem queimar. Piso laminado verde claro, com falhas que com a gastura mostram concreto puro. Pó se junta nesses vincos.

Acima da porta da entrada há um relógio grande redondo de ponteiro, os números em verde escuro e as bordas de plástico azul claro. O tic-tac ouvido pelos seres que se sentam nas primeiras duas

bancadas. O som alto, metálico e grave. O papel do tipo cartolina, onde estão grifados os números, têm manchas alaranjadas, provavelmente fungos impregnados.

Os fungos do forro se espalham pelo ambiente. Silenciosamente entram na pele e mucosa dos seres, caem nas bancadas, no chão e se aproveitam da umidade para proliferarem. Os esporos são diminutos, como pequenos olhos, que observam todo o movimento. De repente, contrariando o próprio tempo de divisão das células, proliferam descontroladamente, vencendo o sistema imune dos seres. Invadem a corrente sanguínea. Instalam-se no coração, fígado e pulmão. Rompem os alvéolos e a pleura. Os seres arfam. Não há o que fazer. Agora é tarde para fugir.

A porta está aberta, mostrando o corredor. As luzes apagam e se ouve o som seco da madeira e do trinco batendo.

Substância cinzenta

Áurea Júlia Braga Rodrigues, estudante de fonoaudiologia

Calma luz das seis horas da manhã, céu azul claro e limpo, temperatura fazendo jus ao ambiente que se localiza perto da linha do equador, são tantos ruídos que o a cóclea humana recebe que fica difícil para o tálamo escolher qual ele dedicará toda atenção. São freios dos transportes na longa rodovia cinza, o deslizar dos pneus no asfalto, vozes de pessoas que, na correria, passam e esbarram na mochila pesada que ela carrega nas costas tencionando seu trapézio. De tempo em tempo, a brilhante e reluzente cor vermelha chega, por um instante o mundo fica em pausa, os freios emitem seus últimos ruídos, as buzinas cessam, e ela atravessa a rodovia longa e cinza, nesses momentos, às vezes ... até dá para escutar os harmônicos da cantoria de alguns pardais que sobrevivem na última e guerreira árvore que resistiu em meio a tantas cinzas, resistiu e prevaleceu seu verde na frente de um prédio de 3 andares, que embora também seja verde, não possui seus encantadores pardais.

Ao passar por aqueles dois, não tão grandes, portões de grades verdes, a calma luz das seis horas da manhã, se torna a artificial luz incandescente que emite sua pouca luminosidade, aquele antigo prédio que, por mais verde que fosse por fora, por dentro era mais cinza que a longa rodovia. Ela então respira fundo, e puxa pela traqueia todo oxigênio que necessitará, seu córtex parietal, para prestar atenção na aula que vinha pela frente, manda estímulos pelas suas vias eferentes até chegar em seus músculos que a movimentam pela disputada escada de três direções, apreciada pelos alunos que estavam no último ano do ensino médio. Seguia reto, com sua mochila pesada que dava tensão a seu trapézio, com seu fone de ouvido no meato

acústico externo e seu sono das 7h da manhã que o cerebelo e seu tão famoso ciclo circadiano não conseguira adestrar tão bem assim.

La caminhando e chegava então ao jardim da escola, o ponto de concentração de vida no meio de tanto cinza, continuava reto, passava pela cantina da escola e o cheiro de fritura e refrigerante era captada por suas células olfativas, passeando por suas narinas, roubava o lugar antes ocupado pela doce fragrância do jardim, seguia reto, e agora era vez do seu córtex parietal dá atenção aos murmúrios das inúmeras vozes que já ultrapassavam seus fones, conversas paralelas, vidas dispersas. “Fez o trabalho? Me passa a resposta da sete! A Paula ficou com o Felipe! Manteiga...! Corri muito!! Então ela me disse que a corda do violão precisava ...! “. Murmúrios de milhares de vidas amontoadas num belo monumento que parece verde, mas que na verdade é cinza.

Então finalmente ela muda a direção, faz uma curva, supina seu braço direito, e toca na maçaneta da sala do primeiro ano do ensino médio, colocando todo esse organismo complexo para dentro daquele cubículo. A porta para variar era cinza, as carteiras eram de um branco encardido, pelas inúmeras pichações que, em vão, tentam limpar. A lousa é a única coisa limpa dentro daquelas quatro paredes. Normalmente as carteiras ficam enfileiradas, mas não nesse dia, não nessa aula, não na quarta-feira.

As paredes daquela sala eram verdes, mas Júlia não se deixou enganar, o estímulo visual não ditava suas percepções corporais. O verde mato passava por sua esclera, por sua pupila, atravessava seu humo aquoso e chegava finalmente à sua retina, seu nervo ótico transferia aquele estímulo ao seu lobo occipital, ao seu córtex visual primário. Até ali era verde. Quando passava para suas áreas associativas do cérebro, se tornava cinza. Cinza como aquela rodovia. Julia não era um amontado de fios sinápticos, Julia não era apenas estímulos biológicos. Julia, mesmo vestindo uma calça jeans cinza, ela era o verde.

Sua retina se desviou das paredes de um pseudoverde, seu córtex parietal agora mirava sua atenção em achar uma carteira vazia. Júlia encontrou, tirou as mochilas que tensionava seu trapézio, a pôs em baixo da carteira, e por alguns minutos sentiu alívio. Mal sabia que a verdadeira tensão não se dá no músculo trapézio, e sim naquele que envolve o coração.

Ela então se deparou com um ser novo, nariz alongado, pele clara, cabelos nos ombros e dourados com a barba por fazer, não muito alto, com calças, para variar, cinzas e uma blusa estilo suéter marrom com duas listras horizontais na altura do musculo peitoral entre o diafragma. O cabelo estava sempre preso com uma espécie de rabo de cavalo masculino. Sou o professor Plúmbeo, vim do Rio Grande do Sul e vamos estudar literatura, disse ele.

O nó sinusal de Júlia aumentou os ritmos de batidas de seu coração, a palavra literatura realmente ativava seu sistema límbico, suas emoções ficavam a mil. Foi quando suas células olfativas capturaram um odor que o tálamo não gostou muito, o reflexo vindo pela medula espinhal foi de se afastar o mais rápido possível, reflexo esse imitado por todos os outros organismos complexos presentes naquele cubículo. Foi quando numa quarta-feira, que aquele cubículo pseudoverde, mudou sua configuração espacial, todas as carteiras abandonaram seu aspecto enfileirado e recuaram para os fundos daquela floresta plumbosa.

Todos sabemos, o cérebro humano só consegue focar em um estímulo de cada vez, é uma fila, um de cada vez. Naquele momento o córtex parietal de Júlia não conseguira focar no romantismo ou no barroco seu nervo auditivo transferia os harmônicos entoados pela fonação do professor ao córtex parietal, mas era totalmente ignorado pelos associativos, tudo que seu cérebro pensava era: “Volte ao jardim, volte ao jardim, tem algo morto aqui nesse cubículo.”

Plúmbeo sofria com uma doença, que Júlia não sabia nem entendera a explicação de tal, mas ele evidentemente transpirava essa doença. Demorou um bocado de tempo para o tálamo de Júlia conseguir ignorar o estímulo olfativo, foi preciso um estímulo bem mais interessante. Foi quando o meato acústico externo conduzia até o nervo auditivo de Júlia as palavras que fediam muito mais que qualquer patologia biológica, as palavras que transpiravam desrespeito e ignorância, as palavras verdadeiramente cinzentas: “Blá blá blá..., como diz aquele conto de fadas, chamado bíblia... bla blá blá... Seus seguidores iludidos e esdrúxulos ... blá blá, acreditam em animais que falam ... blá blá blá... como alguém pode acreditar nessa ilusão hahahaha... blá blá”.

Ritmo cardíaco e a pressão arterial a mil, o odor já estava cem por cento ignorado pelo cérebro de Júlia. Vias eferentes do córtex

motor ativaram a placa motora dos músculos agonistas do movimento de supinação do braço direito, e desativaram os antagonistas. Julia então levantou a mão. Se posicionou, e tomou seu lugar em meio àquela natureza cinza, se pôs em pé como aquela árvore sobrevivente na frente do prédio da escola.

Tudo que ela queria era xingar Plúmbeo, supinar a mão com uma pressão palmar em sua face, porém respirou bem fundo e expeliu ar pelos pulmões, que passeou pela traqueia, entrou na laringe, vibrou pregas vocais, foi modulado por toda cavidade ressoadora e saiu, nasceu as seguintes palavras: “Com licença professor, acredito que todos aqui, pelo menos eu, vim para ouvir literatura. Mas essa não é a questão, a questão é que sou cristã, acredito no livro de “fabulas” que o senhor disse um pouco antes. Esse livro me ensinou a respeitar as diferenças, interpretações errôneas dele ensinam o contrário, é o que hoje é conhecido como religião. Não critique ele, com base nela”.

Plúmbeo, contraiu seu musculo depressor do ângulo da boca e o frontal, deixando claro seu ar de desprezo pelo que fora dito por Júlia. Naquele instante o trapézio de Júlia não mais estava tensionado, seu miocárdio sim, o odor patológico tinha desaparecido, e ela percebeu que odor do corpo não se compara como odor da ignorância da alma. Ela lembrou da longa rodovia cinza, e percebeu que existem cinzas muito mais fortes. Ela odiou plúmbeo mesmo que o livro que ela defendia a ensinasse a ama-lo. Plúmbeo por outra vez foi transferido da escola, Júlia nunca mais o vira, até descobrir que entrara na universidade que ele se formou.

Julia agora mudou de cenário.

Pouca luz das 6h da manhã, céu cinza escuro e sujo, vento frio do sul, sem nenhum raio de sol, clima fazendo jus ao ambiente que se encontra longe da linha do equador. Julia agora não precisa adentrar os portões verdes de um prédio interiormente cinza para ver os tons cinzentos, o cinza agora é seu teto, é seu teto e seu chão.

Ela ouve hoje muitas críticas sobre discriminação, e lutas para o fim dela, ela admira isso e apoia as causas contra homofobia, machismo e racismo. Porém Júlia se encontra sozinha na luta pela causa dos seguidores de “contos de fada”.

O que era um cubículo cinza com uma árvore sobrevivente, se tornou numa cidade cinzenta, com muitas árvores sobreviventes, mas infelizmente nenhum pardal.

Juliana

André Thomassim Medeiros, licenciando em letras

O café estava frio e aguado: exatamente como aquela manhã de sexta-feira. Sorriu, olhando para o nada, deixando o copo de plástico descansar na mesa, onde jazia a cafeteira da sala dos professores. Fora uma semana cansativa, mas já estava no fim: apenas mais dois períodos e voltaria para casa, iria jogar-se na cama e dormir, até segunda-feira de manhã. Estava cansada apenas por questão de se habituar com os novos horários, após isto, poderia apenas deixar que a afeição destas crianças, tão doces, ocupassem seus dias, sendo apenas feliz com a vida que escolhera.

— Francamente, às vezes me pergunto por que perco meu tempo.

— Nem me conte. Mais dia, menos dia, nunca sei por que continuo vindo para este colégio. Estou apenas esperando minha aposentadoria: depois, jamais quero pisar em uma sala de aula de novo. Se dependesse de mim, que estas crianças ficassem o ano inteiro, com exceção dos pais, acho que isto não incomodaria ninguém.

O sorriso no rosto da professora desapareceu, ao voltar-se para as duas colegas mais velhas, sentadas na mesa de reunião, conversando. Ouvira os mesmos discursos cínicos a semana inteira, sobre como não havia salvação para as crianças, como estavam todos desperdiçando seu tempo: as crianças, por fingirem vir à escola para estudar; os professores, por fingirem ainda gostar de dar aula, depois de tanto tempo.

— Que triste. – Ela disse, indiscretamente, antes de perceber que as palavras simplesmente escorregavam da boca, algo entre um

suspiro de cansaço e uma crítica.

As duas professoras mais velhas, logo que ouviram, pararam sua conversa, encarando-se por um, dois segundos. Voltaram-se para ela ao mesmo tempo, como se as duas cabeças fizessem parte do mesmo mecanismo invisível: nos olhos, havia algo da frieza de um carrasco, quando calcula a força que será necessária para destroçar o pescoço de um condenado.

— Então, você é a nova professora? A que começou a dar aula esta semana. — Uma das cabeças proferiu a sentença com um sorriso no rosto, como se já houvesse triunfado.

— Sim. Só comecei a dar aula na escola esta semana. Antes disso, trabalhei dois meses em Porto Alegre. — Somente enquanto falava, foi percebendo que estava desesperada para julgar seu próprio tom otimista e a crítica que fizera as colegas, imputando uma inexperiência e uma ingenuidade em si mesma, que não sentia possuir. Sentia-se culpada, principalmente, por não ter percebido antes o quanto pareciam exaustas, as duas professoras: as marcas abaixo dos olhos, do que parecia uma vida de noites que não recompensavam o cansaço do dia.

— Só queria saber uma coisa, você já deu aula para a turma 616? — Enquanto uma falava, a outra sorria. Duas conversas pareciam se desenrolar: uma delas formada pelas palavras ditas de uma das velhas professoras, para a professora mais nova; outra, que era estabelecida por códigos de uma linguagem secundária que as duas professoras mais velhas compartilhavam. Roberta, a professora mais nova, perguntou-se o que seria a ironia na frase, que ela não estava entendendo.

— Ainda não. Por que você quer saber?

— É a turma da aluna Juliana. — Agora, as duas professoras invertiam os papéis.

— E o que tem demais com esta aluna?

— Digamos apenas, que você mesma verá, quando for o momento.

Continuaram olhando para Roberta, com um sorriso discreto no rosto, até o final do intervalo. Ela caminhou, de um canto a outro da sala dos professores, buscando conversar e interagir com pessoas que não conheceria até então, mas o olhar das duas estava sempre onde ela estava; assombravam-na as possibilidades da escola e a ideia

de uma aluna problemática, sobre a qual sabia apenas o nome.

Os alunos já estavam esperando, à frente da porta da sala de aula: dificilmente eles se dispersavam, correndo pelo pátio, em dias de chuva. Conforme eles entravam, ela, desconfiada, procurava sinais de quem poderia ser a Juliana da qual haviam falado, observando e marcando o rosto de cada menina, enquanto elas procuravam seus lugares. Quando todas já estavam sentadas, prestou atenção especial ao fundo, que, informação conhecida por todos os professores, é o ponto onde os alunos mais problemáticos preferem estar, como se isto os ocultasse da autoridade, que continua na frente da sala, transmitindo informações, que eles não fazem questão de ouvir; escrevendo no quadro-negro palavras, que não fazem questão de ler.

Estranhamente, reparou que nenhuma aluna sentada no final das fileiras de classes correspondia à imagem mental que Roberta possuía de uma menina problemática. Por via das dúvidas, reparou em uma menina negra, vestida com roupas muito rasgadas, e em uma outra, que vestia apenas uma blusa muito curta e uma minissaia, mesmo estando frio o suficiente para que todos os outros alunos usassem casaco. Mas, apesar disto, o que chamou sua atenção foi que a parede precisava de reparos urgentes: alguma infiltração provocara o crescimento de limo e fungos na parede traseira, criando uma imensa mancha negra, com o formato de uma estrela do mar, estendendo seus braços superiores até o teto. No centro desta corrupção sombria de tijolo e umidade, um círculo verde-escuro, como o olho de um furacão, mas com estranha simetria interior.

Roberta reclamaria com a direção da escola assim que fosse possível. Era imperdoável deixar as crianças terem aula em um local tão precário; o que fariam, se aquela parede, deteriorada, caísse sobre alguém? Constantemente parava uma explicação, ou a atividade que escrevia no quadro-negro, para olhar com desconfiança para aquela mancha.

Contrário ao que suas colegas haviam dito, a aula na turma 616 transcorreu sem problemas. Roberta poderia dizer, inclusive, que eram mais silenciosos do que outras turmas da sexta série. O único incidente desagradável foi quando, ao sair de perto do quadro-negro, para ir até a classe de um aluno, responder uma dúvida, enquanto os outros ainda copiavam as atividades, ao retornar, percebeu que os gizos de cera não estavam onde havia deixado. Procurou-os pelo

chão, mas nada. Olhou dentro do estojo, mas percebeu que não havia mais nenhum, o que também era engraçado, pois lembrava-se de ele estar cheio, quando o trouxera da sala dos professores.

— Foi a Juliana. – Disse uma aluna, sentada próxima a parede.

— Mas não ouvi ninguém vir aqui para a frente, como poderia?

— A Juliana é boa em fazer estas coisas em silêncio, professora.

Por isto que ninguém gosta de dar aula para esta turma.

— Os outros professores me falaram dela. Quero conversar contigo, Juliana, no final da aula. – Olhava para ninguém em particular da última fileira, uma vez que não sabia quais das meninas da turma, que permaneceram tão quietas e comportadas a aula inteira, poderia ser a garota problemática.

Roberta em seguida se arrependeu do que falara: seria antiético discutir a conduta de uma aluna, diante dos colegas. Acenando a cabeça, impaciente, foi para outra sala, pedir para giz de cera para a professora que estava nesta.

Ao retornar, primeiro reparou que todos os alunos estavam em pé. Em seguida, que eles estavam ao redor da classe da menina que denunciara a colega, antes que Roberta saísse da sala de aula.

— Larga ela, Juliana. – Alguém gritava. – Ela não fez por mal. – Dizia outro aluno, aos prantos.

A professora abriu caminho entre os alunos: havia um longo braço, inteiramente negro, como se pintado por uma tinta mais escura do que seria possível, prendendo dedos finos e pequenos, como os de uma criança, à garganta da aluna; vinha debaixo da classe, de um espaço entre ela e a parede. Finalmente, alguém conseguiu forçar os dedos que circundavam o pescoço da garota, para que eles a soltassem. A aluna delatora já não respirava. Roberta observou a mão recuar pela sala de aula, arrastando-se através do piso retornando para a mancha em forma de estrela do mar. O olho verde de Juliana se contraía, furioso.

Tereza

Letícia de Oliveira Braga, estudante de fonoaudiologia

Sala um tanto escura quanto só, dezenas de seres a gritar e ruídos a cada espaço. De alguns eram gritos da realidade trágica - sem lar, sem traje, sem fé para estudar - mergulhados nesse ambiente frio e sufocante. Tamanho abismo entre as sardas de Tereza e a estatura dos alunos mais velhos, num espelho de classe desigual com uma divisão a critério de reprovação - era a turma dos repetentes. Tereza, inocente e inteligente, cheia de sonhos e vazia de aconchego, não entendia o que despertava a crueldade daquela gente. Pelos colegas, era reconhecida como anã, tola, ridícula, incapaz.

Ainda dentro da sala de aula, entre as paredes vermelho-desbotadas e as janelas tomadas de cupins, Tereza via através da vidraça a cor do mundo pelo lado de fora e ansiava pela hora do intervalo chegar. Assim, no recreio, Tereza se desperta a brincar, ao querer e idealizar. É do pátio da escola que o sol surge dentre as nuvens, as árvores parecem balançar mais com o vento e dispensarem folhas mais verdes, para Tereza, já era hora de garimpar um amigo, ao menos um, que gostasse de sonhar, para fugir e revogar àquele insano lugar.

A sineta estrondosa anuncia o fim da possível fuga e confirma o retorno ao pesadelo. Formam-se filas, na frente e empurrada aos chutes até aquela sala com pó de giz pelo chão, Tereza respirava alergia, sujeira e repugnância àquela zonaria. Sem ter coragem para falar, nem maturidade para entender, só resta correr em direção ao mesmo lugar.

Antes do quarto período da aula de matemática, Tereza senta e debruça seus pensamentos sobre a mesa, com as narinas entupidas de secreção e os olhos imersos na escuridão, restavam as orelhas para escutar as zombarias daquela turma. Nenhuma equação ali que pudesse impulsionar seu desejo para seguir, querer e reinventar. Sim, é necessário ficar, pois não há para onde ir. Contudo, se essa aula fosse escrita ao inverso, Tereza poderia ir para a lua.

Sibilo

Caique Martins Pena, licenciando em letras

Era uma manhã de inverno, mas uma daquelas que só se fazem manhãs pelo nome, pois dão aí por encerradas suas semelhanças com as de outros dias ordinários. O sol permanecia escondido por trás do horizonte e dava lugar a uma sólida cobertura de nuvens negras. O frio era ainda mais acentuado por uma chuva fina que avançava insistente através de camadas de tecido, penetrando lentamente minha pele e carregando, até a medula de cada um dos meus ossos, o frio que me fazia tremer, sádico. Eu subia apressado as escadarias que ligam o Campus do Vale às paradas de ônibus, no entanto, pouco via a frente delas além de um véu branco e opaco de neblina, que pairava com uma leveza aparentemente indiferente a sua tamanha densidade. Uma representação fidedigna do sentimento de inquietude que reinava supremo em meu ser. Não sei, todavia, precisar se provocado pela atípica e soturna manhã ou pelo acúmulo de mais uma noite mal dormida e mais um atraso consecutivo à aula.

Quando entrei na sala de aula, como era de se esperar, todos os alunos já estavam acomodados em suas carteiras, reunidos em círculo ao redor da professora, que – naquele momento – interrompeu sua aula para direcionar um breve olhar na direção da porta, na minha direção. Ela, no entanto, rapidamente voltou seus olhos aos seus discípulos atentos e deu continuidade ao seu conteúdo. Me sentei em uma das carteiras reunidas no círculo, cochichando, mais para mim mesmo do que para qualquer um que pudesse estar ouvindo, uma desculpa qualquer pelo atraso. É nestes momentos que o modelo tradicional e arcaico de ensino me parece mais subestimado. Não convém ao aluno cansado e envergonhado se sentar “cara-a-cara” com seus colegas, e em uma posição onde sua participação não é só incentivada, mas às vezes também obrigatória. Nestes momentos, ter a opção de se esconder por trás de mentes mais ávidas e saudáveis é sempre mais interessante.

Enquanto vasculhava minha mochila em busca de meus caderno e estojo, observei que através da janela eu podia ver a mesma neblina de antes. Ela rastejara lentamente até lá, como uma cobra, para assistir minha ruína e, principalmente, para me lembrar de que sua branquitude povoava também cada centímetro de minha caixa craniana, enrolando-se e sobrepondo-se. Tentando me trazer de volta à realidade, desviei o olhar da janela e o fixei no caderno que acabara de colocar sobre a mesa e me mantive assim: buscando em anotações uma saída de minha mente enevoada, assim como, por trás de minha própria relutância em erguer os olhos e encarar aqueles que me cercavam, um esconderijo que envolvesse a vergonha que me parecia tão tola quanto excruciante. A aula continuava ao meu redor, eventualmente sendo interrompida por um par de pálpebras pesadas que, indiferentes a minha resistência, insistiam em escurecer minha visão e tornar ainda mais difícil me concentrar no conteúdo da aula. Intermitentemente eu ouvia as palavras que saíam, acopladas umas às outras, na forma de longas e sinuosas frases das bocas da professora e meus colegas. Falavam sobre algum conteúdo que houvera sido enviado por e-mail na noite passada e que eu não me lembrava de ter visto; sobre verbos regulares e irregulares, que formavam-se a minha frente, mas tinham um significado vago e distante; e também sobre provas que se aproximavam no calendário. Em meio a tais correntes de sons, no entanto, um especificamente se alongou persistente em meus ouvidos. Ao final de uma frase qualquer, a professora deixou escapar um “s” sibilante e chiado que me jogou em um estado de atenção plena. Simples e durando apenas poucos segundos, aquele som monopolizou todo o meu corpo, até ser substituído pelo próximo. Desta vez brotando repentinamente do meio de uma das frases de um colega a minha esquerda, novamente um som sibilante, muito semelhante ao que há pouco fora produzido pela professora, arrastou-se ruidosamente até os meus ouvidos. Este, no entanto, me surpreendeu ainda mais, fazendo meu coração disparar. Obviamente, estava me sentindo muito estúpido com a situação, afinal eram apenas sons da letra “s”, excepcionalmente altos e agudos, é verdade, mas provavelmente acidentais e incomuns. Esta minha tentativa de racionalização foi interrompida pelo terceiro sibilo, que surgira inesperada e longamente de um “ssssssssabem”, este foi mais longo e agudo do que qualquer outro

dos anteriores, tanto que, enquanto o ouvia, cheguei a me perguntar se ouviria outro som na vida, ou se para sempre apenas aquele único ricochetearia em minha cabeça. Felizmente, em algum momento que não sei precisar, o som chegou ao fim, mas – enquanto eu ainda tentava trazer minha mente de volta à realidade – pela quarta vez o sibilante som pulou em meus tímpanos, desta vez na forma de um “vocêssssssssss”. Ainda mais longo e terrivelmente alto, ele entrou rastejando através dos meus ouvidos e acomodou-se dentro do meu crânio, entrelaçando-se com o corpo branco e nebuloso que já ocupava tanto espaço.

Não conseguia entender o que estava acontecendo: por que estes sons estavam surgindo de repente de todos os lados? Por que eles tanto me perturbavam? Quando eles vão parar, se é que vão parar? E enquanto eu me fazia estas perguntas, mais e mais sons sibilantes preenchiavam o espaço a minha volta. Finalmente levantei a cabeça apenas para me deparar com um mundo sibilante: eu não mais conseguia entender o que diziam minha professora e meus colegas; seus passos e movimentos também chiavam de um lado a outro da sala; mesmo a neblina que se arrastava lá fora, sibilava lenta e indiscriminadamente. Olhei em direção a professora, talvez em busca de ajuda, ao que ela correspondeu com uma expressão confusa e um sibilo, um sibilo longo e sinuoso, assinalado por uma roxa e bifurcada língua que tremia entre seus lábios.

Ano letivo

Aline Jantsch, licencianda em matemática

I. O começo

Um cheiro esplêndido de natureza junto com o ar fresco da manhã, faziam uma harmonia perfeita com o cantar dos pássaros. Estava em minha sala de aula, olhava para o quadro verde ao qual o sol batia e deixava a sala iluminada enquanto aguardava a professora chegar.

Durante o tempo que conversava com minha amiga Angélica, sobre como ela estava, escutávamos um tac, tac, tac, tac e cada vez ficava mais alto o som *TAC TAC TAC TAC*. Com isso veio um ar quente, sensação de abafamento, uma angústia que fazia suar minhas mãos, quando a professora entrou com seu salto alto vermelho, com sua bolsa vermelha, de batom vermelho e sua echarpe vermelha que formava um triângulo perfeito em suas costas, se aproximou de sua mesa de ferro, com madeira verde na bancada e largou sua bolsa ali, se virou de frente para turma, encostou-se na mesa como quem iria sentar, cruzou os braços e tornou a falar, com um tom de voz o mais baixo possível.

—Bom dia turma, quero que todos fiquem em silêncio e quero que fiquem em ordem, em filas agora...

O arrastar das cadeiras e das mesas abafaram o som que saía da boca da professora, ao mesmo tempo que me afastava de Angélica, sentia meu coração acelerar, o ar abafado me sufocar e o sol nem refletia mais no quadro, e sim na echarpe vermelha da professora, fazendo com que uma luz avermelhada se espalhasse por toda a sala, petrifiquei-me de uma forma automática, como se não tivesse mais controle de meu próprio corpo, meus nervos, meus músculos e meus

ossos temeram tudo aquilo.

A professora fazendo um sinal com a mão de pare, retomou a falar:

— Me chamo Carmem, vou ser a professora de vocês durante este período, vocês só verão um sorriso meu, quando todos estiverem aqui, em seus devidos lugares, para fazer o exame final.

Neste momento, mesmo me sentindo sozinha e sem nenhum pássaro a me alegrar com seus cantos, me senti desafiada, por ela afirmar que iria ficar em recuperação.

Os conteúdos do primeiro dia de aula, foram: Concordância Nominal e Concordância Verbal, o que trouxe um pouco de alegria por saber os conteúdos, ou pelo menos eu pensava que sabia. Foram tantas as palavras anotadas em meu caderno, que eu nunca detestei, com tal intensidade, saber ler e escrever.

Durante todos os dias de aula com Carmem foram assim, ao escutar o *tac, tac, tac* se aproximando já ia me preparando psicologicamente, já sabia que iria ficar longe de Angélica, de imediato sentiria dores na mão direita, por causa dos textos que provavelmente teria que copiar, os pássaros não iriam mais cantar, que a sala se tornaria avermelhada e ficaria um lugar quente e abafado onde só se ouvia a voz de Carmem. Ela sempre manteve uma posição militar perante a turma, estava sempre com coque-flor nos cabelos e falava baixinho com um tom de voz frio e seco.

II. O dia do exame final

— Como eu havia falado no primeiro dia de aula, vocês só iriam me ver sorrindo, quando todos estivessem sentados em seus devidos lugares, no dia do exame final, então primeiramente entregarei o exame a vocês.

A cada *tac... tac... tac...* que ecoava pela sala, mais a minha raiva aumenta, mais a minha vontade por fazer aquela prova cresce e mais ainda a vontade de sair correndo por aquela porta, à minha direita, e nunca mais a ver na minha vida.

— Todos receberam as suas provas? Bom, então boa prova pessoal e antes que eu me esqueça...

Estava com a caneta entre meus dedos olhando para a prova, que mal conseguia enxergar perante desespero em conseguir passar naquela disciplina, quando levantei o rosto, o tempo parou... Carmem

realmente cumpriu o que falou, lá estava, sorrindo triunfalmente, tão poderosa que parecia ter vencido uma guerra, com aquele sorriso, amarelado e feio que deu para enxergar as rugas de sua boca, que seu batom vermelho contornava, junto com uma gargalhada que ecoou pela escola inteira, como que se sua risada me acompanhasse por todas as questões que eu lia em seu exame. Mesmo com as mãos suadas, tomando o máximo de cuidado para não molhar a folha de exame, entreguei minha prova e saí o mais que depressa por aquela porta à minha direita, que parecia ficar tão longe. Mas quando eu saí pela porta da sala, respirei fundo (*funnnn...*) um ar fresco com sensação de liberdade, expulsando aquele ar quente e pesado que estava sentindo em ficar lá, a claridade em meus olhos brilhou, o cantar dos pássaros voltou e me trouxe paz, como se tudo fosse muito mais lindo.

Ao andar pelo corredor, passava por salas e mais salas por ambos os lados (parecia não ter fim) - então veio a impressão de que eu já tinha passado por aquele lugar antes. Comecei a correr ao olhar para as salas, enxergando clones de Carmens no lugar de todos os professores. Corria, corria, corria e não conseguia sair daquele corredor, angustiada parei de correr. Desabei em lágrimas, porque eu sabia que não conseguiria mudar meu passado. Era tarde demais, deparei-me com sapatos de salto alto vermelho, com uma bolsa vermelha. Então comecei a andar pelo corredor. Eu precisava sair de lá. Avistei a porta no final do corredor com uma echarpe vermelha enrolada na maçaneta e um bilhete escrito:

— Seja bem-vinda professora. Abri a porta e me deparei com o espelho. Agora sim fazia sentido o fato de somente eu ouvir sempre aquele *tac... ta... tac...*

Um dia de aula

Victor das Neves dos Santos, licenciando em matemática

Foi com temor que Júlia acordou naquela sexta. Saindo de casa, novamente atrasada para a aula pois dificilmente sentia-se entusiasmada para tal, lembrou-se que ao chegar lá estaria só. Estaria sem companhia para entrar naquele prédio caindo aos pedaços, cujas paredes tinham marcas do ambiente presente na área da escola. Alguém de fora dificilmente compreenderia o que o prédio realmente era se não fosse a placa cujas letras formavam a palavra “Esco-a”. O “l” havia caído.

Júlia ia chegando na rua da escola após passar por lugares estranhos em que passava todos os dias, parou e pensou que ao entrar no prédio iria ver corredores sem tinta, pichados ou com manchas de qualquer tipo. Caminharia por um corredor sujo, e depois noutro até entrar na sala de aula, que não era diferente do resto do colégio. A diferença seriam os colegas. Ela não estaria só, pois são cerca de 30 colegas e o professor. Entretanto, para Júlia, ela só conseguia pensar que estaria sozinha em meio essa gente esquisita, para assistir uma aula com conteúdos vazios. Sempre foi assim, ela se perguntou o porquê que naquela sexta seria diferente.

Ainda parada, considerou que para mudar de vida era importante entrar lá. Foi o mesmo pensamento que ela teve durante tantos anos de colégio. Entrou no mesmo mar que já havia se banhado, e juntou suas forças. Entrou, andou e chegou até a porta. Quando abriu não viu ninguém. Foi até a parte de trás da escola, lugar conhecido por ser onde os alunos matavam aula. Lá havia um tumulto, e em meio a todas as pessoas ali presentes, alguém gritou para ela que não haveria aula naquele dia. Júlia perguntou o porquê. Lhe disseram que o professor havia partido.

Júlia fez o caminho de volta para casa com a resposta da sua pergunta interna.

A aula de matemática

Jepherson Santos da Silva, estudante de biblioteconomia

Em uma manhã qualquer, daquelas que a pessoa não cria muita expectativa. Francisco, mais conhecido como Chico, acorda para ir à aula. Neste dia estava chovendo torrencialmente, muitos relâmpagos e trovões, parecia que ia cair o mundo. Era junho em Porto Alegre, uma típica manhã fria e úmida de inverno, coisa que os habitantes da cidade conhecem bem. Chico pensou bem, *vou ou não vou à aula*, parecia que a cama tinha braços e mãos que o seguravam de forma muito forte. *Quer saber, vou sim*, levantou-se, tomou o seu café, e se despediu dos pais. Logo quando ele saiu de casa a chuva deu uma trégua. Bah! Que maravilha! Chegando próximo à escola, lembrou-se de que teria aula de Matemática com aquele professor mala, um verdadeiro pé no saco, seu nome era Antônio, conhecido pelos alunos como Toninho dos infernos, aula chata por demais. Chico tinha que encarar, fazer o quê precisava estudar para ter um futuro melhor. Quando chegou na sala de aula, viu que o professor já havia entrado com poucos colegas. Dias de chuva são assim, pouca gente vai à aula, entrou na sala e reparou que o ambiente estava escuro, um tanto sombrio, parecia uma premonição.

Perguntou ao professor: _ tem luz? E ele responde: _ não tem, não tá vendo; logo pensou: pra que responder assim, baita mal educado.

Mesmo com pouca luminosidade o professor disse que teria aula igual, daí Chico imaginou: _ será que ele vai dar uma aula mais dinâmica ou vai continuar com essa monotonia de aula. Pois é, o professor não tinha criatividade e continuou com a aula monótona, passava o conteúdo no quadro, explica de forma desinteressada; imagina só, se com luz a aula era ruim, sem luz a aula piorou mais ainda. Chico muitas vezes pensava em se revoltar e mandar aquele professor pra lua, chutar o balde, desaparecer da escola, porém ele se lembrava

do que seus pais sempre lhe diziam: _ “estudar é o único caminho para vencer na vida”, refletia bem e acabava por ficar quieto. Muitas vezes ele se lembrava das outras aulas que tinha com outros professores. Adorava a professora de Português, ela tinha muita simpatia e sempre trazia livros e contava algumas histórias em aula, ela era fenomenal, contava histórias como ninguém Chico sentia uma grande alegria em ter aulas de Português, nestas leituras realizadas pela professora Chico fazia várias viagens para o imaginário, sem sair do lugar, algo totalmente lúdico e prazeroso. Outra aula que ele adorava, era as aulas de Educação Física, sempre tinha muita disposição para fazer os exercícios propostos pelo professor, tinha muita habilidade em jogar futebol, ou seja, era a praia dele. Era nestes momentos felizes que Chico pensava, em contrapartida aquela aula de Matemática.

Voltando para aula na escuridão e fria, com o professor mal-humorado e rabugento, faltando mais ou menos uns 30 minutos para começar o recreio, Chico fez uma pergunta a respeito da matéria. Toninho dos infernos respondeu mal e porcamente a pergunta; daí então Chico disse que não entendeu a explicação, aí Toninho fala: _ como assim não entendeu? Chico responde: _ não entendi; neste momento o professor se irritou e disse: _ se não entendeu o problema é seu, vai pegar o livro e lê; Chico perde a paciência com o professor em virtude da resposta e acaba dizendo que suas aulas eram péssimas e não merecia estar dentro de uma sala de aula lidando com pessoas. Neste instante a sala ficou totalmente em silêncio, até aqueles burburinhos que é normal numa sala de aula desapareceram, foi um silêncio assustador, o Toninho dos infernos ficou tão transtornado com a situação que arremessou o giz no chão e gritou: _ vá direto para a direção, Chico disse: _ mas foi você que não explicou direito a matéria, neste instante ele começou a suar frio e ficou muito nervoso, mas tinha que ter desabafado daquela forma com o professor. Mesmo nervoso com a situação e preocupado com o que seus pais iriam dizer; naquele instante, Chico se imaginou pegando aquele Toninho pelo pescoço e dando várias porradas em sua cara, só parando no momento que ele reconhecesse seus erros e pedindo por favor que parasse, porém, Chico sabia que se fizesse aquilo ninguém lhe daria razão e ainda quem sairia por vítima na história seria o professor.

Chico se levanta para ir à direção, a luz volta, algo totalmente inusitado, neste instante volta às conversinhas paralelas na sala de aula, Chico percebeu que muitos colegas estavam o apoiando com seus olhares, muitos ali compartilhavam do mesmo pensamento, mas não tinha coragem de se posicionar como Chico se posicionou, no fundo o que eles queriam fazer era bater palmas pela atitude que ele teve.

Chico foi à direção.

Tinha sido a primeira vez no ano que alguém naquela sala de aula tinha desafiado (com razão) o Toninho dos infernos.

Anos mais tarde, Chico ficou sabendo que Toninho dos infernos tinha apanhado de fato em sala de aula, a informação que chegou a Chico é que tinha sido tão feia a situação para o professor que seus colegas tiveram que chamar a SAMU para socorrê-lo, tendo em vista que o aluno quebrou o Toninho a pau. Na sua consciência Chico pensou: _ tanto fez que tá aí o resultado, uma hora a vida cobra a conta. Um verdadeiro pesadelo para o professor de Matemática.

Branca de Neve

Clara Mossry Sperb, licencianda em letras

A sala era um retângulo enorme, com um piso de madeira velho, paredes, janelas e persianas igualmente velhas. Uma sala de aula velha, em um prédio velho. Pelas janelas abertas, sujas pelo tempo e cujos cantos eram lar de diversos insetos mortos, entrava o sol quente e agradável de início da tarde, iluminando a sala e tornando quase que inúteis as lâmpadas cilíndricas fluorescentes brancas. Junto com seus raios, vinham os sons de fora, de pássaros, a música de algum estudante qualquer praticando um instrumento qualquer ou ainda do tráfego da avenida não muito longe. Naquele enorme retângulo velho chamado de sala, devia caber uma turma de mais ou menos trinta e cinco pessoas, mas havia umas dez, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos, sentadas em um semicírculo, com as cadeiras, também velhas, encostadas nas três paredes que sobravam, já que a primeira era onde estava o quadro branco com algumas anotações, que não eram dignas de serem copiadas, feitas pelo professor, e o projetor, inútil, mostrando a página do infame *moodle*. Entre a parede do fundo e a parede da entrada da sala, a do quadro, havia um espaço vazio, preenchido somente por algumas cadeiras vazias, dispostas em fileiras um tanto quanto desorganizadas e o pó do chão velho de madeira que, apesar da constante limpeza, insistia em entrar pelas janelas velhas, trazido pelos ventos e deixando alunos alérgicos com o nariz vermelho e outros atacados da renite.

O professor acabara de mostrar um vídeo, cujas cenas mal se enxergavam por conta da luminosidade da sala, e que já eram o suficiente para deixar qualquer ser humano com um coração normal

incomodado. O motivo de tal exibição? Querer abordar o assunto *bullying* na aula. Após o tal vídeo, o homem de cabelos e barbas brancas, com um sorriso estranho que parecia congelado em seu rosto e olhos pequenos, pergunta aos poucos alunos presentes na sala, com alguns faltando em espírito, se alguém ali já sofrera ou presenciara uma cena de *bullying*. Silêncio. Alguns olhares desviados, alguns continuando a encarar o professor, todos esperando alguma alma nobre e corajosa assumir a palavra. Era evidente que ninguém na turma queria compartilhar algo sobre aquele assunto. Talvez não nos lembrássemos de nada? Ou era uma questão de manter guardado conosco histórias que talvez não tivéssemos o direito de compartilhar, por não nos pertencerem? Ou ainda algo que queríamos esquecer? O que quer que fosse, não falávamos. Nem um som vindo de nós. O professor esperava por uma resposta a sua pergunta, simples e ao mesmo tempo um tanto quanto complexa, tentando manter o sorriso, o que tornava a situação um pouco estranha. Alguém levanta a mão e começa a falar. Uma salvadora da pátria quebra o silêncio instaurado e compartilha a sua história.

E talvez por respeito à coragem da colega, todos prestam atenção. Até eu, que, em minhas divagações, estava com a mente e espírito um tanto quanto longe, voltei para aquela sala, deixando o lugar qualquer onde se encontravam meus sonhos diurnos. E voltei bem a tempo.

Não se ouvia mais barulhos do lado de fora, como se tudo tivesse parado para ouvir a voz melodiosa da moça que contava a história. E não sei se eram meus olhos pregando peças no meu cérebro, ainda não completamente de volta à realidade da aula, mas à medida que eu focava minha atenção nela, a sala ao redor escurecia, e ela ficava mais iluminada, como se alguém vindo de não sei onde tivesse posto sobre ela um holofote, daqueles que focam um único ponto no palco. Por a luz vir de cima, embaixo de seus olhos e nariz, sombras deixavam seu rosto de garota de dezessete anos, apesar de ela ter uns vinte, sombrio e, ousado dizer, um pouco assustador. Imagens flutuantes apareceram ao seu lado, no vazio escuro. E, a cada cena narrada por ela, as imagens se alteravam, de maneira a ilustrar as palavras que saíam de sua boca. A história que ela contou foi mais ou menos assim:

“Numa escola só de garotas, há muito tempo, havia essa menina. Ela era franzina, de cabelos negros e pele bem branca, diziam que ela era como a Branca de Neve, mas que nunca seria uma princesa. Ela era quieta. Nunca falava em sala, nem conversava com ninguém. Eu a achava muito estranha, e algumas colegas disseram para ficar longe, ou eu ficaria terrivelmente doente, de uma doença desconhecida e sem cura. Por medo, ficava longe. Quisera eu saber que aquilo era mentira. Talvez assim tivesse ajudado ela.”

“As outras garotas sempre a incomodavam. Puxavam seu cabelo, roubavam seu lanche, distraíam-na para se virar durante a aula, para então uma garota maldosa com giz de cera riscar por cima de todas as anotações caprichadas da pobre vítima, enquanto esta não olhava. E a menina franzina, não falava nada. Ficava quieta, não apontava dedos, não acusava ninguém. Um dia, deram uma maçã podre em sua mochila, e mandaram-na comer, pois, se ela comesse, não iria mais acordar, fazendo um favor para todos. Depois dessa crueldade, ela não aguentou, se rebelou.”

“No parquinho, estávamos brincando de pega-pega, quando ela chegou. Estava com um dos punhos fechados e olhava fixamente para uma das garotas que sempre a incomodavam. Essa, a que a garota encarava, era particularmente a pior delas. De cabelos loiros e olhos azuis, sempre levemente acima do peso, era líder do grupo, fora dela a ideia da maçã podre. E, por ser a líder e a mente por trás da tal brincadeira maldosa, também foi o principal alvo do ódio da pobre vítima. A garota franzina atravessou o pátio e puxou os cabelos da loirinha. A outra gritou e se virou furiosa. Mas virou-se só a tempo de ver o punho fechado da outra ir de encontro com a sua carinha angelical, e um pé indo de encontro a suas pernas gordinhas. Outro soco, mais um puxão de cabelos. Uma das professoras viu a cena. Levou ambas para a diretoria. A loirinha maquiavélica se safou. A vítima que desferiu o primeiro soco, levou

suspensão. Depois disso, a Branca de Neve voltou para a escola para anunciar que nunca mais voltaria. Nem para aquela escola, nem para casa, e todas que ali estudavam iriam carregar a culpa de seu sumiço, tanto aquelas que a incomodaram como aquelas que não fizeram nada.”

— Nenhuma de vocês irá se safar. Pois quem se cala e não ajuda o ferido, é tão culpado quanto o que fere. Vocês vão ver.”

“E ela sumiu. Um ano mais tarde, todas as que a incomodavam adoeceram, de uma doença desconhecida e sem cura. E quem não tinha ajudado ela, adoeceu dois anos depois, da mesma doença. Eu fui uma delas. Pensaram que doença tivesse sido causada por maçãs que estavam estragadas, de alguma maneira, pois todas que adoeceram, tiveram um ponto em comum: haviam comido, sem pensar, sem saber por que, uma maçã podre que encontraram em suas mochilas. Eu fui uma delas. Eu comi a maçã, como se tivesse sido obrigada, como se estivesse hipnotizada. Calei-me, e paguei por isso.”

E a última imagem era a moça, que agora eu percebia, era uma menina, mais jovem do que eu pensava, em uma cama, pálida, dando um último suspiro. Um médico balançava a cabeça, não conseguira salvá-la. Então, de repente, tudo escuro. E a luz do sol, iluminava a sala aos poucos. Os sons da rua voltavam a se fazer ouvir. A menina, antes moça, desaparecera. Não a achava em qualquer lugar. Para onde fora?

O professor repetiu a pergunta. Ninguém respondia.

— Ninguém tem uma história para compartilhar? Ninguém?

Eu estava confusa. Bem confusa. O que acabara de acontecer? O que quer que tenha acontecido ali naquela aula, talvez tivesse sido um sonho, talvez não, talvez eu estivesse enlouquecendo com as provas, final de semestre faz isso com a pessoa, enfim, não importando o motivo, senti um ímpeto estranho. Levantei a mão, e contei a história de uma garota franzina, que se parecia com a Branca de Neve, mas que nunca seria uma princesa.

A Festa de Debutante

Verônica Medeiros Horn, estudante de biblioteconomia

Existe uma época na escola que todos recebem muitos convites para festas. Geralmente isto ocorre no primeiro/segundo ano do ensino médio. Este ano fica conhecido como o Ano das Festas de Debutantes, a festa que a maioria das meninas fazem os pais gastarem pequenas fortunas para tornar este sonho realidade.

Mas o que muitos não sabem é que este sonho, que geralmente se torna comum entre muitas garotas em uma mesma sala de aula, não passa de uma convenção social, com uma origem um pouco sombria.

As civilizações pré-colombianas Maias e Astecas, sempre praticaram cultos de devoção aos seus Deuses, alguns destes rituais eram realizados na puberdade, com a intenção de mostrar que a criança deixaria de ser tratada como qual e passaria a ser tratada como uma mulher. Isso significava que um homem poderia tomá-la quando quisesse para formar uma família. Quando os espanhóis chegaram até estes povos o catolicismo lhes fora imposto, o que acabou acarretando na mistura das crenças. Porém o ritual da puberdade nunca se unificou totalmente, a igreja tentou de várias formas acabar com esta tradição, só que os povos continuavam a praticá-la. O objetivo do evento continuou sendo o mesmo: apresentar sua filha a sociedade como mulher, pronta para casar e procriar.

Estranhamente, famílias de nobres na Europa começaram a aderir a esta tradição do Novo Mundo. Eles convidavam outras famílias com filhos jovens, com a intenção casarem suas filhas com os meninos que mais suprissem as necessidades de suas famílias. Então eram realizados bailes onde os jovens iam conquistando a família

da moça com seus dotes linguísticos, modos e situação econômica. O que importava naquela época era a família do jovem com quem a moça iria se casar, na maioria dos casos a felicidade da menina e sua opinião não eram levadas em consideração. Como sua opinião não tinha valia nenhuma naquela época, muitas meninas fugiam com seu verdadeiro amor, pois não queriam se casar com quem os pais haviam escolhido. Se a filha desobedecesse às instruções era severamente punida pelo pai, ou marido e em alguns casos pela própria igreja na frente de todos em plena Praça Principal. Muitas fugiam, outras eram capturadas e em alguns casos até seu verdadeiro amor era punido.

As punições poderiam ser severas, principalmente para aqueles que eram donos dos corações das nossas. Estas punições iam desde prisão perpetua, escravagismo, forca e guilhotina. Aqueles que eram mortos decapitados ou enforcados ficavam com seus corpos expostos por alguns dias para que outros tomassem como exemplo e cometessem os mesmos erros. Assim surgiu o que hoje conhecemos com Festa de Debutante ou Festa de 15 Anos.

Nossa história se desenrola no meio de uma destas festas convencionadas, e junto dela temos a nossa protagonista, uma menina nada convencional. Que era até mesmo discriminada por não aceitar o “normal”.

Esta festa era o sonho conjunto de três meninas, que se uniram para torná-lo real. O sonho seria realizado na quadra de esportes da escola, onde havia espaço suficiente para todos os convidados.

A escola inteira se mobilizou para que a festa fosse a mais perfeita possível, alguns ajudavam com a decoração, outros com a comida, outros ainda com a pista de dança e com as músicas que iriam embalar este sonho. Foi feita uma divisão de trabalho onde todos possuíam uma tarefa para que tudo no final saísse perfeito.

A nossa protagonista sempre fora muito quieta, não era de se envolver com os colegas. Ela sempre preferia ficar no seu canto, só observando o que acontecia ao seu redor. Como ela pertencia a turma de uma das meninas que estão debutando, ela por consequência estava automaticamente convidada a participar. O seu nome era Alana, ela gostaria de nos contar a sua história.

Eu nunca fui convidada para uma festa antes por ninguém, as pessoas me acham esquisita, acho que alguns até possuem algum

medo de se aproximar de mim, mas eu entendo as pessoas geralmente possuem medo do desconhecido, como sou desconhecida a elas, é natural que sintam medo de mim. Sei que não fui propriamente convidada por alguém, só recebi o convite por que era colega de uma das aniversariantes. Sei também que ninguém está esperando que eu vá nesta festa, mas será minha primeira e talvez única chance que terei de ir a uma festa como esta. Então já estou decidida, eu vou, mesmo que tenha que passar o tempo todo sozinha.

Alana estava decidida de que iria a festa. Mesmo que sua presença não seja notada, mesmo que passasse a noite invisível, mas no fundo ela queria que alguém a notasse e que pelo menos a tirasse para dançar uma única música ou até mesmo só viesse conversar com ela. Sua esperança só aumentava conforme o dia da festa se aproximava.

Alguns dias se passaram, a festa ocorreria no dia seguinte, todos estavam muito ansiosos, foi um trabalho duro deixar tudo perfeito para o grande dia. E Alana estava uma pilha de nervos, pois não sabia como as pessoas iriam reagir à sua presença, mas a esperança de ser notada chegava ao máximo, já possuía um vestido que havia comprado especialmente para a data, já havia ido ao salão feito as unhas e até mesmo uma hidratação no cabelo.

É amanhã!!! Será que alguém finalmente irá me notar? Como na festa não irá só ter pessoas da escola minhas chances aumentam. Espero que meu vestido esteja à altura da festa, e que as pessoas olhem pelo menos uma vez na vida para mim sem medo. Eu preciso pelo menos uma vez na vida parecer normal. Sei que nem vou conseguir dormir direito esta noite por conta do nervosismo.

No dia seguinte os últimos detalhes no salão estavam sendo checados, todas as três aniversariantes estavam um peso de nervos, mas além delas Alana parecia ainda mais nervosa, como se a festa fosse dela. Já estava tudo acertado: seu pai iria levá-la na festa e quando Alana quisesse voltar só precisava ligar para ele que viria buscá-la também.

Já são quase cinco da tarde, a festa começará às sete, tenho um bom tempo para me arrumar. Primeiro um bom banho, em seguida maquiagem, vestido e por último o penteado que mamãe irá fazer. Devo me apressar como estou nervosa! Será que vai dar tempo de fazer tudo e chegar na hora? Não quero ser uma das primeiras pesso-

as a chegar para não chamar tanta atenção, mas também não quero ser uma das últimas.

Era visível o quanto nossa protagonista estava nervosa, ela queria que tudo saísse como o planejado, mas todos nós sabemos que a vida não é feita só das coisas que queremos. Mas sonhar nem sempre faz bem a alma, ainda mais a alma de uma menina que sofria muitas discriminações na escola.

O banho fora tomado com calma enquanto a cabeça de Alana pensava e imaginava mil coisas. Ainda com a toalha no corpo e no cabelo, sentou-se na frente da sua penteadeira e se olhou no espelho, pensando se um vestido, maquiagem e um belo penteado a fizessem ser notada. Sabia que as chances disso eram bem pequenas, pensou em desistir, que só perderia seu tempo. Foi quando sua mãe entrou no quarto e lhe deu a coragem que estava faltando, fazendo-lhe uma linda maquiagem bem suave que combinaria com seu novo vestido. Falando em vestido, ele era lindo, possuía um corte que valorizava o corpo que sempre lutou para esconder. Era branco, um tomara-que-caia que valorizava seus pequenos seios, era justo na cintura e possuía alguns detalhes em cinza parecendo um cinto, longo com uma saia um pouco volumosa, era perfeito, tinha de ser. Alana se preocupava com todos os detalhes. Mamãe será que assim está bonito? A maquiagem não está exagerada? Será que este penteado que a senhora fez não está demais? Mãe, não sei se consigo fazer isso, não nasci para ir em festas cheia de pessoas que sei que não gostam de mim, estou muito nervosa.

Eram quase sete horas quando Alana saiu de casa. Como levava 45min até a escola, não chegaria tão cedo na festa. Quando seu pai parou o carro no portão da escola já dava para se escutar a música tocando alto na quadra de esportes. Respirando fundo, arrumando uma coragem que não se sabe de onde surgiu, Alana se dirigiu para festa.

Na entrada da quadra, já podíamos ter uma ideia da decoração: havia em cada lado da porta um vaso de flores cheio de rosas vermelhas, os enfeites das mesas eram flores de diversos tipos, o que dava a cada mesa um cheiro diferente, perto da pista de dança a fumaça deixava dava uma dificuldade para quem esta em volta de ver o que estava acontecendo lá no meio, alguns casais se aproveitavam disso para darem alguns amassos durante as músicas. Alana logo adentrou

a quadra, ela estava suando frio, com medo da reação das pessoas, mas logo que atravessou a porta, algum que outro olhar se voltou a ela.

É, até que não foi tão ruim assim, acho que não tinha muitos motivos para ficar tão nervosa. Diferente do meu dia-a-dia essa foi a primeira vez que ao entrar em um lugar alguém me olhou. Acho que vou me sentar em uma das mesas mais ao fundo, não quero chamar muita atenção, só quero ser notada por poucas pessoas.

Na quadra havia muitas pessoas, mesas e luzes. Estas mesas ocupavam metade da quadra. À frente, quase na entrada, havia um pequeno palco com um balanço para que as aniversariantes pudessem tirar algumas fotos. No lado esquerdo deste palco havia um outro espaço com um fundo vermelho e mais algumas rosas para que os convidados da festa pudessem tirar fotos com as aniversariantes. Bem no meio havia a pista de dança onde várias pessoas se divertiam.

Todos pareciam estar festejando. Vejo sempre pessoas novas entrando na quadra, poucos olham para mim, tenho a esperança de que alguém me tire para dançar. Avisto muitas outras pessoas tirando fotos, as aniversariantes não param de sorrir, elas parecem estar realizadas. Já eu... estou aqui torcendo só para que alguém fique sem medo e venha falar comigo. Minhas esperanças estão diminuindo cada vez mais rápido.

Havia muitos convidados adultos, crianças, e principalmente adolescentes, pessoas de várias idades, todos se encontrando satisfeitos, felizes e alegres com tudo que acontecia à sua volta. Barulho de conversa, risadas e uma música bem alta completavam a trilha sonora que embalava a festa. Mas lá no fundo da quadra havia um contraste para tudo isso. Nossa protagonista que havia adentrado a festa com um belo sorriso, agora estava sentada sozinha em um canto com um olhar de esperança que aos poucos ia se apagando.

Eu sei que a esperança deveria ser a última coisa a acabar, mas é difícil saber que mesmo tentando fazer de tudo para ser notada, ninguém é capaz de vir falar comigo, minha vontade é de gritar: “Olhem, eu estou aqui, eu não mordo, podem vir falar comigo”, mas sei que passaria por louca e aí sim minhas chances se resumiriam a zero. Essas flores que enfeitam a mesa já estão me dando náuseas, espero que esta festa acabe logo ou que alguém venha falar comigo.

Alana estava se entediando com tudo aquilo... já não havia mais esperanças...estar ali para ela estava se tornando uma perda de

tempo. Ela já não era vista por mais ninguém, aqueles poucos olhares que antes recebia agora estavam entretidos com outras coisas.

As pessoas que antes me olhavam, agora estão ocupadas fazendo outras coisas, do que adiantou tudo isso??? O que eu fiz de errado?? Por que ninguém me nota? Mesmo tendo me produzido toda para essa festa não foi o suficiente para mudar o que já acontecia comigo. Às vezes os olhares das pessoas só veem o que elas querem, e eu não sou uma dessas coisas.

Alana, havia se acostumado com a sua situação de invisível!

Na festa havia várias pessoas que eu conhecia, mas é claro que não havia pessoas com quem realmente mantinha contato. Então resolvi ligar para virem me buscar, já não queria estar mais ali... tudo à minha volta estava feliz e alegre, enquanto dentro de mim tudo estava da mesma cor da fumaça que divertia os outros, cinza a cor do tédio. Mas antes de chamar meu pai pensei em uma maneira de ser notada, pelo menos até a hora de ir embora.

Alana se levantou de sua mesa e foi em direção das meninas que estavam comemorando seus aniversários e quando chegou até elas tratou de se apresentar e mostrar como se faz para ser notada pelo menos uma vez na vida.

Sei que o que vou fazer é errado, mas não posso deixar passar esta oportunidade. Olá meninas, provavelmente vocês não sabem quem sou. Só estou aqui por ser uma colega de classe de vocês, só agora arranjei coragem de vir falar com vocês e dizer que se eu que nunca fui notada, não consigo realizar um pequeno sonho que é ser vista uma vez na vida, o sonho de vocês também não será perfeito. Pois para realizar o meu vou ter que estragar um pouquinho o de vocês, e para isso tenho um pergunta a lhes fazer: Vocês conhecem a origem da Festa de Debutantes???

PARTE III

***CONTOS
PRODUZIDOS POR
LICENCIANDOS E
EX-LICENCIANDOS
CONVIDADOS***

81

Natália Nodari⁴

Bom dia, pessoal. Hoje nós vamos...

Sora, posso entrar?

Hoje nós vamos...

Mas sora, no meu relógio são sete e meia em ponto!

Nós vamos abrir o caderno e...

Era pra trazer o caderno hoje?

Vamos abrir o caderno e copiar os exercícios de morfologia que eu...

Sora, posso ir no banheiro?

Que eu vou ditar para vocês...

O JOÃO TACOU UMA BORRACHA EM MIM!

Indique a classe gramatical das palavras nas frases abaixo...

Mais devagar, sora.

In-di-que a classe gra-ma-ti-cal das pa-la-vras...

Sora, a diretora disse que eu posso entrar. Ó o bilhete aqui, ó

Frase número um...

Classes é com c cedilha?

Frase número um: A minha colega está muito feliz hoje.

A minha o que?

Colega está mui-to fe-liz ho-je. Frase número dois: Aqueles meni-
nos...

Sora, não posso ir no banheiro mesmo?

Aqueles m...

ALGUÉM PEIDOU.

Aqueles meninos foram comprar margarina, ovos...

⁴ Natália Nodari é formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atualmente faz mestrado em Literatura Portuguesa na Universidade de Coimbra. Nos dias felizes escreve um blog chamado *O Segundo Cu*. Nos tristes, também.

FOI O LUCAS!
Margarina, ovos e fermento para fazer um...
NÃO FUI EU NÃO, SEU PAU NO CU!
Lucas, chega.
MAS NÃO FUI EU!
Lucas, quer sair para conversar com a diretora?
NÃO FUI EU, SORA!
Vou ditar de novo. Frase número dois: Aqueles meninos foram comprar ma...
...LANDRAMEEEEEENTE.
Éric, para.
A MENINA INOCEEEEENTEEEE...
Éric, já chega.
AIIII SAFAAAAADAAAAA!
Éric e Leonardo, sentem.
MALAAAAANDRAAAMEEN...
Éric e Leonardo, eu não vou pedir de novo.
Sora, por favor deixa eu ir ao banheiro por favor, por favor, por favor.
Frase número dois: Aqueles meninos foram comprar margarina, ovos e GABRIELA GUARDA ESSE CELULAR AGORA!
Mas sora, é a minha mãe
AGORA.
mãe.
NÃO INTERESSA.
Sora, eu não anotei a frase número um.
Anota depois, Jéssica. Atenção aqui, pessoal, por favor. Frase número dois: aqueles meninos foram comprar margarina, ovos e GABRIELA, ME ENTREGA O CELULAR.
Ah não, sora.
Agora.
Mas sora...
Vai entregar pra mim ou pra diretora?
...
Gabriela?
AH NÃO SORA VAI SE FODER!
Gabriela, rua.
....
Em que frase nós estávamos mesmo?

Dois, sora.
Ah, é mesmo. Aqueles dois meninos foram comprar margarina, ovos e fermento para fazer um...
Eu vou me mijar.
Fazer UM BOLO, Arthur.
Sora, é sério .
Anotaram? Agora frase número...
Sora
Frase número três...
Deixa eu ir...
Anotem aí:
NO BANHEIRO!
Choveu graniiiiisso é um isqueiro, hein? ARTHUR?
Sora
Sora o sinal acabou de tocar
Sora? Onde a senhora tá indo? Hoje temos dois períodos de au...
Sora
Sora
Sora
Sora
Sora
Sora o que a senhora tá fazendo perto dessa pared...
SORA PARA DE BATER A CABEÇA AÍ!
Sora pelo amor de...
SORA?

O Colégio Santa Teresa de Ávila informa aos senhores pais ou responsáveis que Maria Medeiros Andrade já não se encontra mais no cargo de professora de língua portuguesa das turmas de oitavo ano. A partir do dia 02/08 as aulas serão ministradas pela professora Rita Maria dos Santos.

Att,

Lourdes Alvarenga.

A “decâdent” docência

Daniel Leal Racheli da Silveira⁶

Seleção natural: ou vai, ou racha!

Era cedo. O sol recém surgia no horizonte profundo e já parecia inevitável o atraso. A pequena Dora mal sabia o que lhe esperava. Apesar de todos os sussurros positivos e dos reforços de praxe, ainda havia um receio quanto ao ingresso de Dora na educação formal – vulgo: escolinha. Nem dois anos ainda havia gasto nesse mundo, mas parecia a coisa certa. Os responsáveis por ela não mais poderiam tê-la em seus braços o dia todo pois seu modelo de vida os impelia ao abandono inevitável. E assim se seguiu o modelo cultuado localmente. A mochila pronta – fraldas, roupas extras, cantil d’água, e tudo mais de bugigangas que pode-se imaginar para essas duas horas iniciais que Dora ficaria naquele ambiente novo e misterioso.

Esse pequeno período de ingresso é chamado de adaptação. Apesar do belo e cortês nome empregado, adaptação não parece ser o termo mais adequado para esse momento (tanto do ponto de vista biológico quanto corriqueiro).

Alguns minutos depois lá estavam eles, Dora seu pai. Prontos para o encanto de um espaço lúdico, feliz, cheio de histórias e estórias, etc. Caminharam juntos, sem titubear. Logo chegaram em uma casa grande com um portão metálico e grande lateral. A porta

rangendo abriu-se e eles entraram naquele ambiente trajado de arco-íris. Caminharam pelo corredor e cada vez mais se encontravam longe da saída. Aos poucos passavam por outros ambientes onde emergiam alguns gritos misturados a choros e cânticos acompanhados de palmas, quase como um ritual de algum culto obscuro. Em meio a cacofonia abriu-se um novo corredor e no fim desse trajeto uma porta. Ambos repararam que o ambiente todo possuía grades e travas de segurança (nas janelas, portas, fechaduras, pinos, etc). Mas ainda pensando em todas coisas boas que escutaram, sem medo invadiram a pequena sala!

Quatro mulheres adultas e crianças espalhadas pela sala chorando, “correndo”, martelando brinquedos coloridos, e por aí vai. Em meio a tudo isso as “Profs” tentavam acalmar as crianças que nunca haviam visto-as e queriam seus, agora (i)responsáveis, de volta. Ranho, lágrimas, saliva e vermelhidão se mesclavam com um ambiente caótico e turbulento de revolta e – pasmem!: amor. O pai de Dora estremeceu as frágeis pernas e rapidamente Dora se pôs a lacrimejar. Sem perder tempo uma Prof. fitou-a e a agarrou dos braços do pai, tentando “acalmar” a pequena Dora. Fadada ao fracasso, Dora esperneava e desidratava ferozmente. Espremia todos músculos de seu corpo tentando se contorcer para correr de volta ao fraterno e aconchegante colo do pai. O pai, atônito com seu entorno não sabia o que fazer, e - mesmo não sendo religioso - só conseguia pensar: Meu Deus! Após vários minutos de gritos e desespero, já não aguentando mais, Dora e seu pai só conseguiam pensar: Me tirem daqui! Socorro! Agora!!!!

Mas nada disso aconteceu. Era o dever do pai mantê-la ali e acalmá-la para ficar naquele espaço; e era dever de Dora se adequar ao novo ambiente que ela poderia chamar de “lar temporário”. E assim se passaram os minutos, que viraram horas, e depois dias. No fim, entre choros, desgraça, abandono, desespero, desesperança e muitos outros adjetivos que possam ser enquadrados aqui, Dora e se pai finalmente perceberam:

Ambos haviam se adaptado.

⁶ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Prefeitura Municipal de Sant’Ana do Livramento. Pai, entusiasta e louco. Lazer preferido: ser ameba.

Missão espacial

O recém formado Artem – ou Professor Artem, como gostava de se gabar em frente do espelho – não via a hora de por em prática todas as horas gastas com diferentes teorias durante anos de estudo e noites mal dormidas na graduação. Que falácia! Nem havia sido tão difícil assim, mas o que importa é o drama que ele sentia ao pensar nisso!

Então, o jovem Artem já estava lecionando, e, como bom discípulo que foi um dia mas agora mentor, decidiu aplicar as belas e potentes teorias em seus seguidores.

Após alguns estudos e planejamentos em casa, o Prof Artem resolveu tentar criar um foguete com seus queridos alunos. Teriam eles a chance de compreender melhor as características de fenômenos físicos como o ar, estudar trajetória, gravidade, engenharia, aplicar geometria, além de assuntos curiosos como exobiologia, etc. Ainda por cima, teriam eles todo o trabalho de confecção do foguete que desenvolveria uma série de habilidades motoras, cognitivas, sociais – pois precisariam trabalhar em grupo para o sucesso da missão - e ainda por cima, todos estariam feliz aprendendo Ciência!

Assim, o Prof. Artem reuniu seus alunos no laboratório e explicou o planejado. Todos foram rapidamente, em um mutirão, arrecadar fundos e materiais para tornar concreto o plano – algo que não seria nada barato...

Com todos os preparativos feitos, Prof. Artem e seus discípulos (discentes como gostam de dizer) dirigiram-se para o pátio da escola onde testemunhariam o lançamento de “Perseus-1a” – um robusto e esplendoroso foguete de um metro de comprimento que de tanta emoção parecia se estender ao infinito!

Artem, ou melhor: Prof. Artem e seus discípulos cercavam Perseus-1a a uma distância segura de três metros. Os olhares quase amassavam a lataria do foguete que sufocava perante tamanha tensão e ansiedade. As orelhas de todos estavam em riste e poderiam escutar até mesmo as folhas se soltando das árvores próximas. Então, Prof. Artem com seu gigantesco e trambolhoso controle de lançamento em mãos dá início a contagem regressiva.

— 3... – seu dedo posiciona-se sobre um botão vermelho piscante.

— 2... – o dedo encosta no botão...

— 1... – todos estremecem e uma pressão massiva recai no frágil botão.

Silêncio... nada acontece.

Uma falha mecânica? – pensa Prof. Artem. O controle é passado para um aluno próximo e o Prof. Artem vai de encontro a Perseus-1a. Ao tatear o foguete em busca de falhas: BUM!

Pedaços do Perseus-1a são projetados e arremessados em todas as direções! A explosão é tremenda! O sangue jorra do que sobrou de um cotoco do antebraço do jovem e entusiasta Prof. Artem. Os discípulos ficam estarecidos com os estilhaços que os ferem e com o sangue do Professor misturado a crua terra, acompanhados de urrus ensurdecadores de dor.

Em meio a tudo isso: Sucesso! Perseus-1a foi para o espaço! Fim!

O caso das Xamixunga

Xamixunga é uma criatura com corpo formado em anéis. Possui ventosa em sua extremidade anterior e se alimenta de sangue. É recorrente de ambientes lamacentos e aquáticos. Vivem em grandes cavernas e possuem uma sociedade complexa.

Em meados de um inverno rigoroso as xamixungas decidiram por se “entocar” em uma rede de vastas cavernas à beira de um açude. E assim fizeram. Todas juntas, pouco a pouco foram povoando aquelas vastas grutas e infinitos canais que formavam prolongadas redes. Como de praxe na sociedade das xamixungas, um dos espaços onde aquele povoado se assenta (nesse caso uma das grandes grutas) é utilizado apenas com o propósito de suprir necessidades educacionais daquelas xamixungas. Nesse caso, uma das xamixungas já muito experiente e com treinamentos únicos para exercer sua função. Clamam essa xamixunga por Xamixunga-mór. E aqui começa esse caso:

Em mais um dos dias de trabalho da Xamixunga-mór, a mesma dirigiu-se para a Gruta dos Saberes. Chegando lá já se deparou com várias pequenas xamixungas, todas fazendo fila em ordem de quantidade de anéis (quanto mais anéis, mais veterana é a xamixunga). Naquela manhã o planejamento da Xamixunga-mór era trabalhar o Dia

dos Namorados. Assim sendo, a mesma juntou todos as pequenas xamixunguinhas em uma sala improvisada e deu início aos trabalhos:

— Bom dia a todos! Que rico dia está hoje! – exclamou a grande xamixunga.

— Bom dia!!! retrucaram as pequenas xamixunguinhas em unísono.

— Hoje vamos falar sobre o papai e a mamãe de vocês. Como estamos na semana do Dia dos Namorados, vamos todos dizer os apelidos carinhosos que os pais da gente usam em casa. – continuou a Xamixunga-mór.

— ÊÊÊÊÊ!!! – gritaram as xamixunguinhas alegremente.

E assim seguiram, cada xamixunga aprendiz falando os carinhosos e afáveis apelidos que eram utilizados em seu belo lar. Enfim, é chagada a hora de Hematita compartilhar os pronomes corriqueiros de seu lar.

— Hematita, é sua vez. Quais são os apelidos em sua casa? – perguntou a Xamixunga-mór.

— Xamixunga-mór... o meu pai sempre chama minha mãe de traste. Mas ela gosta. E as vezes também de puta. – respondeu um pouco envergonhado Hematita.

— Que horror! E tua mãe não faz nada?! – perguntou assustada a grande Xamixunga-mór.

— Sim! Ela sempre fala que ele é um bêbado desgraçado. Daí meu pai não gosta e bate nela. Eiiiiii... mas bate de cansar. E sempre me diz que é assim que as xamixunga gosta. – responde Hematita com o peito estufado e feliz com seu conhecimento.

Já sem palavras a Xamixunga-mór decide intervir e esclarecer o ocorrido:

— Pequeno Hematita. Na verdade as xamixungas gostam de carinho. — E aos poucos foi amenizando aquele momento chocante.

— Sim. Sim... – respondia Hematita acenando com a cabeça juntamente com seus colegas.

Apesar das concordâncias discretas, lá no fundo Hematita sempre soube que o que as xamixungas gostam mesmo é de ser xingadas e apanhar. Caso contrário, por quê outra razão seu pai faria aquilo todos os dias?

Fim.

Paz

Luisa Nicoleite da Silva, licencianda em biologia

Hoje a janta não foi nobre. Comeu primeiro o feijão sobre o arroz e depois o frango, bebeu dentre as cachaças a mais palatável e limpou-se na camisa amarela manchada de suor.

Hoje a janta não foi nobre. Munido das mais belas toalhas, dos mais finos talheres, dos mais sutis desalinhos e de toda a fome do mundo, caiu de boca. Deu a primeira bocada num bocado um tanto grande e orgulhou-se do sentimento que desfazia-se entre os dentes.

Hoje a janta não foi nobre: devorou seus irmãos com o escárnio de uma vida. Embriagou-se em ressentimentos e logo clamou por mais, mas em minutos nada mais havia — comera não somente seus irmãos, tios, tias, vizinhas e comadres, como agora mastigava também os próprios braços.

Hoje a janta não foi nobre, mas sentimento já não há. Entre a enésima cachaça pouco palatável e a tristeza do mundo, viu-se um vulto: eis o homem que sentia tudo, que sentia muito e que amava a todos.

Despediram-se:

Já não amo,

já não vês,

mas afinal nos separamos

e vai em ti

todo o ódio que vi

pelas ruas da cidade.

Monstro – vianda

Eduarda Ritzel, licencianda em ciências sociais

São 6:15 da manhã. O ano de 2035 está quase chegando ao fim. Um relógio surrado e velho desperta. É hora de ir.

Ela anda pelas ruas da pacata cidade de Madeira Rosa, 1.120 habitantes enclausurados em um município de mais ou menos 5 quarteirões. Um cheiro de café velho vem da única e suja padaria da cidade e impregna suas narinas. Ela é obrigada a passar pelos mesmos lugares todos os dias. O cinza do dia faz as ruas ficarem vazias mais uma vez. Em Madeira Rosa praticamente nunca há sol, são raros esses momentos em que qualquer raio solar atinge a cidade.

O vento sopra durante a manhã cinzenta, seu cabelo negro esvoaçante sente o ar gélido e pesado, que vai chegando em sua espinha. O arrepio é imediato, e a sensação estranha. Há algo errado.

Chega atrasada para a aula, é claro, mentalmente contando os segundos para ir embora. Senta-se na cadeira fria e torta, esperando a manhã acabar. Os tijolos marrom-avermelhados da parede da sala de aula continuam sujos depois de tantos anos. Os nomes rasurados nas classes enfileiradas continuam no mesmo lugar também. Foram tantas as pessoas que passaram por essa sala e que deixaram suas marcas cravadas na madeira, no concreto...na própria pele.

Agora a sala já não tem mais janelas. “Ordens superiores”, ela ouviu dizer. Parece improvável, mas é real: não há ar. Não há vento. Não há vida.

Ela fecha os olhos. Abre-os novamente, mas continua nessa sala escura e tão cheia de gente, e ao mesmo tempo, incontrolavelmente,

tão vazia para ela. De alguma forma, sabe que está condenada a permanecer nesse maldito lugar.

Fecha os olhos novamente, mas continua enxergando todas as faces de si mesma.

Tenta gritar, desesperadamente. Falha. Tenta gritar mais uma vez – precisa que alguém a escute, que alguém abra seus olhos novamente!, que alguém a desperte do devaneio, precisa ser agora.

Há algo se aproximando. Ela não sabe o que é, mas aproxima-se a cada respiração, das profundezas de algum lugar...

Ele emerge.

Um monstro. Maior do que qualquer coisa que já tenha visto, que expõe sua carne avermelhada, grossa, cheia de furos. Das cavidades deste corpo grotesco jorra um sangue que ferve, que pulsa, vermelho-vivo, malcheiroso. É o monstro-vianda. A cada centímetro de sua carne morta-viva há gotículas de dor, ansiedade, tragédia, sofrimento.

Ele tenta a atacar, deixando marcas de sangue por onde passa. Ela está desesperada, tentando encontrar uma forma de se proteger, mas cada toque desse monstro horroroso em sua pele faz com que ela sinta angústia. Dor.

Quando olha para o fundo dos olhos deste monstro é que percebe que está olhando para si mesma. Ela se reconhece. É o próprio monstro. Mas não entende o que faz ali. É então que começa a se afogar, no que pensa que é e afoga-se cada vez mais no medo do que irá se transformar. Nada com todas as forças, mas não emerge. Não há ar. Não importa o que faça, ninguém a escuta, ninguém a salva. Seu desespero é particular.

Sente o rosto ficar quente e o corpo adormecer. Já não sabe mais onde está. Quer correr, mas não sabe como mover as pernas.

Algumas horas passaram. Ou será que foram apenas segundos? O tempo não significa nada.

Sente uma pressão estranha em seu ombro e uma voz adocicada em seu ouvido:

“Está na hora, todos estão indo.”

Ela desperta, assustada. Não há mais ninguém.

Todos foram, ela ficou.

Aquários

Victória Muccillo, licenciada em biologia

Chego às 18:36 ao prédio azul me sentindo vitoriosa. Seis minutos de atraso ainda se enquadram no espectro da pontualidade. A aula de hoje era no quinto andar e valia a pena esperar pelo elevador. Outras pessoas chegavam agitadas, respirando pela boca, e formavam uma fila única para os dois elevadores - um estava no sétimo e o outro no nono. O meu olhar vaga pelo saguão e encontra com o de um dos funcionários que lá trabalha. Sorrio em meia lua e olho para o chão. Não vejo se ele sorriu de volta. Do chão fui às paredes, e um papel velho estava colado com fita crepe. *“Como o tempo custa a passar quando se espera. Principalmente quando venta...”* Erico Veríssimo”. Dessa vez, quando sorri, não olhei pra ninguém - mas mostrei os dentes. Julguei apropriado. O elevador chega e as pessoas vão se acomodando: do fundo para a porta, das paredes para o meio. Quinto andar. Peço licença, e saio. 18:42. A sala já estava cheia. O professor já tinha começado e naquela sala não tinha vento. Respirava agora um ar úmido e quente produzido pelos corpos lá estacionados. A luz branca daquele ambiente representava sua real temperatura e me faz lembrar a barriga de uma baleia: clara, de cor fria. Lembro das suas pregas ventrais, que dão textura àquela superfície de cor desmaiada e imagino os meus dedos passando por entre elas, encaixando perfeitamente, deslizando até que o fim de cada profundidade empurrasse meu dedo para fora. O dedo escolhia uma nova prega. Sentia a barriga dura e fria, embora soubesse que o animal é de sangue quente. Aquela luz era demais àquela hora da noite. Fazia com que eu tivesse que franzir a testa e apertar os olhos para filtrar a quantidade de luz que passava.

Sempre me conforta muito saber que não importa onde eu estiver, os meus pensamentos podem extrapolar qualquer território. Uma das minhas visitas mais frequentes era um quarto onde morei um ano atrás. Eu tinha medo de esquecê-lo, então eu tentava lembrar de cada detalhe: os interruptores de luz, o cheiro que me recepcionava quando eu abria a porta, o quanto da barra das cortinas dobrava por encostar no chão, a posição do tapete e aquela única tábua levantada que acumulava sujeira. Reconstruía cada detalhe de cada gravura da parede e a sua distribuição. Às vezes, consigo ouvir o barulho de molas que fazia quando eu sentava na cama ou o barulho de um balão que esvazia quando escapa da mão que o aquecedor produzia ao ser desligado automaticamente à meia-noite. Reacomponho os objetos da mesa, cada volume que acumula pó, os livros, a régua de tomadas. Esse quarto tinha suas janelas soldadas e eu o chamava de “O Aquário” por causa disso. Lembro das minhas chaves e das portas que eram abertas por elas e, de repente, eu estava em outro elevador: amarelo, menor e mais antigo do que o do saguão, de porta pesada. Recordo o som que ela fazia quando destravava e, então, poderia empurrá-la com meu peso e abri-la. O professor olha pra mim. Talvez ele tenha me feito uma pergunta, mas acho que não. O meu olhar firme de volta o convencia de que eu compreendia o que ele dizia. Luz de barriga de baleia. Desejo que a sala tivesse a luz daquele último elevador. Percebo meus colegas calmos, quase imóveis. Invejo aqueles poucos que estão de fato prestando atenção com seus lápis em punho. Me parecia que o tempo deles era mais fácil do que o meu. Pego meu celular e a bateria acaba assim que tento desbloqueá-lo. Olho no relógio de pulso e vejo a hora: 18:42.

Um frio desce em linha pela nuca até o fim da minha coluna vertebral. Meu coração dispara e começa a ficar difícil de respirar. Meus membros perdem a força, como se derretessem por dentro, e fico enjoada. Senti vontade de levantar e vomitar. Imediatamente olho para os colegas e eles não parecem entender o que estava acontecendo. Mas com eles absolutamente nada estava acontecendo. Viro-me e pergunto as horas para um colega atrás de mim. 18:42, ele disse. Ainda estou enjoada. Tento respirar fundo e regular a minha respiração. Faço isso contando os segundos em que prendo o ar, entro em longa apnéia como um cetáceo, até finalmente soltá-lo devagar. Tento forçar um ritmo. Tento forçar a calma. A voz do professor ficava dis-

tante. Eu tinha que me concentrar e apertar ainda mais os olhos para conseguir entender o que ele dizia. Mas ele estava lá: continuava dizendo e eu não entendia. Mudo o foco da minha atenção como um animal que ajusta o intervalo audível ao pôr em pé as suas orelhas, e eu ouço os lápis correrem pelos papéis, o barulho de alguém que cansou da posição e agora se ajeita com preguiça na cadeira, sobre ela deslizando sua roupa.

O meu olhar para, e me transporto de volta para o meu aquário. O seu cheiro e o barulho do aquecedor. Os posters na parede. Enxergo a cor da fita que prendia cada coisa e se essa fita estava colada por fora ou em alça no seu verso, mantendo a moldura imaculada. Reimagino as formas geométricas que o sol fazia nas paredes à chegada de mais um final de tarde e como elas foram se alongando com o passar do ano até voltarem a ficar mais rápidas com a volta dos dias curtos de inverno. Mesmo com medo, olho o relógio de novo. 18:42. Presto atenção aos números na tentativa de associá-los com alguma senha secreta que eu pudesse ter criado. Não tinha nada. A voz do professor agora fazia carinho na barriga da baleia. Eu, engolida pelas pregas. Meu coração bate tão rápido que eu sentia seu preciso formato, tamanho e o seu latejar esmagador de máquina dentro do meu peito. Tento lembrar o que comi no almoço e remontar o meu dia até a chegada àquela sala. Nada. Um gosto de carne crua vem à boca. Meu coração era o único ritmo real, pois meu corpo abandonara o respirar. Olho ao redor: corpos tortos em forma de vírgula mexiam em seus celulares, o grafite esfarelado no papel. E nada de vento dentro da sala. Retorno ao quarto da minha cabeça e surpreendo-me com algo novo na parede: vejo o mesmo papel de antes. *“O tempo demora a passar quando venta”*.

Em aquários não se venta. Naquele aquário não se passa tempo.

Educação & Política (letra de Rap)

Vinicius Ribeiro Correa, licenciando em matemática

Primeiramente fora aquele que não deve ser nomeado
Jamais confie em alguém que teve o Cunha de aliado
Lava Jato: peculiar maneira de investigação
É o impeachment acabando com a corrupção
Completa ilusão, mídia tendenciosa e parcial
Como gostam de apoiar o inconstitucional
Alguns projetos de lei agradam os reações
O escola sem partido é uma escola com mordança
Ideologia ultrapassada e um congresso conservador
Fatores contribuintes para um quadro de horror
Alienando os alunos e calando o professor
Expressar opinião não é ser doutrinador
Aqui torturador é homenageado por fascista
E ainda tem quem pense que o PT é comunista
Olho pro futuro com receio eu confesso
A cada medida temos mais um retrocesso
Anunciam o novo plano para aposentadoria
A escala de trabalho com mais horas por dia
E na educação essa medida provisória
Excluindo do currículo disciplina obrigatória
Restringindo o debate sobre o nosso ensino médio
“O jovem no Brasil nunca é levado a sério”

Inaceitável a educação ser tão precarizada
Se obteve um diploma deveria saber a tabuada
Saber ler e interpretar as frases de um texto
Não repetir a ideologia de um voto a cabresto
Desenvolver as suas ideias pra uma boa redação
A crise educacional é um projeto de exclusão
Plano estratégico muito bem executado

Refletido no professor que nunca é valorizado
E ainda tem político com cara de pau e hipocrisia
Falando que professor tem privilégio e regalia
Precarizam o ensino menosprezando a profissão
Pra depois apoiar a privatização
E seguimos assim, com muita insanidade
Dizem que quem não tem dinheiro não faz universidade
Nos tratam apenas como massa de manobra
Não querem cidadãos, querem apenas mão de obra

Cidadania é importante, só matéria não é tudo
Dar aula é muito mais que transmissão de conteúdo
Notório saber não significa ter didática
Mostro na teoria pra não sofrer provando a prática
Precisamos de mudança, mas sem esse ato falho
Que visa exclusivamente o mercado de trabalho
Estamos presos num sistema de linha de produção
A educação que muda o mundo, não o mundo a educação
Todos temos o que aprender, sem ego ou arrogância
Educação que conscientiza tem que ser desde a infância
Discussão de gênero é pra combater a intolerância
Se afunda um país alimentando a ignorância
Se afunda um país atacando a classe trabalhadora
Contradições que continuam na Pátria Educadora
O investimento em saúde continua sem aumento
Resulta mais horas na fila esperando atendimento
Os que pagariam por congelamento de verba do SUS
São os candidatos a ficarem sem água e sem luz
Somos explorados por banqueiros e patrões
Que por ganância condenam as próximas gerações
Me diz quantos milhões que vão enriquecer
Entre os que saem pra trabalhar antes do sol nascer

Me diz qual é o mérito de quem recebe umas heranças
Distribui essa ilusão para adultos, jovens e crianças
Empurram meritocracia pra quem não teve oportunidade
Acobertando o nível de ensino e escolaridade
Nem todas as pessoas tiveram chance de estudar

Existem motivos pra evasão escolar
Índice das crianças que estão fora da escola
Ninguém gosta de estar num lugar pedindo esmola
E quem é que vai punir quem pega verba da merenda
A justiça prejudica os que possuem uma baixa renda
Desigualdade que alimenta a taxa de homicídios ao ano
E as constantes violações dos direitos humanos
Enquanto moral e bom costume pros cidadãos de bem
É garantir que os presídios não recuperem ninguém
Não tente defender uma juventude encarcerada
Baseada na mesma lógica que prendeu o Rafael Braga
Temos quantos condenados sem direito a julgamento
Barbárie é o senso comum que aplaude linchamento
Que ignora o genocídio e comemora assassinato
Isso é o senso de justiça totalmente deturpado
É o desejo de vingança ficando mais em evidência
Não investir em educação é investir na violência

Justificativa

A letra começou a ser escrita durante o segundo semestre de 2016, logo após a confirmação do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff.

A inspiração foi um seminário institucional do PIBID UFRGS, onde os grupos de alunos do PIBID Matemática apresentariam vídeos com suas experiências dentro de sala de aula nas escolas. A ideia inicial da letra era apresentar um verso pequeno sobre a educação vista de um professor novato, porém em outubro de 2016 começaram a ocorrer o processo de ocupações de alguns cursos dentro da UFRGS, iniciado pelo curso de Letras, sendo eu um dos integrantes da Ocupa Exatas, a ocupação dos cursos de Matemática, Estatística, Física e Química da UFRGS. Durante a ocupação a letra foi se desenvolvendo, muito em conta do meio político que se construía. A PEC 55/241 do teto dos gastos, o projeto “Escola sem Partido” e a MP 746 do ensino médio eram pautas recorrentes de debates, palestras e rodas de conversa dentro das ocupações. Com as ocupações a data do seminário foi postergado para 2017 e terminei de finalizar a letra no início deste mesmo ano.

POSFÁCIO

Sodoma e Gomorra: a educação entre berros apáticos e silêncios estridentes

André Guerra⁵

Tenho um amigo professor. Ele me contou – ou eu inventei, já não lembro mais – que uma de suas alunas – de uma de nossas escolas nem tão à periferia assim – só não lhe cuspiu à cara por um desses inexplicáveis acasos que compõem aquilo que nós habitualmente chamamos de “vida”. Segundo ele, a aluna desde sempre era desinteressada, implicante, desafiadora, enfim, um verdadeiro estorvo às aulas de qualquer um. Com a aula dele não era diferente. Com um misto de ódio e perplexidade ele balbuciou olhando no fundo dos meus olhos que, apesar disso tudo, não esperava por aquele comportamento da aluna.

A causa mística com a qual ele significou toda essa inusitada situação foi a da falta de estrutura das organizações educacionais públicas. Ele justificou-se – convincentemente por sinal – afirmando que na outra escola – a privada, com a ajuda da qual multiplica sua jornada de trabalho em duas – isso não ocorreria – ao menos não daquela maneira tão violenta.

— Na escola privada ninguém agiria desse jeito — despejou. — E se agisse, haveria todo um amparo que não deixaria algo assim sem represália — concluiu seu desabafo, meio tristonho, meio revoltado.

À medida que me descrevia o ocorrido, ia ficando mais irado. Cada palavra parecia lhe sair da boca como se fosse uma navalha que lhe cortava a carne. Pouco a pouco ele ia conseguindo dar forma à narração do episódio: a aluna – ao passar por ele que estava postado de pé diante da porta esperando que ela deixasse a sala depois de ter sido mandada se retirar por mais uma de suas tantas extrapolações

⁵ Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atualmente é doutorando. É membro do grupo de pesquisa Ideologia, Comunicação e Representações Sociais na UFRGS e membro do Aletheia: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Existencial na UFCSPA.

– quase colou seu rosto no rosto dele apontando para as bochechas incandescentes do professor humilhado e debochando soltou: “está vermelhinho, é?!”, “está vermelhinho, é?!”. Rindo-se malemolente e displicente deu às costas e saiu da sala.

Honesto, meu amigo terminou a história simplesmente me dizendo que sentiu vontade de matá-la.

Estorvo, desafio, represália, morte... Curioso pensar como ocorreu o deslocamento dos sentidos nesse relato que se propôs começar contando a história de um professor, mas que terminou com um quase assassinato de uma aluna... Quem frequenta nossas salas de aula hoje em dia e dispõe de alguns sentidos básicos de percepção certamente não consegue deixar de constatar o óbvio: as semelhanças inconfundíveis entre nossos dispositivos educacionais e os campos de batalha. Com mais ou menos sofisticação, há uma verdadeira guerra – muitas das vezes declarada – entre professores e alunado. Isso seria mesmo, como acredita meu amigo, um privilégio da educação pública?

Depois de passado esse episódio, meu amigo diz que tudo o que espera dessa escola é apenas paz. Declarando esse seu ávido desejo, cabisbaixo deixa seus olhos esmorecerem ao fixarem o chão. Seu silêncio estridente me consterna.

Sem mais palavras para lhe consolar, nos despedimos e vou embora. Será que o verei de novo? Meu peito aperta por alguma razão. Mas daí lembro que estou no final do semestre e uma pilha de provas me esperam para serem corrigidas, uma pilha de chamadas me esperam para serem presenciadas, uma pilha de planos de ensino me esperam para serem preenchidos, uma pilha de tantas outras pilhas de tantas outras tarefas burocráticas me esperam para serem burocratizadas. Hoje ser professor é ser burocrata.

Agora, aliviado do peso no peito pelo meu amigo e enfim oprimido pelo peso das minhas próprias dores, confortavelmente soterrado por minhas burocracias, sigo meu caminho... Será que estou andando em círculos?

Para nós, modernos, “Ética” é tão somente mais um desses tantos termos que possuem uma auréola beata, seja pelo empenho dos filhos das igrejas, seja pelo empenho dos filhos de Kant em conceituarem o termo. A verdade é que nos deixamos convencer de que Ética

remete a algo que de algum modo se refere à paz. Não seria essa ambição pela pacificação o primeiro e mais viril dos ideais civilizadores?

Não há como separar a história das civilizações da história das colonizações. A paz é um mecanismo que só se faz uma questão necessária quando estamos diante de nossos inimigos. A paz não é mais do que o recalque da guerra.

Tudo o que o silêncio do meu amigo suplicava era pela paz com seus alunos. Esse desejo, por si só, tem muito a dizer para todos nós, educadores – ou seria melhor dizer: para todos nós, civilizadores burocratas? A identidade com a qual vamos nos deixar definir é inextricável da finalidade que acreditamos perseguir. Ser educador seria ser capitão-do-mato? Seríamos nós, com nossa cruz e nossa espada, salvadores de almas?

Definitivamente, desde sempre nossa educação parece ter sido completamente voltada para paz. Talvez até mais do que isso: não teria sido desde sempre a nossa educação nada mais do que um instrumento eficaz de pacificação, domesticação? Burocratas ríspidos se defenderiam:

— Ora, mas se a prática educativa não se sustentasse pela paz como condição de possibilidade, o que lhe restaria? Fomentar a guerra?

Ouso rebater: se não há paz, haveria, necessariamente, a guerra? Talvez, nem a paz – com seus acordos temporários –, tampouco a guerra – com sua ávida busca por um novo acordo, por uma nova pacificação mais conveniente – sejam a nossa condição. Talvez se pararmos para prestar atenção à nossa vida, o que nos apareça como um contínuo na nossa vivência não seja, nem a estabilidade, nem a instabilidade, mas a tensão permanente entre esses termos. Não seríamos nós, então, seres em perpétua crise? Seres, portanto, perpetuamente *críticos*?

Ainda que concordássemos nesse ponto, teríamos coragem de afirmar que nossa educação é crítica? Teríamos coragem de assumir que talvez nossa educação não se ocupe daquilo que talvez seja o mais próprio da nossa condição humana? Como explicar esse desavergonhado distanciamento entre educação e crítica? Não seria justamente esse distanciamento que está tornando cada vez mais insustentável a prática de “educar”? Será que ainda sabemos o que queremos dizer com “educação”? Ou essa seria mais uma das tantas outras falsas obviedades naturalizadas impiedosamente e que com

verborragia utilizamos sem sequer saber que talvez não tenhamos a mínima ideia de o que queira dizer?

Para quem eventualmente está chegando agora de Marte gostaria de lembrar que tudo à nossa volta está ruindo. Os telhados de vidro já desabaram faz tempo. Muitos alunos já não acreditam mais que a escola ensine alguma coisa de relevante para vida; muitos professores já não acreditam mais que sejam capazes de fazer qualquer diferença na vida de seus alunos. Alunos néscios, professores burocratas.

Precisamos explicar melhor a causa do divórcio?

Seria esse desmoronamento da “Educação” um privilégio da nossa educação básica? Evidentemente que não. Quem já esteve nas salas de aula de nossas universidades públicas ou privadas aposto que não teria coragem de afirmar um contexto absolutamente diverso.

A verdade é que a educação parece ter implodido. Por quê? Eu arriscaria dizer que por falta de desejo. Não há mais tesão algum no *saber* (esse conhecimento com sabor). Talvez porque na sociedade da informação em que vivemos – que muitos insistem em mentir chamando de “sociedade do conhecimento” – todo mundo tenha acreditado que informação e conhecimento, dados e saber, são a mesma coisa. Talvez sejamos a sociedade mais bem (in)formada de todos os tempos, disso não há dúvidas; mas ao mesmo tempo talvez sejamos também uma das mais estúpidas. Espere.

Respire.

Não tire conclusões precipitadas. Não vou começar agora a fazer uma apologia ao resgate de uma qualidade perdida de uma educação milagrosa de outrora. Ao contrário, não quero dizer que a tolice generalizada que nos afoga se dê pela falta de conhecimento. Ao invés disso considero justamente o oposto. Talvez nossa tolice se dê pelo excesso de informação que acumulamos avidamente sem ter a menor ideia de o que fazer com ela. Apenas batemos palmas ao vermos aumentarem nossas pilhas de papeis pintados com letras cujas frases sequer são capazes de produzir qualquer sentido que seja em nós. Atente: eu disse *sentido*! Será que até o próprio termo *sentido* também não deixou de fazer *sentido* para nós? Será que ainda vemos algum sentido na importância do *sentido*?

Já nos perguntamos seriamente para o que serve nossa matemática, nossa história, nossa física, nossa geografia, nossa literatura, nossa filosofia, enfim, nossa ciência e nossa cultura? Se não sabemos

para o que esses saberes todos servem, é certo que não estamos mais falando de saber, mas sim de informação. Saber sem uma radical reflexão ética não é saber, é capricho. E ninguém mais tem saco para isso.

O problema é que todo mundo se incomoda igualmente com a mesma questão: de um lado estão os alunos achando os professores patéticos com seus berros implorando por atenção; de outro lado estão os professores achando os alunos estúpidos com seus silêncios desafiadores. Enquanto a presença do professor se impõe como uma ausência perante os alunos, a ausência dos alunos se impõe como uma presença para os professores. Cada um berra a seu modo, mas ninguém se ouve, afinal todos se odeiam.

Falando em ódio, todos aprendemos muitas coisas sobre o amor, respeito, reverências e tudo o mais o que compõe uma louvável tradição humanista pietista. Além de ser questionável o quanto do sentido profundo dessas questões são de fato apreendidos, tudo aquilo que faz parte do “*dark side*” que nos compõem enquanto totalidade aberta fica “recalcado” – nem se poderia dizer “é condenado”, porque o ódio, a raiva, o egoísmo, a perversidade, a monstruosidade e etc. nem chegam a se tornarem questões passíveis de condenação; tudo o que é tido como feio deve ficar do lado de fora, é tratado simplesmente como se não existisse, como se nunca tivesse existido.

Não há nenhuma pretensão psicanalítica aqui, apenas uma constatação: há muito nossa educação não educa, ela adestra. No momento em que educação e crítica se divorciam, quem educa esquece que a educação é um projeto impossível e que, portanto, está em perpétua indeterminação; esquece também que nenhuma última questão é a questão última; esquece, enfim, que entre o mal e o bem, o errado e o certo, o falso e o verdadeiro, o feio e o belo não há apenas uma ponte ou estrada em que o professor é o condutor do pior ao melhor, mas que entre esse opostos há um permanente jogo, uma constante disputa, uma tensão insolúvel em que o professor é só mais um dos jogadores disputando com os alunos não só sobre como ensinar a “vencer”, mas também disputando a legitimidade dos próprios critérios e princípios que instituem o que é a vitória e de que modo ela deve ser alcançada.

É esse esquecimento que talvez esteja fazendo, por exemplo, com que o mais “negativo” daquilo que agora muito se critica sob o rótulo

lo de “pós-modernismo” esteja tomando corpo; quem sabe também seja esse esquecimento que esteja favorecendo com que nossas ruas estejam sendo tomadas por aquilo que igualmente se critica sob o rótulo de “fascismo”. Será que nós, educadores, não temos nada a ver com isso tudo? Não teríamos recalcado de tal modo as infinitas possibilidades de sentido; moralizado de tal modo a existência; nos distanciando de tal modo de uma radical e violenta prática ética que tudo aquilo que “de pior” que talvez sempre tenha estado latente em todos nós tenha se tornado agora um almejado traço de distinção, discernimento e singularidade? Não seria o cuspe, o cuspir no rosto da autoridade, no rosto da educação, no rosto do verdadeiro, do bem e do belo um ato em busca de respiro, de liberdade, de crítica? Qualquer um pode afirmar que atos como esse não vão na direção desses valores, entretanto, quem poderia retirar o direito ou convicção desses atos serem pensados, sentidos, desejados? A ética não é a prática que diz quais atos devem ou não ser praticados, qual caminho deve ou não ser seguido – esse é o papel da moral. O que a ética faz é buscar os fundamentos desses atos e revirá-los do avesso, problematizando justamente o *sentido* que supostamente os legitimariam. Ética é uma radical abertura à alteridade, mas não só àquela boa, bela, beata, mas também àquela alteridade maligna, perversa, diabólica. Um primeiro requisito para Ética é a coragem. Ainda temos coragem para uma educação ética e crítica?

Sejamos honestos: todos fingimos o tempo todo.

Fingimos que a educação não é uma fábrica de tolos adestrados para o mercado;

Fingimos que docência básica privada não é escrava de um rentabilíssimo dispositivo narcotizante;

Fingimos que a educação básica pública não é um depósito;

Fingimos que a docência superior não é uma linha de produção;

Fingimos o tempo todo que realmente nos preocupamos com a educação;

E talvez sabe por que não nos preocupamos com essa situação? Porque estamos tão atarefados fingindo que não sobra tempo de pensar sobre esse mar de fingimento.

Para piorar tudo, os professores que vão às ruas denunciar esse mar de fingimento são retratados pela mídia do nosso país como baderneiros e pela nossa polícia, como inimigos de Estado. Mais do mesmo fingimento. Fingimento por toda parte.

Fingimos que não é a mídia a grande educadora do nosso país;

Fingimos que não é o Choque o dispositivo mais avançado da nossa democracia;

As nossas leis não se voltam a favor da educação, mas contra ela. O pensamento crítico está, finalmente, em vias de ser criminalizado – se é que já não o foi enquanto tu lês esse texto já como uma notícia de um passado não muito distante.

Ao menos, o melhor disso tudo, é que nosso Congresso Nacional já cansou de fingir. Quem diria! Contrariando a todas expectativas, foi dos nossos políticos, dos políticos brasileiros, que nasceu, ao vivo e a cores, em horário nobre, o basta ao fingimento! Nossos políticos não queriam mais esconder o que fazem, para quem fazem e como fazem. Até que enfim estamos vivendo tempos verdadeiros! Vida longa à verdade nua e crua da nossa *realpolitik* tropical.

A verdade é que nem fora, nem dentro das organizações educacionais as pessoas estão felizes fazendo o que fazem. Adoecimento por toda parte, por todo o corpo. Estamos doentes e adoecidos. Somos doentes e adoecedores. É óbvio. Seria possível que a doença dos professores, células da educação, não adoecesse a todo o sistema? Teriam os professores se tornando, ao invés de mobilizadores da diferença, vetores de adoecimento?

Podemos por um lado perguntar: que instituição, que sistema é esse que torna seus agentes os principais carrascos? Por outro lado também podemos perguntar para o que agimos quando agimos na educação? Que educar é essa que educamos que permite tornar a educação um lugar distópico? Talvez por todo mundo saber que ninguém está satisfeito onde está, é que nossos espaços supostamente ocupados com a educação se converteram cada vez mais em espaços ocupados pelo controle e disciplina. O resultado disso é que professores e alunos, ao invés de se verem como aliados num per-

curso comum, terminam por se digladiar na procura por métodos de burlarem a astúcia uns dos outros. Esse processo cria cada vez mais burocracia para os professores e distanciamento para os alunos. O jogo dos professores é criar obstáculos que tornem a conquista dos diplomas e títulos pelos alunos uma tarefa suficientemente árdua e sofrida; o jogo dos alunos é encontrar modos de sobreviverem e chegarem lá. Haveria outra finalidade para nossos métodos cada vez mais sofisticados de controle de presença, notas e provas? Alguém perguntaria: há um método alternativo a tudo isso? Eu acrescentaria: e se houvesse, existiria a real possibilidade de ser implementado qualquer método alternativo nesse contexto de precariedade logarítmica em que nos encontramos?

Sob muitos aspectos talvez hoje estejamos entrando no pior momento da história de nossa educação, momento pior do que a ascensão do tecnicismo, pior do que a supremacia da meritocracia, pior do que a nobreza dos métodos de avaliação quantitativa. Porém, pior mesmo do que todas essas decadências contínuas e organizadas que se abateram sobre a nossa educação é o momento em que declaramos – nem sempre de forma explícita – que no fundo, no fundo, a educação que não diga respeito ao adestramento excelente, não tem mais nenhuma finalidade para nós.

Vivemos o momento em que a educação não é mais concebida no senso comum como experiência, como vida; mas unicamente – talvez exclusivamente – como finalidade, como mera utilidade. Em outras palavras, vivemos o momento da total ausência do desejo por educação. Os professores que ainda temos são os sobreviventes; os alunos que ainda teremos serão as cobaias.

No cenário que se desenha parecem despontar poucas alternativas. Uma delas é esperar; a outra é a de começarmos do começo, quem sabe recolorindo a noção de Ética com um sentido radicalmente crítico e nos apropriarmos, como educadores, das exigências que a contemporaneidade já não nos deixa mais ignorar. Quais exigências? De aprendermos com aqueles que devemos ensinar a como conviver nesse estado de ambivalência e tensão; entendermos que a paz não é um estado, mas uma circunstância, e que, tão importante quanto saber como construir, é saber como lidar com a destruição iminente; é saber como nos posicionarmos diante de situações em que qualquer posição é impossível; talvez hoje em dia, mais importante

do que a preocupação com a assepsia, é aprendermos a nos sujar; a educação, enfim, deveria se encaminhar para longe de uma prática limpa, para se aproximar de um *saber-cómo* – uma arte, uma ars – sobre praticar com a sujeira.

Meu amigo – que talvez pudesse ser eu – ainda não encontrou uma maneira limpa de se matar. Por enquanto só a medicação não lhe oferece riscos de se sujar com o próprio sangue... A boleta de cada dia lhe garante mais um dia de esperança pela paz. “Só por hoje” é a frase que repete para si mesmo todos os dias diante das suas olheiras matinais refletidas no espelho.

Meu amigo, assim como tantos outros, não consegue mais deixar de sentir seu sangue invisível escorrer enquanto teme a destruição vinda da ira dos céus. Temer é suficiente para nos salvar – ou é exatamente o que está nos matando? Todos sabemos a resposta. Mas, enquanto não agirmos, talvez não encontremos alternativas. Será que não seria justamente a destruição criativa o ingrediente vital que esteja faltando para trazermos vida e sentido a esses tristes e vergonhosos tempos de temeridade?

Este livro foi composto nas fontes Abril Text, Fira Sans e Eds Market Bold Slant, e impresso em 2018 na Gráfica da UFRGS.